

# GEORGE R.R. MARTIN

AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO - LIVRO DOIS

## A MURALHA DE GELO



TRADUÇÃO DE JORGE CANDEIAS





O Portão dos Cavalos de Vaes Dothrak era composto por dois gigantescos garanhões de bronze, empinados, cujos cascos se encontravam trinta metros acima da estrada, formando um arco pontiagudo.

Dany não saberia explicar porque necessitava a cidade de portão se não tinha muralhas... nem edifícios que ela conseguisse ver. Mas ali estava, imenso e belo, com os grandes cavalos a enquadrar a distante montanha púrpura atrás deles. Os garanhões de bronze atiravam longas sombras sobre a erva ondulante quando Khal Drogo fez o *khalasar* passar sob os seus cascos e avançar ao longo do caminho dos deuses, ladeado pelos seus companheiros de sangue.

Dany seguia-os montada na sua prata, escoltada por Sor Jorah Mormont e o irmão Viserys, de novo a cavalo. Depois do dia, no mar de erva, em que o abandonara para que regressasse a pé ao *khalasar*, os dothraki tinham passado a chamar-lhe, entre risos, *Khal Rhae Mhar*, o Rei dos Pés Seguros. Khal Drogo oferecera-lhe um lugar numa carroça no dia seguinte, e Viserys aceitara. Na sua teimosa ignorância, nem compreendera que troçavam dele; as carroças destinavam-se a eunucos, aleijados, mulheres a dar à luz, os muito jovens e os muito velhos. Isso conquistou-lhe mais um nome: *Khal Rhagat*, o Rei Carroça. O irmão de Dany pensara que o gesto era a maneira do *khal* de se desculpar pelo mal que a irmã lhe fizera. Ela pedira a Sor Jorah que não lhe contasse a verdade, para que não sentisse vergonha. O cavaleiro respondera que um pouco de vergonha não faria mal nenhum ao rei... mas fizera o que ela pedira. Foram precisas muitas súplicas, e todos os truques de cama que Doreah lhe ensinara, para que Dany conseguisse fazer com que Drogo aceitasse que Viserys se lhes voltasse a juntar à cabeça da coluna.

— Onde está a cidade? — perguntou ao passarem sob o arco de bronze. Não havia edifícios à vista, não havia pessoas, via-se apenas a erva e a estrada, delimitada por fileiras de antigos monumentos provenientes de todas as terras que os dothraki tinham saqueado ao longo dos séculos.

— Lá à frente — respondeu Sor Jorah. — No sopé da montanha.

Para lá do portão dos cavalos, deuses pilhados e heróis roubados erguiam-se de ambos os lados da coluna. Divindades esquecidas de cidades mortas ameaçavam o céu com os seus relâmpagos quebrados quando Dany

passou com a sua prata a seus pés. Reis de pedra olhavam-na do alto dos seus tronos, com os rostos lascados e manchados, e até os nomes perdidos na névoa do tempo. Donzelas ágeis e jovens dançavam em plintos de mármore, vestidas apenas de flores, ou despejavam ar de jarras estilhaçadas. Monstros erguiam-se na erva junto à estrada; dragões negros de ferro com jóias no lugar dos olhos, grifos rugidores, manticoras com as suas caudas de espinhos prontas a atacar e outras bestas de que não conhecia o nome. Algumas das estátuas eram tão belas que lhe roubavam a respiração, outras tão disformes e horríveis que Dany quase não suportava olhá-las. Estas últimas, disse Sor Jorah, tinham provavelmente vindo das Terras das Sombras para lá de Asshai.

— São tantas — disse ela enquanto a sua prata avançava lentamente — e de tantas terras.

Viserys estava menos impressionado

— O lixo de cidades mortas — disse com desprezo. Teve o cuidado de falar no Idioma Comum, que poucos dothraki compreendiam, mas mesmo assim, Dany deu por si a olhar de relance os homens do seu *khal*, para se assegurar de que não o tinham ouvido. Ele prosseguiu em tom jovial. — Tudo o que estes selvagens sabem fazer é roubar as coisas que homens melhores construíram... e matar. — Soltou uma gargalhada. — Eles sabem *mesmo* como matar. De outro modo não teriam qualquer utilidade para mim.

— Eles agora são o meu povo — disse Dany. — Não lhes devias chamar selvagens, irmão.

— O dragão fala como lhe apetece — disse Viserys... no Idioma Comum. Lançou uma olhadela por cima do ombro a Aggo e Rakharo, que seguiam atrás deles, e concedeu-lhes um sorriso trocista. — Como vês, aos selvagens falta a esperteza para compreender o discurso dos homens civilizados. — Um monólito de pedra desgastado pelo musgo, com quinze metros de altura, erguia-se sobre a estrada. Viserys olhou-o com tédio no olhar. — Quanto tempo teremos de arrastar-nos por entre estas ruínas antes que Drogo me dê o meu exército? Estou a ficar farto de esperar.

— A princesa tem de ser apresentada ao *dosh khaleen*...

— Às feiticeiras, pois — interrompeu o irmão — e vai haver uma pantomima qualquer de profecias por causa do cachorrinho que ela tem na barriga, já mo haveis dito. Que tenho eu com isso? Estou farto de comer carne de cavalo e o fedor destes selvagens deixa-me doente. — Cheirou a larga manga pendente da sua túnica, onde era seu hábito colocar um saché. Não teria ajudado grande coisa. A túnica estava nojenta. Todas as sedas e pesadas lãs que Viserys tinha trazido de Pentos estavam manchadas pela dura viagem e apodrecidas pelo suor.

Sor Jorah Mormont disse:

— O Mercado Ocidental terá alimentos mais do vosso agrado, Vossa Graça. Os mercadores das Cidades Livres vão lá vender os seus produtos. A seu tempo, o *khal* honrará a sua promessa.

— É melhor que o faça — disse Viserys em tom sombrio. — Foi-me prometida uma coroa, e tenciono possuí-la. Ninguém escarnece do dragão. — Ao ver uma obscena imagem de uma mulher com seis seios e cabeça de furão, afastou-se para a inspeccionar mais de perto.

Dany sentiu-se aliviada, mas não menos ansiosa.

— Rezo para que o meu sol-e-estrelas não o deixe à espera por muito tempo — disse a Sor Jorah quando o irmão se afastou o suficiente para não a ouvir.

O cavaleiro olhou duvidoso para Viserys.

— O vosso irmão devia ter esperado em Pentos. Não há lugar para ele num *khalasar*. Illyrio tentou preveni-lo.

— Ele partirá assim que tenha os seus dez mil homens. O senhor meu esposo prometeu uma coroa dourada.

Sor Jorah soltou um grunhido.

— Sim, *Khaleesi*, mas... os dothraki olham para estas coisas de forma diferente de nós, ocidentais. Já lhe disse isso, tal como Illyrio, mas o vosso irmão não escuta. Os senhores dos cavalos não são mercadores. Viserys pensa que vos vendeu, e agora quer receber o seu pagamento. Mas Khal Drogo diria que vos obteve de presente. Sim, dará em troca um presente a Viserys... na altura que escolher. Não se *exige* um presente, em especial a um *khal*. Não se exige nada a um *khal*.

— Não está certo fazê-lo esperar. — Dany não sabia porque estava a defender o irmão, mas estava. — Viserys diz que podia varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki.

Sor Jorah resfolegou.

— Viserys nem conseguiria varrer um estábulo com dez mil vassouras.

Dany não podia fingir surpresa com o desdém na voz do cavaleiro.

— E se... e se não fosse Viserys? — perguntou. — Se fosse outra pessoa a liderá-los? Alguém mais forte? Poderiam realmente os dothraki conquistar os Sete Reinos?

O rosto de Sor Jorah tomou uma expressão pensativa enquanto os seus cavalos avançavam juntos pelo caminho dos deuses.

— Nos meus primeiros tempos de exílio, olhava para os dothraki e via bárbaros seminus, tão selvagens como os seus cavalos. Se me tivésseis feito essa pergunta nessa época, Princesa, ter-vos-ia dito que mil bons cavaleiros não teriam dificuldade em pôr em debandada cem vezes mais dothraki.

— Mas se vos perguntasse agora?

— Agora — disse o cavaleiro — estou menos seguro. Eles montam melhor a cavalo do que qualquer cavaleiro, são completamente destemidos, e os seus arcos têm maior alcance do que os nossos. Nos Sete Reinos, a maior parte dos arqueiros guerreira a pé, protegida por uma muralha ou por uma barricada de paus aguçados. Os dothraki disparam dos dorsos dos cavalos, em carga ou em retirada, não importa, são tão mortíferos de uma forma como de outra... e há *tantos*, senhora. Só o senhor vosso esposo conta com quarenta mil guerreiros montados no seu *khalasar*.

— Isso é realmente assim tanto?

— O vosso irmão Rhaegar levou esse número de homens para o Tridente — admitiu Sor Jorah — mas os cavaleiros não eram mais do que um décimo. O resto eram arqueiros, cavaleiros livres e soldados apeados, armados de lanças e piques. Quando Rhaegar caiu, muitos deitaram as armas fora e fugiram do campo de batalha. Quanto tempo pensais que uma tal gentilha aguentaria contra a carga de quarenta mil guerreiros, a uivar com sede de sangue? Quão bem os protegeriam os justilhos de couro fervido e as cotas de malha quando as setas caíssem como chuva?

— Não muito tempo — disse ela — e mal.

Ele confirmou com a cabeça.

— Mas notai, Princesa, que se os senhores dos Sete Reinos tiverem a esperteza que os deuses concederam a um ganso, nunca se chegará a esse ponto. Os cavaleiros do mar de erva não apreciam as artes do cerco. Duvido que conseguissem tomar até mesmo o mais fraco dos castelos dos Sete Reinos, mas se Robert Baratheon fosse suficientemente tolo para lhes dar batalha...

— E é? — perguntou Dany. — Um tolo?

Sor Jorah ponderou por um momento.

— Robert devia ter nascido dothraki — disse por fim. — O vosso *khal* dir-vos-ia que só um covarde se esconde atrás de muralhas de pedra em vez de enfrentar o inimigo de espada na mão. O Usurpador concordaria. É um homem forte, bravo... e suficientemente imprudente para defrontar uma horda dothraki em campo aberto. Mas os homens em volta dele, bem, os seus flautistas tocam outra melodia. O irmão Stannis, Lorde Tywin Lannister, Eddard Stark... — Cuspiu.

— Odiais esse Lorde Stark — disse Dany.

— Roubou-me tudo o que amava por causa de uns quantos caçadores furtivos piolhentos e da sua preciosa honra — disse Sor Jorah em tom amargo. Ela compreendeu que a perda ainda lhe doía. O cavaleiro mudou rapidamente de tema. — Ali está — anunciou, apontando. — Vaes Dothrak. A cidade dos senhores dos cavalos.

Khal Drogo e os seus companheiros de sangue levaram-nos através do grande bazar e do Mercado Ocidental, e pelas largas ruas em frente. Dany seguia-os de perto na sua prata, observando a estranheza que a rodeava. Vaes Dothrak era ao mesmo tempo a maior e a mais pequena cidade que já vira. Estimou que devia ser dez vezes maior do que Pentos, uma vastidão sem muralhas nem limites, com largas ruas varridas pelo vento, pavimentadas de erva e lama e atapetadas de flores silvestres. Nas Cidades Livres do Oeste, as torres, as mansões, os casebres, as pontes e as lojas amontoavam-se em cima umas das outras, mas Vaes Dothrak espalhava-se langorosamente, tostando ao calor do Sol, antiga, arrogante e vazia.

Até os edifícios eram muito estranhos aos seus olhos. Viu pavilhões de pedra talhada, mansões de erva entretecida tão grandes como castelos, vacilantes torres de madeira, pirâmides de degraus revestidas de mármore, longos salões abertos ao céu. Em lugar de muros, alguns locais estavam rodeados por sebes espinhosas.

— Nenhum deles é parecido com nenhum outro — disse.

— O vosso irmão tinha parte da verdade — admitiu Sor Jorah. — Os dothraki não constroem. Há mil anos, quando queriam fazer uma casa, escavavam um buraco na terra e cobriam-no com um tecto de erva entretecida. Os edifícios que vedes foram construídos por escravos trazidos para aqui das terras que saquearam, e cada um foi erguido segundo o estilo do respectivo povo.

A maior parte das casas, até as maiores, pareciam desertas.

— Onde estão as pessoas que vivem aqui? — perguntou Dany. O bazar estivera cheio de crianças a correr e homens a gritar, mas fora dele vira apenas alguns eunucos a tratar dos seus assuntos.

— Só as feiticeiras do *dosh khaleen* vivem permanentemente na cidade sagrada, elas e os seus escravos e criados — respondeu Sor Jorah — mas Vaes Dothrak é suficientemente grande para alojar todos os homens de todos os *khalasares*, caso todos os *khals* decidam regressar ao mesmo tempo à Mãe. As feiticeiras profetizaram que um dia isso aconteceria, e, portanto, Vaes Dothrak deve estar pronta para acolher todos os seus filhos.

Khal Drogo fez finalmente alto perto do Mercado Oriental, onde as caravanas vindas de Yi Ti, Asshai e das Terras das Sombras vinham fazer negócio, com a Mãe das Montanhas erguida sobre as suas cabeças. Dany sorriu ao recordar a jovem escrava do Magíster Illyrio e a sua conversa sobre um palácio com duzentos quartos e portas de prata maciça. O “palácio” era um cavernoso salão de festas feito de madeira, cujas paredes de madeira rudemente talhada se elevavam a mais de dez metros de altura, com um tecto de seda cosida, uma vasta tenda ondulada que podia ser montada para afastar as raras chuvas, ou desmontada para acolher o céu sem fim.

Em torno do salão havia grandes pátios para cavalos, cheios de erva, delimitados por sebes altas, covas para fogueiras e centenas de casas redondas de terra que se projectavam do chão como colinas em miniatura, cobertas de erva.

Um pequeno exército de escravos adiantara-se à coluna para realizar os preparativos para a chegada de Khal Drogo. Enquanto os guerreiros saltavam das selas, ele tirou do cinto o *arakh* e entregou-o a um escravo que se encontrava à espera, fazendo o mesmo com as restantes armas que transportava. Nem o próprio Khal Drogo estava isento daquela obrigação. Sor Jorah explicara que em Vaes Dothrak era proibido transportar uma lâmina ou derramar o sangue de um homem livre. Até *khalasares* em guerra punham de lado as suas divergências e partilhavam a comida e a bebida à vista da Mãe das Montanhas. Naquele lugar, segundo o que as feiticeiras do *dosh khaleen* tinham decretado, todos os dothraki eram um só sangue, um só *khalasar*, uma só manada.

Cohollo veio ter com Dani quando Irri e Jhiqui a estavam a ajudar a descer da sua prata. Era o mais velho dos três companheiros de sangue de Drogo, um homem atarracado e calvo com um nariz torcido e uma boca cheia de dentes partidos, estilhaçados por uma maça vinte anos antes, quando salvara o jovem *khalakka* de mercenários que esperavam vendê-lo aos inimigos do pai. A sua vida ficara ligada à de Drogo no dia em que o senhor esposo de Dany nascera.

Todos os *khals* tinham os seus companheiros de sangue. A princípio Dany pensara neles como uma espécie de Guarda Real Dothraki, sob o juramento de proteger o seu senhor, mas eram mais do que isso. Jhiqui ensinara-lhe que o companheiro de sangue era mais do que um guarda; eram os irmãos do *khal*, as suas sombras, os mais ferozes dos seus amigos. “Sangue do meu sangue”, era como Drogo lhes chamava, e assim era; partilhavam uma só vida. As antigas tradições dos senhores dos cavalos exigiam que quando o *khal* morria, os seus companheiros de sangue morressem com ele, para cavalgar a seu lado nas terras da noite. Se o *khal* morresse às mãos de algum inimigo, viviam apenas o suficiente para o vingar, e então seguiam-no alegremente para a sepultura. Jhiqui dizia que em alguns *khalasares*, os companheiros de sangue partilhavam o vinho do *khal*, a sua tenda, e até as suas esposas, embora nunca os seus cavalos. A montada de um homem era apenas sua.

Daenerys sentia-se feliz por Khal Drogo não aderir a esses costumes antigos. Não teria gostado de ser partilhada. E conquanto o velho Cohollo a tratasse com bastante gentileza, os outros assustavam-na; Haggo, enorme e silencioso, fitava-a com frequência com um ar ameaçador, como se se tivesse esquecido de quem ela era, e Qotho tinha uns olhos cruéis e mãos rápi-



das que gostavam de magoar. Deixava nódoas negras na suave pele branca de Doreah sempre que a tocava, e por vezes deixava Irri a soluçar na noite. Até os seus cavalos pareciam temê-lo.

No entanto, estavam ligados a Drogo para a vida e para a morte, e Daenerys não tinha alternativa a aceitá-los. E por vezes dava por si a desejar que o pai tivesse sido protegido por homens assim. Nas canções, os cavaleiros brancos da Guarda Real eram sempre nobres, valentes e leais, mas o Rei Aerys tinha sido assassinado por um deles, o rapaz bonito a quem chamavam agora Regicida, e um segundo, Sor Barristan, o Ousado, passara para o lado do Usurpador. Gostaria de saber se nos Sete Reinos todos os homens eram assim tão falsos. Quando o seu filho ocupasse o Trono de Ferro, assegurar-se-ia de que teria os seus próprios companheiros de sangue a fim de o proteger contra a traição na Guarda Real.

— *Khaleesi* — disse-lhe Cohollo, em dothraki. — Drogo, sangue do meu sangue, ordena-me que vos diga que ele tem de subir esta noite a Mãe das Montanhas, a fim de sacrificar aos deuses pelo seu regresso em segurança.

Dany sabia que só se permitia aos homens pôr o pé na Mãe. Os companheiros de sangue do *khal* iriam com ele, e regressariam de alvorada.

— Diz ao meu sol-e-estrelas que sonho com ele e espero ansiosa o seu regresso — respondeu ela, agradecida. Dany ia-se cansando mais facilmente à medida que a criança crescia dentro dela; a verdade era que uma noite de descanso seria muito bem-vinda. A gravidez só parecia ter inflamado o desejo de Drogo por ela, e nos últimos tempos os seus abraços deixavam-na exausta.

Doreah levou-a para a colina oca que tinha sido preparada para ela e para o *khal*. Lá dentro fazia frio e estava escuro, como numa tenda feita de terra.

— Jhiqui, um banho por favor — ordenou, para lavar da pele a poeira da viagem e encharcar os seus ossos cansados. Era agradável saber que ficariam ali por algum tempo, que não precisaria de trepar para cima da sua prata quando chegasse a manhã.

A água escaldava, tal como ela gostava.

— Darei esta noite os presentes ao meu irmão — decidiu enquanto Jhiqui lhe lavava o cabelo. — Ele deve parecer um rei na cidade sagrada. Doreah, corre à sua procura, e convida-o a jantar comigo. — Viserys era mais simpático para com a rapariga lisena do que para as suas aias dothraki, talvez porque o Magíster Illyrio o deixara dormir com ela em Pentos. — Irri, vai ao bazar e compra fruta e carne. Qualquer coisa menos carne de cavalo.

— Cavalo é melhor — disse Irri. — Cavalo torna um homem mais forte.

— Viserys detesta carne de cavalo.

— Como quiserdes, *Khaleesi*.

Regressou com um quadril de carneiro e um cesto de fruta e legumes. Jhiqui assou a carne com ervamel e vagem de fogo, untando-a com mel enquanto assava, e havia melões, romãs e ameixas, e uma estranha fruta oriental qualquer que Dany não conhecia. Enquanto as aias preparavam a refeição, Dany desempacotou a roupa que tinha mandado fazer à medida do irmão: uma túnica e uns calções de fresco linho branco, sandálias de couro atadas no Joelho, um cinto com medalhão de bronze, um colete de couro pintado com dragões que respiravam fogo. Esperava que os dothraki o respeitassem mais se se parecesse menos com um pedinte, e talvez a perdoasse por o ter envergonhado naquele dia na erva. Afinal de contas, ainda era o seu rei e o seu irmão. Eram ambos sangue do dragão.

Estava a preparar o último dos seus presentes — um manto de sedareia, verde como a erva, com um debrum cinzento-claro que realçaria o prateado do seu cabelo — quando Viserys chegou, arrastando Doreah pelo braço. O olho da rapariga estava vermelho onde ele lhe batera.

— Como te *atreves* a enviar esta rameira para me dar ordens? — disse. Atirou rudemente a aia ao tapete.

A ira apanhou Dany completamente de surpresa.

— Só quis... Doreah, que lhe disseste?

— *Khaleesi*, mil desculpas, perdoai-me. Fui ter com ele, como me pedistes, e disse-lhe que mandáveis que se vos juntasse para o jantar.

— Ninguém manda no dragão — rosou Viserys. — *Eu sou o teu rei!* Devia ter-te devolvido a cabeça dela!

A jovem lisena vacilou, mas Dany acalmou-a com um toque.

— Não tenhas medo, ele não te fará mal. Querido irmão, por favor, perdoai-lhe, a rapariga confundiu-se nas palavras, disse-lhe para vos *pedir* que vos juntásseis a mim para o jantar, se isso for do agrado de Vossa Graça. — Pegou-lhe na mão e fê-lo atravessar o quarto. — Olhai. Isto é para vós.

Viserys franziu o sobrolho, cheio de suspeitas.

— Que é tudo isto?

— Vestuário novo. Mandeí-o fazer para vós — Dany sorriu timidamente.

Ele olhou-a e escarneceu.

— Trapos dothraki. Agora *atreves-te* a vestir-me?

— Por favor... ficareis mais fresco e confortável, e pensei... talvez que se vos vestísseis como eles, os dothraki... — Dany não sabia como dizer o que pretendia sem lhe acordar o dragão.

— A seguir hás-de querer entrançar-me o cabelo.

— Eu nunca... — Porque era ele sempre tão cruel? Ela só quisera ajudar. — Não tendes direito a uma trança, ainda não haveis obtido nenhuma vitória.

Foi a coisa errada a dizer. A fúria brilhou nos seus olhos lilases, mas não se atreveu a bater-lhe com as aias a observar e os guerreiros do seu *khas* à porta. Viserys apanhou o manto e cheirou-o.

— Isto fede a estrume. Talvez o use como coberta para o cavalo.

— Mandei que Doreah o cosesse especialmente para vós — disse-lhe ela, ferida. — Isto são roupas dignas de um *khal*.

— Eu sou o Senhor dos Sete Reinos, não um selvagem manchado pela erva e com campainhas no cabelo — atirou-lhe Viserys. Agarrou-lhe o braço. — Esqueces quem és, sua puta. Achas que aquele barrigudo te protegerá se acordares o dragão?

Os dedos dele enterraram-se dolorosamente no seu braço, e por um instante, Dany sentiu-se de novo criança, a vacilar perante a sua raiva. Estendeu a outra mão e agarrou na primeira coisa em que tocou, o cinto que esperara oferecer-lhe, uma pesada corrente de medalhões ornamentados de bronze. Brandiu-o com toda a sua força.

Atingiu-o em cheio na cara. Viserys largou-a. Sangue correu da sua bochecha, onde a aresta de um dos medalhões a cortou.

— És tu quem se esquece de quem é — disse-lhe ela. — Não aprendeste *nada* naquele dia na erva? Sai daqui imediatamente, antes que chame o meu *khas* para te arrastar para a rua. E reza para que Khal Drogo não ouça falar disto, porque se ouvir, abrir-te-á a barriga e dar-te-á a comer as tuas próprias entranhas.

Viserys pôs-se em pé atabalhoadamente.

— Quando ganhar o meu reino, lamentarás este dia, puta. — E saiu, agarrado à cara ferida, deixando os presentes para trás.

Gotas do seu sangue tinham borrifado o belo manto de sedareia. Dany encostou o suave tecido à cara e sentou-se de pernas cruzadas sobre as esteiras de dormir.

— O vosso jantar está pronto, *Khaleesi* — anunciou Jhiqui.

— Não tenho fome — disse Dany em voz triste. Ficara subitamente muito cansada. — Dividi a comida entre vós, e enviei alguma a Sor Jorah, por favor. — Após um momento, acrescentou: — Por favor, alguém que me traga um dos ovos de dragão.

Irri foi buscar o ovo com a casca de um profundo tom de verde, que mostrava salpicos de bronze entre as escamas quando o virava nas suas pequenas mãos. Dany enrolou-se de lado, puxando o manto de sedareia sobre o corpo e aninhando o ovo no espaço entre a sua barriga inchada e os pe-

quenos e tenros seios. Gostava de pegar neles. Eram tão belos, e por vezes o simples facto de estar junto deles fazia-a sentir-se mais forte, mais corajosa, como se de alguma forma retirasse força dos dragões de pedra encerrados lá dentro.

Estava ali deitada, agarrada ao ovo, quando sentiu o bebé mover-se na sua barriga... como se estivesse a estender uma mão, irmão para irmão, sangue para sangue.

— És *tu* o dragão — segredou Dany para o filho — o dragão *verdadeiro*. Eu sei. Eu sei. — Sorriu, e adormeceu sonhando com a terra natal.

Caía uma neve ligeira. Bran conseguia sentir os flocos no rosto, derretendo quando lhe tocavam a pele como a mais leve das chuvas. Endireitou-se em cima do cavalo, observando a porta levadiça a ser içada. Esforçando-se o mais possível por permanecer calmo, o coração palpitava-lhe no peito.

— Estamos prontos? — perguntou Robb.

Bran acenou, tentando não mostrar o medo que sentia. Não estivera fora de Winterfell desde a queda, mas estava determinado a sair com tanto orgulho como qualquer cavaleiro.

— Então vamos. — Robb encostou os calcanhares ao seu grande castrodo cinzento e branco, e o cavalo avançou a passo sob a porta levadiça.

— Vai — sussurrou Bran ao seu cavalo. Tocou-lhe levemente o pescoço e a pequena potra castanha avançou. Bran chamara-lhe Dançarina. Tinha dois anos, e Joseth dizia que era mais inteligente do que um cavalo tinha direito a ser. Tinham-lhe dado um treino especial para responder às rédeas, à voz e ao toque. Até àquele momento, Bran só a montara no pátio. A princípio, Joseth ou Hodor levavam-na à mão, enquanto Bran se sentava no seu dorso amarrado à grande sela que o Duende tinha desenhado para ele, mas na última quinzena montara-a sozinho, fazendo-a trotar, às voltas, tornando-se mais ousado a cada circuito.

Passaram sob a porta levadiça, sobre a ponte levadiça, através das muralhas exteriores. Verão e Vento Cinzento vinham aos saltos ao lado deles, farejando o vento. Logo atrás vinha Theon Greyjoy, com o seu arco e uma aljava cheia de setas de ponta larga; segundo lhes dissera, tinha em mente o abate de um veado. Era seguido por quatro guardas revestidos de cota de malha na cabeça e tronco, e por Joseth, um moço de cavaliça magro como um espeto que Robb nomeara mestre dos cavalos enquanto Hullen estava longe. O Mestre Luwin ocupava a retaguarda, montado num burro. Bran teria preferido se ele e Robb tivessem saído sozinhos, só os dois, mas Hal Mollen nem quisera ouvir falar dessa ideia, e o Mestre Luwin apoiara-o. Se Bran caísse do cavalo ou se ferisse, o Mestre estava determinado a estar junto dele.

À porta do castelo ficava a praça do mercado, cujas barracas de madeira se encontravam agora desertas. Avançaram pelas ruas lamacentas da aldeia, passando por fileiras de pequenas casas bem arranjadas feitas de troncos e pedra nua. Menos de uma em cinco estavam ocupadas, com finas

gavinhas de fumo a enrolar-se sobre as suas chaminés. As outras encher-se-iam, uma a uma, à medida que fosse ficando mais frio. Quando a neve caísse e os ventos gelados uivassem do norte, dizia a Velha Ama, os agricultores deixariam os seus campos congelados e castros distantes, carregariam as suas carroças, e então a Vila de Inverno ganharia vida. Bran nunca o vira, mas o Mestre Luwin dizia que esse dia se aproximava. O fim do longo Verão estava próximo. *O Inverno está a chegar.*

Alguns aldeões seguiram ansiosamente os lobos gigantes com os olhos enquanto os cavaleiros passavam por eles, e um homem deixou cair a lenha que transportava, fugindo com medo, mas a maior parte das gentes da terra já se habituara àquele panorama. Dobravam o joelho ao ver os rapazes, e Robb saudava cada um com um aceno senhorial.

Com as pernas incapazes de apertar, o movimento oscilante do cavalo fez a princípio com que Bran se sentisse instável, mas a enorme sela com o seu grosso arção dianteiro e o elevado apoio de costas atrás embalava-o confortavelmente, e as presilhas em torno do seu peito e coxas não lhe permitiriam que caísse. Após algum tempo, o ritmo começou a parecer quase natural. A ansiedade desvaneceu-se, e um sorriso trémulo nasceu-lhe no rosto.

Duas raparigas de servir estavam paradas sob o letreiro do Tronco Fumegante, a cervejaria da aldeia. Quando Theon Greyjoy as chamou, a rapariga mais nova ficou toda vermelha e cobriu a cara. Theon esporeou a montada para se pôr ao lado de Robb.

— Doce Kyra — disse, com uma gargalhada. — Contorce-se como uma doninha na cama, mas basta dizer-lhe uma palavra na rua para ficar cor-de-rosa como uma donzela. Já te falei daquela noite em que ela e Besa...

— Aqui onde o meu irmão pode ouvir não, Theon — preveniu Robb olhando para Bran de relance.

Bran afastou o olhar e fingiu não ter ouvido, mas podia sentir os olhos de Greyjoy postos nele. Estaria sem dúvida a sorrir. Sorria muito, como se o mundo fosse uma piada secreta que só ele era suficientemente inteligente para compreender. Robb parecia admirar Theon e gostar da sua companhia, mas Bran nunca simpatizara com o protegido do pai.

Robb aproximou-se.

— Estás a ir bem, Bran.

— Quero ir mais depressa — respondeu Bran.

Robb sorriu.

— Como queiras. — Pôs o castrado a trote. Os lobos correram atrás dele. Bran agitou bruscamente as rédeas, e Dançarina estugou o passo. Ouviu um grito de Theon Greyjoy e os cascos dos outros cavalos atrás dele.

O manto de Bran enfunou-se, ondulando ao vento, e a neve pareceu correr de encontro à sua cara. Robb estava bem adiantado, lançando relances ocasionais por sobre o ombro a fim de se assegurar de que Bran e os outros o seguiam. Bran voltou a sacudir as rédeas. Suave como seda, a Dançarina pôs-se a galope. A distância diminuiu. Quando alcançou Robb no limiar da Mata de Lobos, a duas milhas da Vila de Inverno, tinham deixado os outros muito para trás.

— *Posso montar!* — gritou Bran, sorrindo. Era quase tão bom como voar.

— Eu faria uma corrida contigo, mas temo que possas ganhar. — O tom de Robb era ligeiro e brincalhão, mas Bran viu sob o sorriso do irmão que alguma coisa o perturbava.

— Não quero corridas. — Bran olhou em volta à procura dos lobos gigantes. Tinham ambos desaparecido na floresta. — Ouviste o Verão a uivar ontem à noite?

— O Vento Cinzento também estava inquieto — disse Robb. Tinha o seu cabelo ruivo hirsuto e despenteado, e uma barba avermelhada cobria-lhe o queixo, fazendo-o parecer ter mais do que os seus quinze anos. — Às vezes penso que eles sabem coisas... que sentem coisas... — Robb suspirou. — Nunca sei bem quanto te diga, Bran. Gostava que fosses mais velho.

— Já tenho oito anos! — disse Bran. — Oito não é muito mais novo do que quinze, e sou o herdeiro de Winterfell, depois de ti.

— Pois és. — Robb parecia triste, e até um pouco assustado. — Bran, preciso de te contar uma coisa. Chegou uma ave ontem à noite. De Porto Real. O Mestre Luwin acordou-me.

Bran sentiu um temor súbito. *Asas escuras, palavras escuras*, dizia sempre a Velha Ama, e nos últimos tempos os corvos mensageiros tinham vindo a provar a verdade do provérbio. Quando Robb escrevera ao Senhor Comandante da Patrulha da Noite, a ave que regressou trouxe a notícia de que o Tio Benjen continuava desaparecido. Depois chegara uma mensagem do Ninho de Águia, da Mãe, mas também não trazia boas notícias. Ela não dizia quando tencionava regressar, dizia apenas que tomara o Duende prisioneiro. Bran de certo modo simpatizara com o homenzinho, mas o nome Lannister punha-lhe dedos frios a passear pela espinha. Havia algo acerca dos Lannister, algo de que se devia lembrar, mas quando tentava pensar no quê, sentia-se tonto e o estômago ficava-lhe duro como pedra. Robb passara a maior parte desse dia trancado com o Mestre Luwin, Theon Greyjoy e Hallis Mollen. Depois, cavaleiros partiram em cavalos rápidos, levando as ordens de Robb a todo o Norte. Bran ouviu falar de Fosso Cailin, a antiga fortaleza que os Primeiros Homens tinham construído no topo da Gargan-

ta. Ninguém chegara a dizer-lhe o que se passava, mas sabia que não era boa coisa.

E agora outro corvo, outra mensagem. Bran agarrou-se à esperança.

— Era a ave da Mãe? Ela vai voltar para casa?

— A mensagem é de Alyn, em Porto Real. Jory Cassel está morto. E Wyl e Heward também. Assassinados pelo Regicida. — Robb levantou o rosto para a neve, e os flocos derreteram nas suas bochechas. — Que os deuses lhes dêem descanso.

Bran não soube o que dizer. Sentia-se como se tivesse levado um murro. Jory era capitão da guarda doméstica de Winterfell desde antes de Bran nascer.

— Mataram Jory? — Lembrou-se de todas as vezes que Jory o perseguiu pelos telhados. Via-o a caminhar pelo pátio, em passos largos, vestido de cota de malha e armadura, ou sentado no seu lugar do costume no banco do Salão Grande, gracejando enquanto comia. — Porque haveria alguém de matar Jory?

Robb abanou a cabeça com um ar entorpecido e uma clara dor nos olhos.

— Não sei, e... Bran, isso não é o pior. O Pai foi apanhado debaixo de um cavalo que caiu na luta. Alyn diz que ficou com a perna desfeita e... o Mestre Pycelle deu-lhe o leite da papoila, mas não têm a certeza de quando é que... quando é que ele... — O som de cascos fê-lo deitar um relance pela estrada, para onde Theon e os outros se aproximavam. — Quando é que ele vai acordar — concluiu. Pousou então a mão no punho da espada e prosseguiu na voz solene de Robb, o Senhor. — Bran, prometo-te, aconteça o que acontecer, não deixarei que isto seja esquecido.

Algo no seu tom fez com que Bran ficasse ainda com mais medo.

— Que vais fazer? — perguntou quando Theon Greyjoy refreava o seu cavalo ao lado deles.

— Theon pensa que devo chamar os vassalos — disse Robb.

— Sangue por sangue. — Por uma vez, Greyjoy não sorria. O seu rosto magro e escuro tomara um aspecto faminto, e cabelo negro caíra-lhe sobre os olhos.

— Só o senhor pode chamar os vassalos — disse Bran enquanto a neve caía lentamente em redor do grupo.

— Se o vosso pai morrer — disse Theon — Robb será o Senhor de Winterfell.

— Ele *não* morrerá! — gritou-lhe Bran.

Robb tomou-lhe a mão.

— Ele não morrerá, o Pai não morrerá — disse ele calmamente. — Mesmo assim... a honra do Norte está agora nas minhas mãos. Quando



o senhor nosso pai se afastou de nós, disse-me para ser forte por ti e por Rickon. Sou quase um homem feito, Bran.

Bran estremeceu.

— Gostava que a Mãe estivesse de volta — disse, com ar infeliz. Olhou em volta à procura do Mestre Luwin; via-se o seu burro muito ao longe, a trotar sobre uma colina. — O Mestre Luwin também diz para chamares os vassalos?

— O Mestre é tímido como uma velha — disse Theon.

— O Pai sempre lhe escutou os conselhos — recordou Bran ao irmão. — E a Mãe também.

— Eu escuto-o — insistiu Robb. — Eu escuto toda a gente.

A alegria que Bran sentira com a cavalgada tinha desaparecido, derretida como os flocos de neve no seu rosto. Não muito tempo antes, a ideia de Robb chamar os vassalos e partir para a guerra tê-lo-ia enchido de excitação, mas agora sentia apenas terror.

— Podemos regressar? — perguntou. — Sinto frio.

Robb olhou em volta.

— Temos de encontrar os lobos. Podes continuar um pouco mais?

— Posso continuar tanto como tu. — O Mestre Luwin avisara-o de que devia montar durante pouco tempo, temendo assaduras provocadas pela sela, mas Bran não admitiria a sua fraqueza em frente do irmão. Estava farto do modo como toda a gente andava sempre à sua volta a perguntar como se sentia.

— Vamos então à caça dos caçadores — disse Robb. Lado a lado, incitaram as montadas a sair da Estrada do Rei e a entrar na Mata de Lobos. Theon deixou-se ficar para trás, e seguiu-os muito depois, conversando e gracejando com os guardas.

Estava agradável sob as árvores. Bran manteve a Dançarina a passo, segurando as rédeas com ligeireza e olhando em redor enquanto avançavam. Conhecia aquela floresta, mas tinha estado tanto tempo confinado a Winterfell que era como se a estivesse a ver pela primeira vez. Os cheiros enchiam-lhe as narinas; o cheiro forte, penetrante e fresco das agulhas de pinheiro, o odor a terra de folhas húmidas a apodrecer, os vestígios do cheiro animal a almíscar e dos fogos das cozinhas distantes. Viu de relance um esquilo negro que se movia entre os ramos cobertos de neve de um carvalho, e parou para estudar a teia prateada de uma aranha imperatriz.

Theon e os outros ficaram cada vez mais para trás, até que Bran deixou de lhes conseguir ouvir as vozes. De adiante chegou-lhe o ténue som de águas correntes. Foi ficando mais alto até chegarem ao ribeiro. Lágrimas arderam-lhe nos olhos.

— Bran? — perguntou Robb. — Que se passa?

Bran abanou a cabeça.

— Estava só a lembrar-me — disse ele. — Jory trouxe-nos uma vez aqui para pescar trutas. A ti, a mim e a Jon. Lembras-te?

— Lembro — disse Robb, com a voz baixa e triste.

— Eu não apanhei nada — disse Bran — mas Jon deu-me o peixe dele no caminho de regresso a Winterfell. Vamos voltar a ver o Jon?

— Vimos o Tio Benjen quando o rei veio de visita — salientou Robb. — Jon também nos visitará, vais ver.

O ribeiro corria cheio e rápido. Robb desmontou e levou o seu castrado a atravessar o vau. Na parte mais profunda da travessia, a água chegava-lhe a meio das coxas. Amarrôu o cavalo a uma árvore, do outro lado, e regressou para vir buscar Bran e a Dançarina. A corrente espumava em torno das rochas e das pernas, e Bran conseguia sentir os salpicos no rosto enquanto Robb o levava pelo riacho. Isso fê-lo sorrir. Por um momento, voltou a sentir-se forte e inteiro. Olhou para as árvores e sonhou trepá-las, mesmo até às copas, com toda a floresta estendida abaixo.

Tinham já chegado ao outro lado do ribeiro quando ouviram o uivo, um longo lamento que se erguia por entre as árvores como um vento frio. Bran ergueu a cabeça para escutar.

— O Verão — disse. E assim que o disse, uma segunda voz juntou-se à primeira.

— Mataram qualquer coisa — disse Robb enquanto voltava a montar. — É melhor que eu vá buscá-los de volta. Espera aqui, que Theon e os outros devem estar a chegar.

— Quero ir contigo — disse Bran.

— Eu encontro-os mais depressa sozinho. — Robb esporeou o seu castrado e desapareceu por entre as árvores.

Depois de o irmão partir, as árvores pareceram apertar-se em redor de Bran. A neve caía agora com mais força. Onde tocava o solo, derretia, mas, por todo o lado, pedras, raízes e ramos estavam cobertos por um fino manto branco. Enquanto esperava, estava consciente de como se sentia desconfortável. Não sentia as pernas, que pendiam, inúteis, nos estribos, mas a presilha que lhe rodeava o peito estava apertada e provocava-lhe esco-rições, e a neve que derretia tinha-se-lhe infiltrado nas luvas e gelava-lhe as mãos. Perguntou a si próprio o que demorava Theon, o Mestre Luwin, Joseth e os outros.

Quando ouviu o restolhar de folhas, Bran usou as rédeas para fazer a Dançarina virar-se, esperando ver os amigos, mas os homens esfarrapados que saíram para a margem do ribeiro eram-lhe estranhos.

— Bons-dias para vós — disse ele nervosamente. Bastou uma olhada para Bran compreender que os homens não eram lenhadores nem

agricultores. Ficou de súbito consciente da riqueza das roupas que envergava. Tinha uma capa nova, de lã cinzenta-escura com botões de prata, e um pesado alfinete de prata segurava nos ombros o manto forrado de peles. As suas botas e luvas também eram forradas de peles.

— Então ‘tás sozinho, hã? — disse o maior dos homens, um careca com uma cara rude, queimada pelo vento. — Perdido na Mata de Lobos, pobre rapaz.

— Não estou perdido. — Bran não gostava da maneira como os estranhos o olhavam. Contou quatro, mas quando virou a cabeça, viu outros dois atrás dele. — O meu irmão afastou-se há um momento, e a minha guarda estará aqui em breve.

— A tua guarda, hã? — disse um segundo homem. Uma barba cinzenta cobria a sua cara magra. — E que é que ela guarda, senhorzinho? Isso que vejo no teu manto é um alfinete de prata?

— Bonito — disse uma voz de mulher. Pouco se parecia com uma mulher; era alta e esguia, com a mesma cara dura dos outros, e tinha o cabelo escondido por baixo de um meio elmo em forma de tigela. A lança que segurava era feita de dois metros e meio de carvalho negro, com uma ponta de aço ferrugento.

— Vamos lá ver — disse o grande homem careca.

Bran observou-o ansiosamente. A roupa do homem estava imunda, quase desfeita em bocados, remendada aqui de castanho, ali de azul e acolá de verde-escuro, e por todo o lado desbotada até ficar cinzenta, mas em tempos aquele manto podia ter sido negro. Apercebeu-se com um súbito sobressalto de que o homem atarracado e grisalho também usava farrapos negros. De súbito, Bran lembrou-se do desertor que o pai decapitara no dia em que tinham encontrado os cachorros de lobo; esse homem também usara negro, e o Pai dissera que era um desertor da Patrulha da Noite. *Ninguém pode ser mais perigoso, lembrou-se ele de ouvir o Lorde Eddard a dizer. O desertor sabe que a sua vida está perdida se for capturado, e por isso não vacilará perante nenhum crime, por mais vil ou cruel que ele seja.*

— O alfinete, rapaz — disse o homem grande. E estendeu a mão.

— Vamos também ficar com o cavalo — disse uma mulher mais pequena que Robb, com uma cara larga e achatada e um cabelo corredio e amarelo. — Desce, e depressa. — Uma faca, com o gume irregular como uma serra, deslizou-lhe para a mão de dentro da manga.

— Não — proferiu Bran. — Eu não posso...

O homem grande agarrou-lhe nas rédeas antes que Bran pudesse pensar em fazer a Dançarina rodopiar e galopar para longe.

— Podes pois, senhorzinho... e é o que vais fazer, se souberes o que é bom para ti.

— Stiv, olha como ele está atado. — A mulher alta apontou com a lança. — Isso que ele diz pode ser a verdade.

— Com que então presilhas, hã? — disse Stiv. Tirou um punhal de uma bainha que trazia ao cinto. — Há maneiras de lidar com presilhas.

— És alguma espécie de aleijado? — perguntou a mulher baixa.

Bran inflamou-se.

— Sou Brandon Stark de Winterfell, e é melhor que largues o meu cavalo, ou farei com que sejam todos mortos.

O homem magro com a barba cinzenta riu.

— O rapaz é um Stark, não há dúvida. Só um Stark seria suficientemente pateta para fazer ameaças onde homens mais inteligentes suplicas-riam.

— Corta-lhe a pichinha e espeta-lha na boca — sugeriu a mulher baixa. — Isso deve calá-lo.

— És tão estúpida como feia, Hali — disse a mulher alta. — O rapaz não serve de nada morto; agora vivo... malditos sejam os deuses, pensem no que o Mance daria para ter como refém o próprio sangue de Benjen Stark!

— Que o Mance se dane — praguejou o homem grande. — Queres voltar para lá, Osha? Mais parva és. Achas que os caminhantes brancos se importam se tens um refém? — Virou-se para Bran e golpeou a presilha que lhe rodeava a coxa. O couro rompeu-se com um suspiro.

O golpe foi rápido e descuidado, cortando profundamente. Olhando para baixo, Bran viu de relance a pele clara onde a lã dos seus calções se romperá. Então, o sangue começou a fluir. Observou a mancha vermelha a espalhar-se, sentindo-se tonto, curiosamente distante; não tinha havido dor, nem mesmo uma ligeira sensação de tacto. O homem grande grunhiu de surpresa.

— Deponham as armas neste momento, e prometo-vos uma morte rápida e indolor — gritou Robb.

Bran ergueu o olhar com uma esperança desesperada, e ali estava ele. A força das palavras era diminuída pela maneira como a sua voz soava quebrada de tensão. Estava montado, com a carcaça sangrenta de um alce depositada sobre a garupa do cavalo, e com a espada na mão enluvada.

— O irmão — disse o homem com a barba cinzenta.

— É um tipo feroz, oh se é — troçou a mulher baixa, aquela a quem chamavam Hali. — Pretendes lutar com a gente, rapaz?

— Não sejas tonto, miúdo. És um contra seis. — A mulher alta, Osha, baixou a lança. — Salta do cavalo, e atira a espada ao chão. Agradecer-te-emos delicadamente pela montada e pelo veado, e tu e o teu irmão podem seguir caminho.

Robb assobiou. Ouviram o ténue som de patas suaves sobre folhas húmidas. A vegetação rasteira abriu-se, ramos baixos deixaram cair a sua neve acumulada, e Vento Cinzento e Verão emergiram da verdura. Verão farejou o ar e rosnou.

— Lobos — arfou Hali.

— Lobos gigantes — disse Bran. Ainda com metade do tamanho de adultos, eram tão grandes como qualquer lobo que já tivesse visto, mas era fácil detectar as diferenças, se se soubesse o que procurar. O Mestre Luwin e Farlen, o mestre dos canis, tinham-lhe ensinado. Um lobo gigante tinha uma cabeça maior e patas mais compridas em proporção com o corpo, e o seu focinho era marcadamente mais estreito e pronunciado. Havia algo neles de lúgubre e terrível, ali parados por entre a neve que caía lentamente. Sangue fresco pintalgava o focinho de Vento Cinzento.

— Cães — disse o homem grande e careca com desprezo. — E houve quem me dissesse que não há nada como um manto de pele de lobo para aquecer um homem à noite. — Fez um gesto brusco. — Apanhem-nos.

Robb gritou “*Winterfell!*” e esporeou o cavalo. O castrado mergulhou pela margem do ribeiro ao mesmo tempo que os homens esfarrapados se aproximavam. Um homem com um machado correu contra ele, a gritar e sem prudência. A espada de Robb apanhou-o em cheio na cara com um nauseante *crunch* e um borrifo de sangue brilhante. O homem com a cara magra e a barba cinzenta estendeu a mão para agarrar as rédeas, e conseguiu agarrá-las durante meio segundo... mas então Vento Cinzento saltou sobre ele, desequilibrando-o. Caiu de costas ao ribeiro com um chapão e um grito, brandindo loucamente a faca quando a cabeça submergiu. O lobo gigante mergulhou atrás dele, e a água branca tornou-se vermelha no sítio onde os dois desapareceram.

Robb e Osha trocavam golpes no meio do ribeiro. A longa lança dela era uma serpente de cabeça de aço que atacava o peito dele, uma, duas, três vezes, mas Robb parava cada estocada com a espada, desviando a ponta para o lado. À quarta ou quinta estocada, a mulher alta fez um movimento demasiado largo e perdeu o equilíbrio, só por um segundo. Robb carregou, derrubando-a.

A pouca distância, Verão surgiu como um relâmpago e mordeu Hali. A faca caiu-lhe sobre o flanco. Verão esquivou-se, rosnando, e voltou a atacar. Daquela vez, as suas mandíbulas fecharam-se em volta da barriga da perna da pequena mulher. Segurando a faca com ambas as mãos, ela tentou apunhalá-lo, mas o lobo selvagem pareceu pressentir a lâmina. Libertou-se por um instante, com a boca cheia de couro, tecido e carne ensanguentada. Quando Hali tropeçou e caiu, atacou-a de novo, atirando-a para trás, com os dentes a rasgar-lhe a barriga.

O sexto homem fugiu da carnificina... mas não foi longe. Enquanto trepava de mãos e pés a margem mais distante do ribeiro, Vento Cinzento emergiu da água, a pingar. Sacudiu-se e saltou sobre o homem que fugia, jarretando-o com uma única dentada e atirando-se-lhe à garganta quando o homem deslizou, aos gritos, de volta para a água.

E então restou apenas o homem grande, Stiv. Golpeou a presilha de peito de Bran, agarrou-lhe no braço e puxou. De súbito, Bran caía. Estateou-se no chão, com as pernas enlaçadas debaixo do corpo e um pé dentro do ribeiro. Não conseguia sentir o frio da água, mas sentiu o aço quando Stiv lhe encostou o punhal à garganta.

— Afasta-te — preveniu o homem — ou juro que abro a traqueia ao rapaz.

Robb puxou as rédeas ao cavalo, respirando com força. A fúria desapareceu-lhe dos olhos e o braço que segurava a espada caiu.

Nesse momento, Bran viu tudo. Verão estava a atacar ferozmente Hali, puxando reluzentes serpentes azuis da sua barriga. Os olhos dela estavam muito abertos e não se moviam. Bran não sabia dizer se a mulher estava viva ou morta. O atarracado homem grisalho e o do machado jaziam, imóveis, mas Osha estava de joelhos, rastejando em direcção à sua lança caída. Vento Cinzento caminhou na sua direcção, com o pêlo encharcado, a pingar.

— Chama-o! — gritou o homem grande. — Chama-os aos dois, ou o aleijado morre agora mesmo!

— Vento Cinzento, Verão, aqui — disse Robb.

Os lobos gigantes pararam, viraram as cabeças. Vento Cinzento saltou para junto de Robb. Verão ficou onde estava, com os olhos fitos em Bran e no homem a seu lado. Rosnou. Tinha o focinho molhado e vermelho, mas os seus olhos ardiam.

Osha usou a base da lança como apoio para se pôr de pé. Jorrava sangue de uma ferida no braço, onde Robb a golpeará. Bran conseguia ver o suor que escorria pela cara do homem grande. Compreendeu que Stiv estava tão assustado como ele.

— Stark — murmurou o homem — malditos Stark. — Levantou a voz. — Osha, mata os lobos e apanha a espada dele.

— Mata-os tu — respondeu ela. — Eu não me chego perto desses monstros.

Por um momento, Stiv sentiu-se perdido. A sua mão tremeu; Bran sentiu um fio de sangue onde a faca fazia pressão contra o seu pescoço. O fedor do homem enchia-lhe as narinas; cheirava a medo.

— Tu — gritou a Robb. — Tens um nome?

— Sou Robb Stark, herdeiro de Winterfell.

— Este é o teu irmão?

— Sim.

— Se o quiseres vivo, faz o que eu digo. Salta do cavalo.

Robb hesitou por um momento. Então, lenta e deliberadamente, desmontou e virou-se para o homem, de espada na mão.

— Agora mata os lobos.

Robb não se moveu.

— Faz o que eu digo. Os lobos ou o rapaz.

— *Não!* — gritou Bran. Se Robb fizesse o que ele pedia, Stiv matá-los-ia a ambos na mesma, depois dos lobos mortos.

O careca agarrou-lhe no cabelo com a mão livre e puxou-o cruelmente, até Bran soluçar de dor.

— Tu cala essa boca, aleijado, estás a ouvir? — Puxou com mais força. — *Estás a ouvir?*

Um *drum* baixo veio das árvores atrás deles. Stiv soltou um arquejo chocado quando quinze centímetros de uma seta de ponta larga lhe explodiram de súbito no peito. A seta era vermelha viva, como se tivesse sido pintada com sangue.

O punhal caiu da garganta de Bran. O homem grande cambaleou e caiu ao ribeiro de barriga para baixo. A seta partiu-se sob o seu corpo. Bran viu a sua vida a fugir, aos redemoinhos, pela água abaixo.

Osha olhou em volta quando os guardas do Pai surgiram de entre as árvores, de armas na mão. Deixou cair a lança.

— Misericórdia, s'nhor — gritou para Robb.

Os guardas tinham uma expressão estranha, pálida, no rosto ao olharem aquela cena de morticínio. Olhavam para os lobos, inseguros, e quando Verão regressou para junto do cadáver de Hali para comer, Joseth deixou cair a faca e precipitou-se para as árvores, a vomitar. Até o Mestre Luwin pareceu chocado ao surgir de trás de uma árvore, mas só por um instante. Então abanou a cabeça e atravessou o ribeiro até junto de Bran.

— Estais ferido?

— Ele cortou-me a perna — disse Bran — mas eu não senti nada.

Enquanto o Mestre se ajoelhava para examinar a ferida, Bran virou a cabeça. Theon Greyjoy estava ao lado de uma árvore-sentinela, de arco na mão. Estava a sorrir. Sempre a sorrir. Meia dúzia de setas encontravam-se espetadas no chão macio aos seus pés, mas só precisara de uma.

— Um inimigo morto é uma beleza — anunciou.

— O Jon sempre disse que eras um asno, Greyjoy — disse Robb em voz alta. — Devia acorrentar-te no pátio e deixar Bran praticar um pouco com o arco *contigo*.

— Devias agradecer-me por ter salvado a vida do teu irmão.

— E se tivesses falhado o tiro? — disse Robb. — E se só o tivesses ferido? E se tivesses feito a sua mão saltar ou ferido Bran em vez dele? Tanto quanto sabias, o homem podia estar a usar uma placa de peito, porque tudo o que conseguias ver era a parte de trás do seu manto. Que teria acontecido então ao meu irmão? Chegaste a pensar *nisso*, Greyjoy?

O sorriso de Theon desaparecera. Encolheu os ombros, carrancudo, e começou a arrancar as setas do chão, uma a uma.

Robb olhou então para os guardas.

— Onde estavam vocês? — exigiu saber. — Eu tinha a certeza de que vinham logo atrás de nós.

Os homens trocaram relances infelizes.

— Nós seguimos-vos, s'nhor — disse Quent, o mais novo, cuja barba não passava de uma suave penugem castanha. — Só que primeiro esperámos pelo Mestre Luwin e pelo seu asno, com a vossa licença, e depois, bem, aconteceu que... — deitou uma olhadela a Theon e desviou rapidamente o olhar, envergonhado.

— Eu vi um peru — disse Theon, aborrecido pela pergunta. — Como haveria de saber que o ias deixar sozinho?

Robb virou a cabeça para voltar a olhar para Theon. Bran nunca o vira tão zangado, mas não disse nada. Finalmente, ajoelhou ao lado do Mestre Luwin.

— Qual é a gravidade da ferida do meu irmão?

— Não passa de um arranhão — disse o Mestre. Molhou um pano no ribeiro para limpar o golpe. — Dois deles vestem de negro — disse a Robb enquanto trabalhava.

Robb lançou uma olhadela para onde Stiv jazia, estatelado no ribeiro, com o esfarrapado manto negro a mover-se irregularmente, puxado pela corrente.

— Desertores da Patrulha da Noite — disse em tom sombrio. — Deviam ter sido loucos por vir para tão perto de Winterfell.

— A loucura e o desespero são muitas vezes difíceis de distinguir — disse o Mestre Luwin.

— Enterramo-los, s'nhor? — perguntou Quent.

— Eles não nos teriam enterrado — disse Robb. — Corta-lhes as cabeças, vamos mandá-las de volta para a Muralha. Deixa o resto para os corvos.

— E esta? — Quent sacudiu um polegar na direcção de Osha.

Robb aproximou-se dela. Era uma cabeça mais alta do que ele, mas caiu sobre os joelhos quando o viu caminhar na sua direcção.

— Concedei-me a vida, s'nhor de Stark, e serei vossa.

— Minha? Que faria eu com uma perjura?



— Eu não quebrei juramento nenhum. O Stiv e o Wallen fugiram da Muralha, eu não. Os corvos negros não têm lugar para mulheres.

Theon Greyjoy aproximou-se devagar.

— Dá-a aos lobos — disse a Robb. Os olhos da mulher saltaram para o que restava de Hali, e afastaram-se com a mesma velocidade. Estremeceu. Até os guardas pareceram nauseados.

— Ela é uma mulher — disse Robb.

— Uma selvagem — disse-lhe Bran. — Ela disse que me deviam manter vivo para me levarem a Mance Rayder.

— Tens um nome? — perguntou-lhe Robb.

— Osha, por vossa mercê — murmurou ela em tom amargo.

O Mestre Luwin ergueu-se.

— Faríamos bem em interrogá-la.

Bran conseguiu ver o alívio no rosto do irmão.

— Será como dizeis, Mestre. Wayn, ata-lhe as mãos. Ela volta conosco para Winterfell... e viverá ou morrerá consoante as verdades que nos ofereça.

## TYRION

— Queres comer? — perguntou Mord, carrancudo. Segurava um prato de feijão cozido com uma mão grossa de dedos curtos.

Tyrion Lannister estava faminto, mas recusou-se a deixar que aquele bruto o visse rebaixado.

— Uma perna de carneiro seria agradável — disse ele da pilha de palha suja que se acumulava a um canto da sua cela. — Talvez um prato de ervilhas com cebola, um pouco de pão fresco cozido com manteiga, e um jarro de vinho com açúcar para empurrar tudo para baixo. Ou cerveja, se for mais fácil. Tento não ser demasiado esquisito.

— Há feijões — disse Mord. — Toma. — E estendeu o braço.

Tyrion suspirou. O carcereiro não passava de cento e trinta quilos de grosseira estupidez, com dentes castanhos a apodrecer e pequenos olhos escuros. O lado esquerdo do seu rosto era liso, com uma cicatriz no local em que um machado lhe cortara a orelha e parte da bochecha. Era tão previsível como feio, mas Tyrion *tinha* fome. Estendeu a mão para o prato.

Mord puxou-o para longe, sorrindo.

— ‘Tá aqui — disse, segurando-o fora do alcance de Tyrion.

O anão pôs-se rigidamente em pé, sentindo dores em todas as articulações.

— Temos de jogar o mesmo jogo idiota a cada refeição? — Tentou de novo apanhar os feijões.

Mord afastou-se, arrastando os pés, mostrando os dentes podres.

— ‘Tá aqui, homem anão. — Esticou o braço sobre a borda onde terminava a cela e começava o céu. — Não queres comer? Toma. Anda apanhar.

Os braços de Tyrion eram curtos de mais para alcançar o prato, e não ia aproximar-se assim tanto da borda. Bastaria um empurrão rápido da pesada barriga branca de Mord, e ele acabaria os seus dias como uma repugnante nódoa vermelha nas pedras de Céu, como acontecera com tantos outros prisioneiros do Ninho de Águia ao longo dos tempos.

— Agora que penso nisso, afinal não tenho fome — declarou, retirando-se para o canto da sua cela.

Mord grunhiu e abriu os dedos grossos. O vento capturou o prato, virando-o ao contrário enquanto caía. Um punhado de feijões borrifou-os

enquanto a comida tombava para fora de vista. O carcereiro desatou a rir, fazendo tremer a barriga como uma taça de pudim.

Tyrion sentiu um súbito ataque de raiva.

— Filho dum pestilento asno dum cabrão — cuspiu. — Espero que morras de caganeira.

Por aquilo, Mord deu-lhe um pontapé, enterrando com força uma bota de ponta de aço nas costelas de Tyrion, ao encaminhar-se para a saída.

— Retiro o que disse! — arquejou enquanto se retorcia na palha. — Hei-de matar-te eu próprio, juro! — A pesada porta reforçada a ferro fechou-se com estrondo. Tyrion ouviu o ruído de chaves.

Para um homem pequeno, tinha sido amaldiçoado com uma boca perigosamente grande, reflectiu enquanto rastejava de volta ao seu canto daquilo a que os Arryn chamavam ridiculamente masmorras. Aconchegou-se sob um cobertor fino que era a sua única roupa de cama, olhando um deslumbramento de céu azul sem uma nuvem e de montanhas distantes que se pareciam prolongar até ao infinito, desejando ainda possuir o manto de pele de gato-das-sombras que ganhara a Marillion aos dados depois de o cantor o ter roubado do corpo daquele chefe saltador. A pele cheirara a sangue e mofo, mas era quente e grossa. Mord ficara com ela no momento em que lhe pusera os olhos em cima.

O vento puxava-lhe o cobertor com rajadas aguçadas como garras. A sua cela era miseravelmente pequena, até para um anão. A menos de metro e meio de distância, onde deveria existir uma parede, onde uma parede *estaria* numa masmorra a sério, o chão terminava e o céu começava. Não tinha falta de ar fresco e luz do Sol, e de Lua e estrelas à noite, mas Tyrion teria trocado tudo isso num instante pelo mais húmido e sombrio fosso nas entranhas de Rochedo Casterly.

— Vais voar — garantira-lhe Mord, quando o enfiara na cela. — Dia vinte, trinta, se calhar cinquenta. Depois vais voar.

Os Arryn mantinham a única masmorra no reino de onde os prisioneiros eram livres de fugir se bem entendessem. Nesse primeiro dia, depois de levar horas a revestir-se de coragem, Tyrion deitara-se de barriga para baixo e rastejara até à borda para projectar dela a cabeça e espreitar para baixo. Céu estava cento e oitenta metros mais abaixo, sem nada a não ser ar a separá-lo do castelo. Se esticasse o pescoço o máximo possível, conseguia ver outras celas à direita, à esquerda e por cima. Era uma abelha numa colmeia de pedra, e alguém lhe arrancara as asas.

Fazia frio na cela, o vento uivava noite e dia, e, pior que tudo o mais, o chão era *inclinado*. Só um pouco, mas o suficiente. Tinha medo de fechar os olhos, medo da possibilidade de rolar durante o sono e acordar em súbito

terror no momento em que deslizasse pela borda. Pouco admirava que as celas abertas enlouquecessem os homens.

*Que os deuses me salvem*, escrevera na parede um inquilino anterior qualquer, usando algo que se parecia de forma suspeita com sangue, *o azul está a chamar*. A princípio Tyrion interrogou-se sobre quem teria ele sido, e o que lhe teria acontecido; mais tarde, decidiu que preferia não saber.

Se ao menos tivesse calado a boca...

O maldito rapaz começara tudo, olhando-o de cima de um trono esculpido em repeseiro sob os estandartes da lua e do falcão da Casa Arryn. Tinham olhado de cima para Tyrion Lannister ao longo de toda a sua vida, mas era raro que quem o fizesse fosse um miúdo remeloso de seis anos que precisava de enfiar grossas almofadas debaixo das nádegas para se elevar à altura de um homem.

— Este é o homem mau? — perguntara o rapaz, agarrando-se à sua boneca.

— É — dissera a Senhora Lysa do seu trono mais pequeno, a seu lado. Vestia toda de azul, e estava empoada e perfumada para os pretendentes que lhe enchiam a corte.

— Ele é tão *pequeno* — dissera o Senhor do Ninho de Águia, aos risinhos.

— Este é Tyrion, o Duende, da Casa Lannister que assassinou o vosso pai. — Ela levantara a voz para que chegasse a todo o comprimento do Alto Salão do Ninho de Águia, ressoando nas paredes de um branco leitoso e nos estreitos pilares, para que todos os homens pudessem ouvi-la. — *Ele assassinou a Mão do Rei!*

— Oh, e também o matei? — dissera Tyrion, como um bobo.

Essa teria sido uma ótima ocasião para manter a boca fechada e a cabeça inclinada. Agora compreendia-o; pelos sete infernos, já então o compreendia. O Alto Salão dos Arryn era longo e austero, com uma frieza sinistra nas paredes de mármore branco com veios azuis, mas os rostos que o rodeavam eram de longe mais frios. O poder do Rochedo Casterly estava distante, e não havia amigos dos Lannister no Vale de Arryn. A submissão e o silêncio teriam sido as suas melhores defesas.

Mas o humor de Tyrion estava negro como a noite mais escura. Para sua vergonha, fraquejara durante a última etapa do seu dia de subida ao Ninho de Águia, e as suas pernas atrofiadas tinham-se mostrado incapazes de o levar mais alto. Bronn transportara-o o resto do caminho, e a humilhação despejara óleo nas chamas da sua ira.

— Parece que fui um tipinho bastante atarefado — dissera com um sarcasmo amargo. — Pergunto a mim próprio onde teria arranjado tempo para tratar de todos esses assassinios e mortes.

Devia ter-se lembrado de com quem estava a lidar. Lysa Arryn e o seu débil filho malsão não tinham ficado conhecidos na corte pelo seu amor pelos ditos de espírito, especialmente quando lhes eram dirigidos.

— Duende — dissera Lysa friamente —, vós tereis cuidado com essa vossa língua trocista e falareis respeitosamente ao meu filho, ou prometo-vos que tereis motivos para vos arrependerdes. Lembrai-vos de onde estais. Isto é o Ninho de Águia e estes que vedes em vosso redor são os cavaleiros do Vale, homens leais que queriam bem a Jon Arryn. Todos eles morreriam por mim.

— Senhora Arryn, se algum mal me acontecer, o meu irmão Jaime ficará feliz por se assegurar de que morram. — No preciso momento em que cuspi as palavras, Tyrion soube que eram uma loucura.

— Sois capaz de voar, senhor de Lannister? — perguntara a Senhora Lysa. — Um anão tem asas? Se não, sériéis mais sensato se engolísseis a próxima ameaça que vos vier à cabeça.

— Não fiz ameaça nenhuma — dissera Tyrion. — Aquilo era uma promessa.

Ao ouvir aquilo, o pequeno Lorde Robert pusera-se em pé de um salto, tão perturbado que a boneca caíra ao chão.

— Não nos podes magoar — gritara. — Ninguém nos pode magoar aqui. Diz-lhe, Mãe, diz-lhe que não nos pode magoar aqui. — O rapaz começara a estremecer.

— O Ninho de Águia é inexpugnável — declarara calmamente Lysa Arryn. Puxou o filho para junto dela, rodeando-o com a segurança dos seus rechonchudos braços brancos. — O Duende está a tentar assustar-nos, meu querido. Todos os Lannister são mentirosos. Ninguém vai magoar o meu lindo filho.

O inferno era que não havia dúvida de que a mulher tinha razão. Depois de ver o que era preciso fazer para chegar até ali, Tyrion podia imaginar como seria um cavaleiro a tentar abrir caminho até lá a lutar, revestido de armadura, enquanto pedras e setas choviam sobre ele dos pontos altos, e inimigos o enfrentavam a cada passo. A palavra *pesadelo* nem começava a descrever a situação. Não surpreendia que o Ninho de Águia nunca tivesse sido tomado.

Mas, mesmo assim, Tyrion fora incapaz de se calar.

— Inexpugnável, não — dissera —, meramente inconveniente.

O jovem Robert apontara para baixo, com a mão a tremer.

— És um mentiroso. Mãe, quero vê-lo voar. — Dois guardas vestidos com mantos de azul-celeste agarraram em Tyrion pelos braços, levantando-o do chão.

Só os deuses sabiam o que poderia ter acontecido se não fosse Catelyn Stark.

— Irmã — chamara ela do seu lugar abaixo dos tronos. — Peço que te lembres que este homem é *meu* prisioneiro. Não o quero magoado.

Lysa Arryn olhou de relance e friamente a irmã por um momento, depois ergueu-se e caminhou imponentemente na direcção de Tyrion, arrastando as longas saias atrás de si. Por um instante, o anão temeu que ela lhe batesse, mas em vez disso, ordenou que o largassem. Os homens atiraram-no ao chão, as pernas fugiram-lhe e Tyrion caiu.

Deve ter apresentado um belo espectáculo quando lutou por se pôr de pé e a perna direita entrou em espasmos, atirando-o de novo ao chão. Gargalhadas rebentaram em todo o Alto Salão dos Arryn.

— O hospedezinho da minha irmã está demasiado cansado para se manter em pé — anunciara a Senhora Lysa. — Sor Vardis, levari-o para a masmorra. Um descanso numa das nossas celas abertas far-lhe-á muito bem.

Os guardas puxaram-no com brusquidão. Tyrion Lannister ficara pendurado entre eles, lançando fracos pontapés, com o rosto vermelho de vergonha.

— Lembrar-me-ei disto — dissera a todos quando o levaram.

E lembrava-se, por mais inútil que isso fosse.

A princípio consolara-se com a ideia de que o seu encarceramento não podia durar muito tempo. Lysa Arryn queria humilhá-lo, era tudo. Voltaria a mandá-lo buscar, e em breve. Se não o fizesse, então Catelyn Stark desejaria interrogá-lo. Daquela vez dominaria melhor a língua. Elas não se atreveriam a matá-lo sem mais nem menos; ainda era um Lannister de Rochedo Casterly, e se derramassem o seu sangue, isso significaria a guerra. Pelo menos era o que dizia a si próprio.

Agora já não tinha tanta certeza.

Talvez os seus captores só pretendessem deixá-lo ali a apodrecer, mas temia que não teria forças para apodrecer por muito tempo. A cada dia que passava, ficava um pouco mais fraco, e era só uma questão de tempo até que os pontapés e golpes de Mord o magoassem seriamente, partindo do princípio que o carcereiro não o mataria primeiro a fome. Mais algumas noites de frio e fome, e o azul começaria também a chamar por si.

Gostaria de saber o que estava a acontecer para lá das paredes (as que havia) da sua cela. O Lorde Tywin teria certamente enviado patrulhas quando a notícia lhe chegara. Jaime podia estar naquele momento a liderar uma hoste na travessia das Montanhas da Lua... a menos que em vez disso se dirigisse para norte, contra Winterfell. Será que alguém fora do Vale chegava a suspeitar do local para onde Catelyn Stark o levara? Gostaria de

saber o que faria Cersei quando soubesse. O rei podia ordenar a sua libertação, mas Robert iria dar ouvidos à mulher ou à Mão? Tyrion não tinha ilusões quanto ao amor de Robert pela irmã.

Se Cersei usasse a cabeça, insistiria que fosse o próprio rei a julgar Tyrion. Até Ned Stark pouco podia objectar a isso sem pôr em causa a honra do rei. E Tyrion de bom grado tentaria a sua sorte num julgamento. Fossem quais fossem os assassínios que lhe atribuíam, os Stark não tinham nenhuma prova que ele conseguisse descortinar. Que apresentassem o seu caso perante o Trono de Ferro e os senhores da terra. Seria o fim deles. Se ao menos Cersei fosse suficientemente inteligente para ver isso...

Tyrion Lannister suspirou. A irmã não era desprovida de uma certa baixa astúcia, mas o orgulho cegava-a. Veria naquilo o insulto, mas não a oportunidade. E Jaime era ainda pior, impetuoso, teimoso e de ira fácil. O seu irmão nunca desataria um nó, se pudesse abri-lo em dois a golpes de espada.

Perguntava a si próprio qual deles teria enviado o salteador para silenciar o rapaz Stark, e se teriam de facto conspirado para matar Jon Arryn. Se a antiga Mão fora assassinada, a coisa tinha sido feita com habilidade e subtileza. Homens da idade dele andavam sempre a morrer de doença súbita. Por contraste, enviar um imbecil qualquer com uma faca roubada para matar Brandon Stark parecia-lhe inacreditavelmente tosco. E, pensando melhor, não seria *isso* peculiar?...

Tyrion estremeceu. Ora *ái estava* uma suspeita sórdida. Talvez o lobo gigante e o leão não fossem os únicos animais na floresta, e se isso fosse verdade, alguém estava a usá-lo como instrumento. Tyrion Lannister detestava ser usado.

La ter de sair dali, e depressa. As suas hipóteses de dominar Mord eram baixas ou nulas e ninguém se preparava para lhe fazer chegar cento e oitenta metros de corda, portanto, teria de os convencer a libertá-lo. A sua boca tinha-o metido naquela cela, bem podia também tirá-lo de lá.

Tyrion pôs-se em pé, fazendo os possíveis por ignorar a inclinação do chão, com o seu tão subtil puxão para o abismo. Bateu na porta com um punho.

— *Mord!* — gritou. — *Carcereiro! Mord, preciso de ti!* — Teve de continuar durante uns bons dez minutos antes de ouvir passos. Tyrion deu um passo para trás um instante antes de a porta se abrir com estrondo.

— Fazer barulho — grunhiu Mord, com sangue nos olhos. Pendurada de uma mão carnuda, estava uma correia de couro, larga e espessa, enrolada no seu punho.

*Nunca lhes mostres que tens medo*, lembrou Tyrion a si mesmo.

— Gostavas de ser rico? — perguntou.

Mord bateu-lhe. Baloçou a correia para trás com a mão, preguiçosamente, mas o couro apanhou Tyrion na parte de cima do braço. A força que trazia fê-lo cambalear, e a dor deixou-o a ranger os dentes.

— Boca não, homem anão — preveniu Mord.

— Ouro — disse Tyrion, imitando um sorriso. — O Rochedo Cas-terly está cheio de ouro... ahhhh... — daquela vez o golpe foi dado para a frente, e Mord colocou mais do seu braço no balanço, fazendo o couro estalar e ressaltar. Atingiu Tyrion nas costelas e pô-lo de joelhos, a choramingar. Forçou-se a olhar para o carcereiro. — Tão rico como os Lannister — arquejou. — É o que se diz, Mord...

Mord grunhiu. A correia assobiou pelo ar e esmagou-se em cheio na cara de Tyrion. A dor foi tanta que nem deu por cair, mas quando voltou a abrir os olhos, estava no chão da cela. O ouvido ressoava, e a boca estava cheia de sangue. Apalpou em busca de um apoio, a fim de se erguer, e os seus dedos roçaram contra... coisa nenhuma. Tyrion puxou a mão para trás tão depressa como se a tivesse escaldado e fez os possíveis por parar de respirar. Tinha caído mesmo na borda, a centímetros do azul.

— Mais a dizer? — Mord segurou a correia entre os punhos e deu-lhe um forte puxão. O *snap* fez Tyrion saltar. O carcereiro riu.

*Ele não me vai empurrar*, disse Tyrion desesperadamente a si próprio enquanto se afastava da borda a gatinhar. *Catelyn Stark quer-me vivo, ele não se atreve a matar-me*. Limpou o sangue dos lábios com as costas da mão, sorriu e disse:

— Essa foi rija, Mord. — O carcereiro olhou-o de soslaio, tentando decidir se estava a ser escarnecido. — Podia dar bom uso a um homem forte como tu. — A correia voou, mas daquela vez Tyrion conseguiu esquivar-se dela. Apanhou um golpe de raspão no ombro, nada mais. — Ouro — repetiu, afastando-se sobre os pés e as mãos como um caranguejo —, mais ouro do que verás aqui em toda a vida. O suficiente para comprar terras, mulheres, cavalos... podias ser um senhor. Lorde Mord. — Tyrion reuniu ruidosamente um globo de sangue e muco e cuspiu-o para o céu.

— Não há ouro — disse Mord.

*Ele está a ouvir!*, pensou Tyrion.

— Aliviaram-me da bolsa quando me capturaram, mas o ouro ainda é meu. Catelyn Stark pode tomar um homem prisioneiro, mas nunca se rebaixaria a roubá-lo. Isso não seria honroso. Ajuda-me, e todo o ouro será teu. — A correia de Mord saltou, mas foi um golpe hesitante, isolado, lento e desdenhoso. Tyrion apanhou o couro com a mão e manteve-o preso. — Não haverá risco para ti. Tudo o que tens a fazer é entregar uma mensagem.

O carcereiro libertou a sua tira de couro da mão de Tyrion.



— Mensagem — disse, como se nunca tivesse ouvido a palavra. A carranca abria-lhe profundas fendas na testa.

— Ouviste-me, senhor. Basta que leves as minhas palavras à tua senhora. Diz-lhe... — *O quê? O que poderia levar Lysa Arryn a mostrar-se flexível?* A inspiração chegou de súbito a Tyrion Lannister. — ... diz-lhe que eu desejo confessar os meus crimes.

Mord ergueu o braço, e Tyrion preparou-se para mais um golpe, mas o carcereiro hesitou. A suspeita e a cobiça guerreavam nos seus olhos. Desejava aquele ouro, mas temia um truque; tinha o aspecto de um homem que tinha sido frequentemente enganado.

— É mentira — resmungou em tom sombrio. — Homem anão engana-me.

— Posso pôr a minha promessa por escrito — garantiu Tyrion.

Alguns iletrados sentiam desdém pela escrita; outros pareciam ter uma reverência supersticiosa pela palavra escrita, como se fosse algum tipo de magia. Felizmente, Mord pertencia ao segundo tipo. O carcereiro baixou a correia.

— Escrever ouro. Muito ouro.

— Oh, *muito* ouro — assegurou-lhe Tyrion. — A bolsa é só um aperiitivo, meu amigo. O meu irmão usa uma armadura de folha de ouro. — Na verdade, a armadura de Jaime era aço dourado, mas aquele imbecil nunca saberia a diferença.

Mord passou os dedos pela correia, pensativo, mas por fim cedeu e foi buscar papel e tinta. Depois da carta escrita, o carcereiro franziu o sobrolho ao vê-la, desconfiado.

— Agora, vai entregar a minha mensagem — exortou Tyrion.

Estava a tremer no sono quando vieram buscá-lo, tarde naquela noite. Mord abriu a porta mas manteve-se em silêncio. Sor Vardis Egen acordou Tyrion com a ponta da bota.

— Em pé, Duende. A minha senhora deseja ver-vos.

Tyrion esfregou o sono dos olhos e afivelou um sorriso que não sentia.

— Sem dúvida que sim, mas o que vos faz pensar que eu desejo vê-la?

Sor Vardis franziu o sobrolho. Tyrion lembrava-se bem dele, dos anos que passara em Porto Real como capitão da guarda doméstica da Mão. Uma cara quadrada e simples, cabelo grisalho, constituição pesada e sem sombra de humor.

— Os vossos desejos não são da minha conta. Em pé, ou mandarei que vos carreguem.

Tyrion pôs-se desajeitadamente em pé.

— Uma noite fria — disse em tom casual — e o Alto Salão tem tantas correntes de ar. Não quero apanhar um resfriado. Mord, se me fizeres favor, vai buscar o meu manto.

O carcereiro olhou-o de soslaio, com uma expressão estúpida e desconfiada.

— O meu *manto* — repetiu Tyrion. — A pele de gato-das-sombras que me tiraste para a guardar em segurança. Tu lembras-te.

— Vai-lhe buscar o maldito manto — disse Sor Vardis.

Mord não se atreveu a resmungar. Deitou a Tyrion um olhar que prometia uma retribuição futura, mas foi buscar o manto. Quando o enrolou em torno do pescoço do prisioneiro, Tyrion sorriu.

— Muito obrigado. Pensarei em ti sempre que o usar. — Atirou a parte da frente da longa pele por sobre o ombro direito e sentiu-se quente pela primeira vez em vários dias. — Mostrai o caminho, Sor Vardis.

O Alto Salão dos Arryn brilhava à luz de cinquenta archotes, que ardiam em apoios presos às paredes. A Senhora Lysa trajava de seda negra, com a lua e o falcão bordados no peito com pérolas. Como não parecia ser do tipo de se juntar à Patrulha da Noite, Tyrion só conseguia imaginar que ela decidira que roupas fúnebres eram um traje apropriado para uma confissão. O seu longo cabelo ruivo, preso numa trança elaborada, caía-lhe sobre o ombro esquerdo. O trono mais alto a seu lado estava vazio; sem dúvida que o pequeno Senhor do Ninho de Águia estava a estremecer no seu sono. Pelo menos por isso, Tyrion sentia-se grato.

Fez uma profunda vénia e demorou-se um momento a passar os olhos pelo salão. A Senhora Arryn convocara os seus cavaleiros e servidores para ouvir a confissão, tal como ele esperara. Viu o rosto escarpado de Sor Brynden Tully e o abrupto de Lorde Nestor Royce. Ao lado de Nestor estava um homem mais novo com umas ferozes suíças negras, que só podia ser o seu herdeiro, Sor Albar. Encontrava-se ali representada a maior parte das principais casas do Vale. Tyrion descortinou Sor Lyn Corbray, esguio como uma espada, Lorde Hunter, com as suas pernas artríticas, a viúva Senhora Waynwood rodeada pelos filhos. Outros exibiam símbolos que não conhecia: uma lança quebrada, uma víbora verde, uma torre ardente, um cálice alado.

Entre os senhores do Vale encontravam-se vários dos que tinham sido seus companheiros na estrada de altitude: Sor Rodrik Cassel, pálido dos ferimentos meio curados, tinha Sor Willis Wode a seu lado. Marillion, o cantor, encontrara uma nova harpa. Tyrion sorriu: acontecesse o que acontecesse ali naquela noite, não queria que acontecesse em segredo, e não havia ninguém melhor do que um cantor para espalhar uma história aos sete ventos.

Ao fundo da sala, Bronn preguiçava sob um pilar. Os olhos negros do cavaleiro livre estavam fixos em Tyrion, e a sua mão pousava levemente no botão do punho da espada. Tyrion olhou-o longamente, interrogando-se...

Catelyn Stark foi a primeira a falar.

— Foi-nos dito que desejáveis confessar os vossos crimes.

— Desejo, senhora — respondeu Tyrion.

Lysa Arryn sorriu para a irmã.

— As celas abertas quebram-nos sempre. Os deuses podem vê-los lá, e não há escuridão onde se refugiem.

— Ele não me parece quebrado — disse a Senhora Catelyn.

A Senhora Lysa não lhe prestou atenção.

— Dizei o que tendes a dizer — ordenou a Tyrion.

*E agora façamos rolar os dados*, pensou com outro rápido relance para Bronn.

— Por onde começar? Sou um homenzinho vil, confesso. Os meus crimes são incontáveis, senhores e senhoras. Deitei-me com prostitutas não uma mas centenas de vezes. Desejei a morte ao senhor meu pai, e também à minha irmã, nossa piedosa rainha. — Atrás dele, alguém soltou um risinho. — Nem sempre tratei os meus criados com delicadeza. Joguei jogos de azar. Até cheguei a fazer batota, admito-o enrubescido. Disse muitas coisas cruéis e maliciosas acerca dos nobres senhores e senhoras da corte. — Aquilo provocou abertas gargalhadas. — Uma vez...

— *Silêncio!* — A pálida cara redonda de Lysa Arryn tomara um tom ardente de cor-de-rosa. — Que imaginais que estais a fazer, anão?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado.

— Ora, a confessar os meus crimes, senhora.

Catelyn Stark deu um passo em frente.

— Sois acusado de enviar um assassino contratado para matar o meu filho Bran na sua própria cama, e de conspirar para o assassinio de Lorde Jon Arryn, a Mão do Rei.

Tyrion encolheu os ombros com ar impotente.

— Temo que *esses* crimes não possa confessar. Nada sei de assassinios.

A Senhora Lysa ergueu-se do seu trono de represeiro.

— Não irei ser alvo de troça. Já tiveste a tua brincadeirinha, Duende. Confio que tendeis gostado dela. Sor Vardis, levai-o de volta para as masmorras... mas desta vez arranjai-lhe uma cela mais pequena, com um chão mais inclinado.

— *É assim* que se faz justiça no Vale? — rugiu Tyrion, tão alto que Sor Vardis se imobilizou por um instante. — Será que a honra fica à porta no

Portão Sangrento? Acusais-me de crimes, eu nego-os, e portanto atirais-me para uma cela a céu aberto para que congele e morra à fome. — Ergueu a cabeça, para mostrar bem a todos as nódoas negras que Mord deixara no seu rosto. — Onde está a justiça do rei? Será que o Ninho de Águia não faz parte dos Sete Reinos? Dizeis que estou acusado. Muito bem. *Exijo um julgamento!* Deixai-me falar, e deixai que a minha verdade ou falsidade seja julgada abertamente, à vista dos deuses e dos homens.

Um murmúrio baixo encheu o Alto Salão. Tyrion soube que tinha ganho. Era bem-nascido, filho do mais poderoso senhor do reino, irmão da rainha. Não lhe podia ser negado um julgamento. Guardas com mantos azul celeste tinham-se começado a dirigir para Tyrion, mas Sor Vardis disse-lhes para parar e olhou para a Senhora Lysa.

A pequena boca desta torceu-se num sorriso petulante.

— Se fordes julgado e achado culpado dos crimes pelos quais sois acusado, então pelas leis do próprio rei, deveis pagar com o sangue da vossa vida. Não temos carrasco no Ninho de Águia, senhor de Lannister. Abri a Porta da Lua.

A aglomeração de espectadores separou-se. Uma estreita porta de represeiro surgiu à vista, entre dois esguios pilares de mármore, com um crescente esculpido na madeira branca. Aqueles que estavam mais perto da porta recuaram quando um par de guardas marchou até ela. Um dos homens removeu as pesadas barras de bronze; o segundo puxou a porta para dentro. Os seus mantos azuis ergueram-se-lhes dos ombros, a ondular, apanhados pela súbita rajada de vento que entrou a uivar pela porta aberta. Do outro lado havia o vazio do céu nocturno, salpicado de estrelas frias e indiferentes.

— Admirai a justiça do rei — disse Lysa Arryn. Chamas de archotes flutuaram como flâmulas ao longo das paredes, e aqui e ali um ou outro archote apagou-se.

— Lysa, penso que isto é insensato — disse Catelyn Stark enquanto o vento negro rodopiava pelo salão.

A irmã ignorou-a.

— Desejais um julgamento, senhor de Lannister. Muito bem, tereis um julgamento. O meu filho irá ouvir o que tendes a dizer, e vós ouvireis o seu julgamento. Então podereis sair... por uma porta ou pela outra.

Ela parecia tão contente consigo própria, pensou Tyrion, e não admirava. Como poderia um julgamento ameaçá-la, quando o senhor juiz era o fracote do seu filho? Tyrion olhou de relance para a Porta da Lua. *Mãe, quero vê-lo voar!* dissera o rapaz. Quantos homens teria já o ranhoso canalhinho mandado atravessar aquela porta?

— Agradeço-vos, minha boa senhora, mas não vejo necessidade de

incomodar o Lorde Robert — disse Tyrion delicadamente. — Os deuses conhecem a verdade da minha inocência. Desejo o seu veredicto, não o julgamento dos homens. Exijo um julgamento por combate.

Uma tempestade de súbitas gargalhadas encheu o Alto Salão dos Arryn. O Lorde Nestor Royce resfolegou, Sor Willis roncou, Sor Lyn Corbray relinçou e outros atiraram as cabeças para trás e uivaram até que lágrimas lhes correram pelos rostos. Marillion arrancou desajeitadamente uma nota alegre da sua nova harpa com os dedos da mão partida. Até o vento pareceu assobiar com zombaria, ao entrar, aos gritos, pela Porta da Lua.

Os olhos de um azul aguado de Lysa Arryn pareceram incertos. Tinha-a apanhado em desequilíbrio.

— Tendes certamente esse direito.

O jovem cavaleiro com a víbora verde bordada na capa deu um passo em frente e caiu sobre um joelho.

— Minha senhora, peço a mercê de ser o campeão da vossa causa.

— A honra deve ser minha — disse o velho Lorde Hunter. — Pelo amor que sentia pelo senhor vosso esposo, deixai-me vingar a sua morte.

— O meu pai serviu fielmente o Lorde Jon como Supremo Intendente do Vale — trovejou Sor Albar Royce. — Deixai-me servir aqui o seu filho.

— Os deuses favorecem o homem com a causa justa — disse Sor Lyn Corbray — mas é frequente que esse acabe por ser o homem com a espada mais hábil. Todos sabemos quem esse homem é. — E sorriu modestamente.

Uma dúzia de outros homens falou ao mesmo tempo, clamando para ser ouvida. Tyrion achou desanimador que tantos estranhos estivessem ansiosos por o matar. Este afinal talvez não tivesse sido um plano tão inteligente como parecera.

A Senhora Lysa ergueu uma mão a exigir silêncio.

— Agradeço-vos, senhores, como sei que o meu filho vos agradeceria se estivesse entre nós. Não há homens nos Sete Reinos tão ousados e leais como os cavaleiros do Vale. Gostaria de vos poder conceder a todos esta honra. Mas só posso escolher um. — Fez um gesto. — Sor Vardis Egen, fostes sempre um bom braço-direito do senhor meu esposo. Sereis o nosso campeão.

Sor Vardis tinha estado singularmente silencioso.

— Minha senhora — disse gravemente, deixando-se cair sobre um joelho —, peço-vos que atribuíis a outro este fardo, pois eu não tenho gosto nele. O homem não é guerreiro nenhum. Olhai-o. Um anão, com metade do meu tamanho e coxo das pernas. Seria vergonhoso matar um homem assim e dar-lhe o nome de justiça.

Oh, *excelente*, pensou Tyrion.

— Concordo.  
Lysa olhou-o furiosa.  
— Haveis exigido um julgamento pelo combate.  
— E agora exijo um campeão, tal como haveis arranjado um para vós. Sei que o meu irmão Jaime tomará de bom grado o meu partido.  
— O vosso precioso Regicida está a centenas de léguas daqui — exclamou Lysa Arryn.  
— Enviai-lhe uma ave. De bom grado esperarei a sua chegada.  
— Defrontareis Sor Vardis pela manhã.  
— Cantor — disse Tyrion, virando-se para Marillion —, quando escreveres uma balada sobre isto, não te esqueças de lhes dizer como a Senhora Arryn negou ao anão o direito a um campeão, e o enviou, aleijado, magoado e coxo, para defrontar o seu melhor cavaleiro.  
— Não vos nego nada! — disse Lysa Arryn, com a voz esganiçada de irritação. — Indicai o vosso campeão, Duende... se achais que encontrareis um homem que morra por vós.  
— Se não vos fizer diferença, preferia encontrar um que mate por mim. — Tyrion olhou em volta do longo salão. Ninguém se mexeu. Por um longo momento, perguntou a si próprio se tudo aquilo não teria sido um colossal disparate.  
Então houve uma agitação na parte de trás da sala.  
— Eu luto pelo anão — gritou Bronn.

Sonhou um sonho antigo, sobre três cavaleiros em mantos brancos, uma torre há muito caída, e Lyanna na sua cama de sangue.

No sonho, os amigos cavalgavam consigo, como o tinham feito em vida. O orgulhoso Martyn Cassel, pai de Jory; o fiel Theo Will; Ethan Glover, que fora escudeiro de Brandon; Sor Mark Ryswell, de fala mansa e coração gentil; o cranogmano, Howland Reed; Lorde Dustin no seu grande garanhão vermelho. Ned conhecera-lhes em tempos os rostos tão bem como conhecia o seu, mas os anos sugam as memórias de um homem, mesmo aquelas que ele jurou nunca esquecer. No sonho, eram apenas sombras, espectros cinzentos montados em cavalos feitos de névoa.

Eram sete, a enfrentar três. No sonho, tal como acontecera na vida. Mas aqueles três não eram homens comuns. Esperavam defronte da torre redonda, com as montanhas vermelhas de Dorne nas suas costas e os mantos brancos a ondular ao vento. E esses três vultos não eram sombras; os seus rostos eram claros como brasas, mesmo agora. Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã, tinha um sorriso triste nos lábios. O cabo da grande espada chamada Alvorada espreitava-lhe por sobre o ombro direito. Sor Oswell Whent apoiava-se num joelho, afiando a sua lâmina com uma pedra de polir. O morcego negro da sua Casa estendia as asas sobre o elmo esmaltado de branco. Entre os dois, erguia-se o velho e feroz Sor Gerold Hightower, o Touro Branco, Senhor Comandante da Guarda Real.

— Procurei-vos no Tridente — disse-lhes Ned.

— Não estávamos lá — respondeu Sor Gerold.

— Seria uma aflição para o Usurpador se tivéssemos estado — disse Sor Oswell.

— Quando Porto Real caiu, Sor Jaime matou o vosso rei com uma espada dourada, e eu pergunto-me onde estaríeis vós.

— Longe — disse Sor Gerold —, caso contrário, Aerys ainda possuiria o Trono de Ferro e o nosso falso irmão estaria a arder nos sete infernos.

— Eu vim a Ponta Tempestade para levantar o cerco — disse-lhes Ned — e os senhores Tyrell e Redwyne baixaram os estandartes, e todos os seus cavaleiros dobraram os joelhos para nos jurar fidelidade. Tinha a certeza de que vos encontráveis entre eles.

— Os nossos joelhos não se dobram facilmente — disse Sor Arthur Dayne.

— Sor Willem Darry fugiu para Pedra do Dragão, com a vossa rainha e o Príncipe Viserys. Pensei que pudésseis ter velejado com ele.

— Sor Willem é um homem bom e leal — disse Sor Oswell.

— Mas não pertence à Guarda Real — fez notar Sor Gerold. — A Guarda Real não foge.

— Nem então, nem hoje — disse Sor Arthur. Preparou o elmo.

— Fizemos um juramento — explicou o velho Sor Gerold.

Os espectros de Ned puseram-se a seu lado, com espadas fantasmagóricas nas mãos. Eram sete contra três.

— E hoje começa — disse Sor Arthur Dayne, a Espada da Manhã. Desembainhou Alvorada e segurou-a com ambas as mãos. A lâmina era pálida como vidro leitoso, viva de luz.

— Não — disse Ned com tristeza na voz. — Hoje termina. — No momento em que eles atacaram juntos numa confusão de aço e sombras, pôde ouvir Lyanna a gritar.

— *Eddard!* — chamou ela. Uma tempestade de pétalas de rosa soprou através de um céu riscado de sangue, azul como os olhos da morte.

— Lorde Eddard — chamou de novo Lyanna.

— Prometo — sussurrou ele. — Lya, prometo...

— Lorde Eddard — ecoou a voz de um homem vinda da escuridão.

Gemendo, Eddard Stark abriu os olhos. O luar escorria através das altas janelas da Torre da Mão.

— Lorde Eddard? — Uma sombra erguia-se sobre a cama.

— Quanto... quanto tempo? — Os lençóis estavam presos, a sua perna revestida de talas e gesso. Um surdo latejar de dor subia-lhe pelo flanco.

— Seis dias e sete noites. — A voz pertencia a Vayon Poole. O intendente encostou uma taça aos lábios de Ned. — Bebei, senhor.

— Que...?

— Apenas água. O Mestre Pycelle disse que teríeis sede.

Ned bebeu. Tinha os lábios secos e rachados. A água era doce como mel.

— O rei deixou ordens — disse-lhe Vayon Poole quando a taça ficou vazia. — Deseja falar convosco, senhor.

— Amanhã — disse Ned. — Quando estiver mais forte. — Naquele momento não podia enfrentar Robert. O sonho deixara-o fraco como um gatinho.

— Senhor — disse Poole — ele ordenou-nos que vos enviássemos até ele no momento em que abrisseis os olhos. — O intendente afadigou-se a acender uma vela de cabeceira.

Ned praguejou com suavidade. Robert nunca fora conhecido pela sua paciência.



— Diz-lhe que estou fraco de mais para ir ter com ele. Se deseja falar comigo, ficarei feliz por recebê-lo aqui. Espero que o acordes de um sono profundo. E chama... — Preparava-se para dizer *Jory* quando se lembrou. — Chama o capitão da minha guarda.

Alyn entrou no quarto poucos momentos depois de o intendente se ter retirado.

— Senhor.

— Poole disse-me que passaram seis dias — disse Ned. — Tenho de saber em que pé estão as coisas.

— O Regicida fugiu da cidade — disse-lhe Alyn. — Diz-se que voltou a *Rochedo Casterly* para se juntar ao pai. A história sobre o modo como a *Senhora Catelyn* capturou o *Duende* está em todos os lábios. Reforcei a guarda, com a vossa licença.

— Está dada — assegurou-lhe Ned. — As minhas filhas?

— Têm estado convosco todos os dias, senhor. *Sansa* reza em silêncio, mas *Arya*... — Hesitou. — Ela não disse uma palavra desde que vos trouxeram. É uma coisinha feroz, senhor. Nunca vi tamanha ira numa rapariga.

— Aconteça o que acontecer — disse Ned —, quero que as minhas filhas sejam mantidas a salvo. Temo que isto seja apenas o princípio.

— Nenhum mal lhes acontecerá, *Lorde Eddard* — disse Alyn. — Coloco nisso a minha vida.

— *Jory* e os outros...

— Entreguei-os às irmãs silenciosas, a fim de serem enviados para norte, para *Winterfell*. *Jory* queria fazer junto ao avô.

Teria de ser o avô, pois o pai de *Jory* estava enterrado muito a sul. *Martyn Cassel* perecera com os outros. Ned atirara depois a torre abaixo, e usara as suas pedras sangrentas para construir oito mamoas no topo daquela colina. Dizia-se que *Rhaegar* chamara àquele lugar a torre da alegria, mas para Ned era uma memória amarga. Tinham sido sete contra três, mas só dois tinham sobrevivido: o próprio *Eddard Stark*, e o pequeno *cranogmano*, *Howland Reed*. Não lhe parecia de bom agoiro voltar a sonhar aquele sonho depois de tantos anos.

— Agiste bem, Alyn — estava Ned a dizer quando *Vayon Poole* regressou. O intendente fez uma vénia profunda.

— Sua Graça está lá fora, senhor, e a rainha está com ele.

Ned ergueu-se mais, retraindo-se quando a sua perna tremeu de dor. Não esperara a vinda de *Cersei*. Não vaticinava nada de bom que tivesse vindo.

— Manda-os entrar, e depois deixa-nos. O que temos a dizer não deve sair destas paredes. — *Poole* retirou-se em silêncio.

*Robert* levava tempo a vestir-se. Usava um gibão negro de veludo com

o veado coroadado de Baratheon trabalhado em fio de ouro no peito, e uma capa dourada com um manto de quadrados negros e dourados. Trazia um jarro de vinho na mão e a cara já corada da bebida. Cersei Lannister entrou atrás dele, com uma tiara incrustada de jóias no cabelo.

— Vossa Graça — disse Ned. — As minhas desculpas. Não me posso levantar.

— Não importa — disse o rei bruscamente. — Um pouco de vinho? Da Árvore. Uma boa colheita.

— Um pequeno copo — disse Ned. — Ainda tenho a cabeça pesada do leite da papoila.

— Um homem na vossa posição devia achar-se afortunado por ainda ter a cabeça sobre os ombros — declarou a rainha.

— Calada, mulher — exclamou Robert. Trouxe a Ned um copo de vinho. — A perna ainda te dói?

— Um pouco — disse Ned. Sentia a cabeça a nadar, mas não seria bom admitir fraqueza perante a rainha.

— Pycelle jura que vai curar bem. — Robert franziu o sobrolho. — Presumo que saibas o que Catelyn fez?

— Sei. — Ned bebeu um pouco de vinho. — A senhora minha esposa não tem culpa, Vossa Graça. Tudo o que fez foi às minhas ordens.

— Eu *não* estou satisfeito, Ned — resmungou Robert.

— Com que direito vos atreveis a pôr as mãos no meu sangue? — exigiu saber Cersei. — Quem pensais que sois?

— A Mão do Rei — disse-lhe Ned com uma cortesia gelada. — Encarregue pelo próprio senhor vosso esposo de manter a paz do rei e executar a justiça do rei.

— Vós éreis a Mão — começou Cersei — mas agora...

— *Silêncio!* — rugiu o rei. — Fizeste-lhe uma pergunta e ele respondeu-te. — Cersei calou-se, com uma ira fria, e Robert voltou a virar-se para Ned. — Manter a paz do rei, dizes tu. É assim que manténs a minha paz, Ned? Estão sete homens mortos...

— Oito — corrigiu a rainha. — Tregar morreu esta manhã, do golpe que o Lorde Stark lhe deu.

— Raptos na Estrada do Rei e assassínios de bêbados nas minhas ruas — disse o rei. — Não o admitirei, Ned.

— Catelyn tinha bons motivos para capturar o Duende...

— Eu disse que *não* o admitirei! Que os motivos dela vão para o inferno. Vais ordenar-lhe que liberte imediatamente o anão, e vais fazer as pazes com Jaime.

— Três dos meus homens foram massacrados perante os meus olhos, porque Jaime Lannister desejou *punir-me*. Deverei esquecer isso?

— O meu irmão não provocou esta querela — disse Cersei ao rei.  
— O Lorde Stark regressava bêbado de um bordel. Os seus homens atacaram Jaime e os seus guardas, tal como a mulher dele atacou Tyrion na Estrada do Rei.

— Conheceis-me melhor do que isso, Robert — disse Ned. — Perguntai ao Lorde Baelish se duvidais de mim. Ele estava lá.

— Já falei com o Mindinho — disse Robert. — Ele diz que se afastou para ir buscar os homens de manto dourado antes do início da luta, mas admite que regressavam de uma casa de prostitutas qualquer.

— De uma casa de prostitutas *qualquer*? Malditos sejam os vossos olhos, Robert, eu fui lá para ver a vossa filha! A mãe chamou-lhe Barra. Parece-se com aquela primeira rapariga que tivestes, quando éramos rapazes no Vale. — Observou a rainha enquanto falava; o seu rosto era uma máscara, imóvel e pálida, sem trair nada.

Robert corou.

— Barra — resmungou. — Suporá que isso me agrada? Maldita rapariga. Pensei que tivesse mais bom senso.

— Ela não pode ter mais que quinze anos, e é uma prostituta, e pensáveis que ela tinha *bom senso*? — disse Ned, incrédulo. A perna começava a doer-lhe fortemente. Era difícil manter-se calmo. — A pateta da rapariga está apaixonada por vós, Robert.

O rei olhou de relance para Cersei.

— Isto não é um assunto adequado para os ouvidos da rainha.

— Sua Graça não gostará de nada do que eu tenho a dizer — respondeu Ned. — Disseram-me que o Regicida fugiu da cidade. Dai-me licença para o trazer à justiça.

O rei fez girar o vinho no copo, matutando. Bebeu um trago.

— Não — disse. — Não quero que isto continue. Jaime matou três dos teus homens, tu mataste cinco dos dele. E acaba aqui.

— É essa a vossa ideia de justiça? — inflamou-se Ned. — Se é, sinto-me contente por já não ser a vossa Mão.

A rainha olhou para o marido.

— Se algum homem se tivesse atrevido a falar a um Targaryen do modo como ele falou convosco...

— Tomas-me por Aerys? — interrompeu Robert.

— Tomo-vos por um rei. Jaime e Tyrion são vossos *irmãos*, segundo todas as leis do casamento e dos laços que partilhamos. Os Stark afastaram um e capturaram o outro. Este homem desonra-vos de cada vez que respira, e aqui estais, humildemente, a perguntar se a perna lhe dói e se quer vinho.

O rosto de Robert estava escuro de cólera.

— Quantas vezes tenho de te dizer para teres tento na língua, mulher?

A face de Cersei era um estudo sobre o desprezo.

— Que brincadeira fizeram os deuses de nós dois — disse. — De todo o direito, vós devíeis estar de saias e eu de cota de malha.

Roxo de raiva, o rei estendeu a mão, num violento golpe dado com as costas à parte lateral da cabeça dela. Cersei Lannister tropeçou na mesa e estatelou-se, mas não gritou. Os seus dedos magros afagaram a bochecha, onde a pele pálida e suave já começava a tornar-se vermelha. No dia seguinte, a nódoa negra cobriria metade do seu rosto.

— Vou usar isto como um distintivo de honra — anunciou.

— Usa-o em silêncio, ou volto a honrar-te — prometeu Robert. Gritou por um guarda. Sor Moryn Trant entrou no quarto, alto e melancólico na sua armadura branca. — A rainha está fatigada. Levai-a para o seu quarto. — O cavaleiro ajudou Cersei a pôr-se em pé e levou-a sem uma palavra.

Robert estendeu a mão para o jarro e voltou a encher o seu copo.

— Estás a ver o que ela me faz, Ned. — O rei sentou-se, embalando o seu copo de vinho. — A minha querida esposa. E mãe dos meus filhos. — A raiva tinha agora desaparecido; nos seus olhos Ned viu algo triste e assustado. — Não lhe devia ter batido. Não foi... não foi *régio*. — Fixou os olhos nas mãos, como se não soubesse bem o que elas eram. — Sempre fui forte... ninguém me conseguia enfrentar, ninguém. Como se luta contra alguém se não se lhe pode bater? — Confuso, o rei abanou a cabeça. — O Rhaegar... o Rhaegar *ganhou*, maldito seja. Matei-o, Ned, enterrei o espigão naquela armadura negra, espetei-o no seu coração negro, e ele morreu aos meus pés. Fizeram canções sobre isso. Mas de algum modo conseguiu ganhar. Ele agora tem Lyanna, e eu tenho-a a *ela*. — O rei esvaziou o copo.

— Vossa Graça — disse Ned Stark —, temos de conversar...

Robert apertou as têmporas com as pontas dos dedos.

— Estou mortalmente farto de conversas. Amanhã vou à caça para a Mataderrei. Seja o que for que tu tenhas a dizer pode esperar até ao meu regresso.

— Se os deuses forem bondosos, não estarei aqui quando regressardes. Ordenastes-me que regressasse a Winterfell, haveis-vos esquecido?

Robert pôs-se em pé, agarrando-se a um dos pilares da cama para se firmar nas pernas.

— Os deuses raramente são bondosos, Ned. Toma, isto é teu. — Tirou de um bolso que tinha no forro do manto o pesado pregador da mão de prata e atirou-o para cima da cama. — Gostes ou não, és a minha Mão, maldito sejas. Proíbo-te de partir.

Ned pegou no pregador de prata. Parecia que não lhe estava a ser dada escolha. A sua perna latejou, e sentiu-se tão impotente como uma criança.

— A rapariga Targaryen...

O rei gemeu.

— Pelos sete infernos, não comeses com ela outra vez. Está feito, não quero ouvir mais falar do assunto.

— Porque me quereis como vossa Mão, se vos recusais a ouvir os meus conselhos?

— Porquê? — Robert riu. — E porque não? Alguém tem de governar este maldito reino. Coloca o distintivo, Ned. Fica-te bem. E se alguma vez voltares a atirar-mo à cara, espeto a maldita coisa no Jaime Lannister.

O céu oriental era de rosa e ouro quando o Sol surgiu sobre o Vale de Arryn. Catelyn Stark viu a luz espalhar-se, com as mãos pousadas na delicada pedra esculpida da balaustrada fora da sua janela. Em baixo, o mundo passou de negro a índigo e a verde à medida que a alvorada rastejava por campos e florestas. Pálidas névoas brancas ergueram-se das Lágrimas de Alyssa, onde as fantasmagóricas águas mergulhavam de uma saliência na montanha para começar a sua longa queda pela vertente da Lança do Gigante. Catelyn conseguia sentir o ténue toque do vapor no seu rosto.

Alyssa Arryn vira o marido, os irmãos e todos os filhos assassinados, mas em vida nunca derramara uma lágrima. Por isso, em morte, os deuses tinham decretado que não conheceria descanso até que o seu choro regasse a terra negra do Vale, onde estavam enterrados os homens que amara. Alyssa estava morta havia seis mil anos, e ainda nem uma gota da torrente atingira o fundo do vale, muito abaixo. Catelyn perguntou a si própria qual seria o tamanho da cascata que as suas lágrimas fariam quando morresse.

— Contai-me o resto — disse.

— O Regicida está a reunir uma hoste no Rochedo Casterly — respondeu Sor Rodrik Cassel do quarto atrás dela. — O vosso irmão escreve que enviou cavaleiros ao Rochedo exigindo que Lorde Tywin proclamasse as suas intenções, mas não obteve resposta. Edmure ordenou a Lorde Vance e a Lorde Piper que guardassem o passo sob o Dente Dourado. Jura-vos que não cederá nem um pé de terra Tully sem primeiro a regar com sangue Lannister.

Catelyn virou costas ao nascer do Sol. A sua beleza pouco fazia para lhe melhorar o humor; parecia cruel que um dia amanhecesse tão belo e terminasse tão feio como aquele prometia terminar.

— Edmure enviou cavaleiros e fez juramentos — disse — mas não é Edmure o senhor de Correrrio. E o senhor meu pai?

— A mensagem não menciona Lorde Hoster, senhora. — Sor Rodrik puxou pelas suíças. Tinham crescido brancas como a neve e hirsutas como um espinheiro enquanto ele recuperava dos ferimentos; já quase parecia ele próprio de novo.

— O meu pai não teria dado a Edmure a defesa de Correrrio a menos que estivesse muito doente — disse ela, preocupada. — Devia ter sido acordada assim que esta ave chegou.

— O Mestre Colemon disse-me que a senhora vossa irmã achou melhor deixar-vos dormir.

— Devia ter sido acordada — insistiu Catelyn.

— O Mestre disse-me que a vossa irmã planeia ter uma conversa convosco depois do combate — disse Sor Rodrik.

— Então ainda tenciona ir em frente com esta farsa? — Catelyn fez uma careta. — O anão tocou-a como se fosse uma gaita, e ela é demasiado surda para ouvir a melodia. Aconteça o que acontecer esta manhã, Sor Rodrik, já é mais que tempo de nos retirarmos. O meu lugar é em Winterfell com os meus filhos. Se estais suficientemente forte para viajar, pedirei a Lysa uma escolta para nos levar a Vila Gaivotas. Podemos apanhar aí um navio.

— Outro navio? — Sor Rodrik ficou ligeiramente verde, mas conseguiu não estremecer. — Como quiserdes, senhora.

O velho cavaleiro esperou à porta dos seus aposentos enquanto Catelyn chamava os criados que Lysa lhe dera. Enquanto a vestiam, pensou que se falasse com a irmã antes do duelo, talvez fosse capaz de a fazer mudar de ideias. Os planos de Lysa mudavam com os seus humores, e estes mudavam de hora a hora. A acanhada rapariga que conhecera em Correrrio tinha-se transformado numa mulher que era alternadamente orgulhosa, atemorizada, cruel, sonhadora, imprudente, tímida, teimosa, vaidosa e, acima de tudo, *inconstante*.

Quando aquele seu nojento carcereiro viera a rastejar dizer-lhes que Tyrion Lannister desejava confessar, Catelyn insistira com Lysa para que o anão lhes fosse trazido em privado, mas não, nada estava bem a menos que a irmã conseguisse um espectáculo para metade do Vale. E agora isto...

— O Lannister é *meu* prisioneiro — disse a Sor Rodrik enquanto desciam as escadas da torre e avançavam através dos frios salões brancos do Ninho de Águia. Catelyn vestia lã cinzenta sem ornamentos e um cinto prateado. — A minha irmã tem de ser lembrada disso.

À porta dos aposentos de Lysa, encontraram o tio a sair, furioso.

— Vais-te juntar ao festival de tolos? — proferiu bruscamente Sor Brynden. — Eu dir-te-ia para enfiar algum bom senso na tua irmã à pancada, se pensasse que isso teria algum resultado, mas ias só magoar a mão.

— Chegou uma ave de Correrrio — começou Catelyn — uma carta de Edmure...

— Eu sei, filha. — O peixe negro que prendia o seu manto era a única concessão que Brynden fazia aos ornamentos. — Tive de ouvir a notícia da boca do Mestre Colemon. Pedi à tua irmã licença para levar mil homens experimentados para Correrrio a toda a pressa. Sabes o que ela me disse? *O Vale não pode prescindir de mil espadas, nem mesmo de uma*, Tio, disse ela.

*Sois o Cavaleiro do Portão. O vosso lugar é aí.* — Uma rajada de risos infantis soprou pelas portas abertas atrás dele, e Brynden lançou um relance sombrio por sobre o ombro. — Bem, disse-lhe que bem podia arranjar um novo Cavaleiro do Portão. Peixe negro ou não, ainda sou um Tully. Partirei para Correrrio ao cair da noite.

Catelyn não podia fingir surpresa.

— Sozinho? Sabeis tão bem como eu que nunca sobreviveríeis à estrada de altitude. Sor Rodrik e eu vamos regressar a Winterfell. Vinde connosco, Tio. Dar-vos-ei os vossos mil homens. Correrrio não lutará sozinho.

Brynden reflectiu por um momento, e depois concordou com um aceno brusco.

— Será como dizes. É o caminho longo para casa, mas assim é mais provável que lá chegue. Espero por ti lá em baixo. — Foi-se embora a passos largos, com o manto a rodopiar atrás dele.

Catelyn trocou um olhar com Sor Rodrik. Atravessaram as portas ao agudo e nervoso som do riso de uma criança.

Os aposentos de Lysa abriam-se para um pequeno jardim, um círculo de terra e erva plantado com flores azuis e rodeado por todos os lados de grandes torres brancas. Os construtores tinham-no planeado como um bosque sagrado, mas o Ninho de Águia rodeava-se da pedra dura da montanha, e não importava quanta terra era trazida do Vale, não conseguiam que um represeiro ganhasse raízes ali. Assim, os senhores do Ninho de Águia plantaram relva e espalharam estátuas por entre pequenos arbustos floridos. Seria ali que os dois campeões se defrontariam para colocar as suas vidas, e a de Tyrion Lannister, nas mãos dos deuses.

Lysa, acabada de ser escovada e vestida de veludo creme com um cordão de safiras e selenite em redor do pescoço leitoso, encontrava-se no terraço que dava para o local do combate, rodeada pelos seus cavaleiros, servidores e senhores, grandes e pequenos. A maior parte ainda acalentava a esperança de a desposar, dormir com ela e governar o Vale de Arryn a seu lado. Pelo que Catelyn vira durante a sua estadia no Ninho de Águia, era uma vã esperança.

Uma plataforma de madeira fora construída para elevar a cadeira de Robert; era aí que se sentava o Senhor do Ninho de Águia, rindo e batendo as mãos enquanto um bonecreiro corcunda, vestido de retalhos azuis e brancos, fazia com que dois cavaleiros de madeira se golpeassem mutuamente. Tinham sido trazidos canjirões de um creme espesso e cestos de amoras silvestres, e os convidados bebiam um vinho doce com aroma de laranja de taças de prata com gravuras. Brynden chamara àquilo *um festival de tolos*, e não era de admirar.

Do outro lado do terraço, Lysa riu alegremente de alguma brincadei-



ra de Lorde Hunter, e mordiscou uma amora espetada na ponta do punhal de Sor Lyn Corbray. Eram os pretendentes que se encontravam em melhor posição nos favores de Lysa... hoje, pelo menos. Catelyn ter-se-ia visto em dificuldades para decidir qual dos homens era mais desadequado. Eon Hunter ainda era mais velho do que Jon Arryn, meio estropiado pela gota, e amaldiçoado por três filhos conflituosos, cada um mais ganancioso que o outro. Sor Lyn era um tipo de loucura diferente; esbelto e bem-parecido, herdeiro de uma casa antiga mas empobrecida, mas vaidoso, imprudente, de temperamento quente... e, segundo se sussurrava, notoriamente desinteressado dos encantos íntimos das mulheres.

Quando Lysa viu Catelyn, recebeu-a com um abraço fraternal e um beijo húmido na cara.

— Não está uma manhã adorável? Os deuses sorriem-nos. Experimenta uma taça de vinho, querida irmã. O Lorde Hunter teve a amabilidade de mandar buscar da sua própria adega.

— Obrigada, mas não. Lysa, temos de conversar.

— Depois — prometeu a irmã, já começando a virar-lhe as costas.

— Agora. — Catelyn falou mais alto do que tencionara. Homens viraram-se para olhar. — Lysa, não podes tencionar seguir em frente com esta loucura. Vivo, o Duende tem valor. Morto, não passa de comida para corvos. E se o seu campeão prevalecer aqui...

— Há poucas hipóteses de isso acontecer, senhora — assegurou-lhe o Lorde Hunter, dando-lhe pancadinhas no ombro com uma mão cheia de sardas. — Sor Vardis é um valente lutador. Ele tratará da saúde ao mercenário.

— Tratará? — disse friamente Catelyn. — Tenho dúvidas. — Ela vira Bronn lutar na estrada de altitude; não fora por acaso que sobrevivera à viagem enquanto outros homens tinham morrido. Movia-se como uma pantera, e aquela sua feia espada parecia fazer parte do seu braço.

Os pretendentes de Lysa reuniam-se à volta deles como abelhas em torno de uma flor.

— As mulheres pouco sabem destas coisas — disse Sor Morton Waynwood. — Sor Vardis é um cavaleiro, querida senhora. Este outro homem, bem, no fundo os homens desse tipo são todos cobardes. São úteis quanto baste em batalha, com milhares de companheiros em redor, mas basta pô-los em combate singular e a virilidade escoar-se-lhes do corpo.

— Suponhamos então que é verdade o que dizeis — disse Catelyn com uma cortesia que lhe fez doer a boca. — Que ganharíamos com a morte do anão? Imaginais que Jaime se interessará um pouco que seja por termos dado ao irmão um *juízo* antes de o atirmos da montanha?

— Decapitai o homem — sugeriu Sor Lyn Corbray. — Quando o

Regicida receber a cabeça do Duende, isso servir-lhe-á de aviso.

Lysa sacudiu impacientemente o seu longo cabelo ruivo.

— O Lorde Robert quer vê-lo a voar — disse, como se isso decidisse tudo. — E o Duende só se pode culpar a si próprio. Foi ele que exigiu julgamento por combate.

— A Senhora Lysa não tinha maneira honrosa de lho negar, mesmo se o desejasse fazer — entouou solenemente o Lorde Hunter.

Ignorando-os a todos, Catelyn virou todas as suas forças para a irmã.

— Lembro-te de que Tyrion Lannister é *meu* prisioneiro.

— E eu lembro-te a *ti* de que o anão assassinou o senhor meu esposo! — A voz dela ergueu-se. — Envenenou a Mão do Rei e deixou o meu querido bebé sem pai, e agora pretendo vê-lo pagar por isso! — Rodopiando, com as saias a oscilar em volta das pernas, Lysa atravessou o terraço em passos rápidos. Sor Lyn, Sor Morton e os outros pretendentes despediram-se com acenos frios e seguiram-lhe na peugada.

— Achais que o fez? — Perguntou-lhe Sor Rodrik em voz baixa quando ficaram de novo sós. — Refiro-me a assassinar Jon Arryn. O Duende ainda o nega, e com grande veemência...

— Acredito que os Lannister assassinaram o Lorde Arryn — respondeu Catelyn — mas se foi Tyrion, Sor Jaime, a rainha, ou todos juntos nem posso começar a decidir. — Lysa tinha falado do nome de Cersei na carta que enviara para Winterfell, mas agora parecia certa de que Tyrion era o autor do crime... talvez porque o anão estava ali, ao passo que a rainha se encontrava a salvo atrás das muralhas da Fortaleza Vermelha, a milhares de léguas para sul. Catelyn quase desejava ter queimado a carta da irmã *antes* de a ter lido.

Sor Rodrik puxou pelas suíças.

— O veneno, bem... é verdade que isso podia ser trabalho do anão. Ou de Cersei. Diz-se que o veneno é a arma das mulheres, com o vosso perdão, minha senhora... Agora, o Regicida... não tenho grande apreço pelo homem, mas ele não é desse tipo. Gosta demasiado de ver sangue naquela sua espada dourada. *Terá sido* veneno, senhora?

Catelyn franziu a testa, vagamente incomodada.

— De que outra forma teriam eles feito com que a morte parecesse natural? — Atrás dela, o Lorde Robert guinchou, deliciado, quando um dos cavaleiros fantoches cortou o outro ao meio, derramando uma enchente de serradura vermelha no terraço. Catelyn olhou de relance para o sobrinho e suspirou. — O rapaz não tem disciplina absolutamente nenhuma. Nunca será suficientemente forte para governar, a menos que seja tirado à mãe por algum tempo.

— O senhor seu pai concordava convosco — disse uma voz vinda de junto do cotovelo de Catelyn. Virou-se e deparou com o Mestre Colemon, com uma taça de vinho na mão. — Planeava mandar o rapaz para a Pedra do Dragão, para ser criado, sabíeis... oh, mas não devia ter dito isto. — A maçã no seu pescoço oscilou ansiosamente sob a larga corrente de mestre. — Temo que tenha bebido demasiado do excelente vinho de Lorde Hunter. A perspectiva do derramamento de sangue deixou-me os nervos todos em desordem...

— Estais enganado, Mestre — disse Catelyn. — Era Rochedo Casterly, não Pedra do Dragão, e essas combinações foram feitas depois da morte da Mãe, sem consentimento da minha irmã.

A cabeça do Mestre deu uma sacudidela tão vigorosa no topo do seu pescoço absurdamente longo que ele próprio se pareceu por um momento com uma marioneta.

— Não, com a vossa licença, minha senhora, mas foi o Lorde Jon que...

Um sino soou sonoramente abaixo deles. Tanto os grandes senhores como as raparigas de servir interromperam o que estavam a fazer e dirigiram-se para a balaustrada. Em baixo, dois guardas com mantos de azul celeste trouxeram Tyrion Lannister. O rechonchudo septão do Ninho de Águia escoltou-o até à estátua no centro do jardim, uma mulher chorosa esculpida num mármore cheio de veios, sem dúvida uma representação de Alyssa.

— O homenzinho mau — disse o Lorde Robert, entre risinhos. — Mãe, posso fazê-lo voar? Quero vê-lo voar.

— Mais tarde, meu doce bebé — prometeu-lhe Lysa.

— Primeiro o julgamento — pronunciou vagarosamente Sor Lyn Corbray — e depois a execução.

Um momento mais tarde, os dois campeões surgiram de lados opostos do jardim. O cavaleiro era servido por dois jovens escudeiros, o mercenário pelo mestre-de-armas do Ninho de Águia.

Sor Vardis Egen era de aço dos pés à cabeça, enfiado numa pesada armadura couraçada sobre cota de malha e uma capa almofadada. Grandes rondés circulares, esmaltados de creme e azul com o símbolo da lua e do falcão da Casa Arryn, protegiam a vulnerável articulação do braço com o peito. Um saiote de tiras de metal cobria-lhe o corpo desde a cintura até meio da coxa, ao passo que um sólido gorjal lhe rodeava a garganta. Asas de falcão projectavam-se das têmporas do seu elmo, e a viseira era um pontiagudo bico de metal com uma estreita fenda para ver.

Bronn tinha uma protecção tão ligeira que parecia quase nu ao lado do cavaleiro. Usava apenas uma cota de malha, negra e oleada, a cobrir o

torso, sobre couro cozido, um meio-elmo redondo de aço com protecção para o nariz e uma coifa de cota de malha. Botas de couro de cano alto com grevas de aço davam-lhe alguma protecção às pernas, e tinha discos de ferro negro cosidos aos dedos das luvas. Mas Catelyn reparou que o mercenário era uma meia mão mais alto do que o adversário, com maior alcance... e ou ela não sabia avaliar idades, ou Bronn era quinze anos mais novo.

Ajoelharam-se na relva sob a mulher chorosa, de frente um para o outro, com o Lannister entre ambos. O septão tirou uma esfera facetada de cristal do saco de tecido suave que trazia à cintura. Ergueu-o bem alto acima da cabeça, e a luz estilhaçou-se. Arcos-íris dançaram pela cara do Duende. Numa voz sonora, solene e cantante, o septão pediu aos deuses que olhassem para baixo e testemunhassem, a fim de encontrar a verdade na alma daquele homem, conceder-lhe a vida e a liberdade se fosse inocente, e a morte se culpado. A sua voz ecoava nas torres em redor.

Depois de o último eco se desvanecer, o septão baixou o cristal e partiu à pressa. Tyrion inclinou-se e segredou qualquer coisa ao ouvido de Bronn antes que os guardas o levassem. O mercenário pôs-se em pé, a rir, e sacudiu uma folha de relva do joelho.

Robert Arryn, Senhor do Ninho de Águia e Defensor do Vale mexia-se impacientemente na sua cadeira elevada.

— Quando é que eles vão lutar? — perguntou ele em tom lamentoso.

Sor Vardis foi ajudado a erguer-se por um dos escudeiros. O outro trouxe-lhe um escudo triangular quase com um metro e vinte de altura, feito de pesado carvalho pontilhado com rebites de ferro. Os escudeiros ataram o escudo ao braço esquerdo do cavaleiro. Quando o mestre-de-armas de Lysa ofereceu a Bronn um escudo semelhante, o mercenário cuspiu e afastou-o com um gesto. Uma rude barba negra de três dias cobria-lhe o maxilar e as bochechas, mas se não a cortava, não era por falta de uma navalha; o gume da sua espada possuía o perigoso brilho de aço amolado todos os dias durante horas até ficar demasiado afiado para ser tocado.

Sor Vardis estendeu uma mão enluvada, e o escudeiro colocou-lhe entre os dedos uma bela espada longa de dois gumes. A lâmina estava gravada com o delicado rendilhado em prata de um céu de montanha; o botão do punho era uma cabeça de falcão, a guarda tinha sido esculpida com a forma de asas.

— Mandei fabricar aquela espada para Jon em Porto Real — disse Lysa orgulhosamente aos convidados enquanto observavam Sor Vardis a experimentar um golpe. — Ele usava-a sempre que se sentava no Trono de Ferro no lugar do Rei Robert. Não é adorável? Achei adequado que o nosso campeão vingue Jon com a sua própria lâmina.

A lâmina de prata gravada era sem dúvida bela, mas parecia a Catelyn que Sor Vardis talvez se tivesse sentido mais confortável com a sua própria espada. No entanto, nada disse; estava cansada de discussões fúteis com a irmã.

— Fá-los lutar! — gritou o Lorde Robert.

Sor Vardis virou-se para o Senhor do Ninho de Águia e ergueu a espada numa saudação.

— Pelo Ninho de Águia e pelo Vale!

Tyrion Lannister fora sentado numa varanda do outro lado do jardim, flanqueado pelos guardas. Foi para ele que Bronn se virou com uma saudação apressada.

— Eles esperam a tua ordem — disse a Senhora Lysa ao senhor seu filho.

— *Lutem!* — gritou o rapaz, com as mãos a tremer, agarradas à cadeira.

Sor Vardis girou, erguendo o seu pesado escudo. Bronn virou-se para o enfrentar. As suas espadas ressoaram, uma, duas vezes, testando-se. O mercenário recuou um passo. O cavaleiro avançou, segurando o escudo à sua frente. Tentou uma cutilada, mas Bronn saltou para trás, logo para lá do seu alcance, e a lâmina prateada cortou apenas ar. Bronn rodeou-o pela direita. Sor Vardis virou-se, seguindo-o, mantendo o escudo entre ambos. O cavaleiro avançou, pousando com cuidado os pés no chão irregular. O mercenário cedeu, com um ténue sorriso a brincar-lhe nos lábios. Sor Vardis atacou, lançando cutiladas, mas Bronn saltou para fora do seu alcance, pulando com ligeireza por cima de uma pedra baixa, coberta de musgo. Agora, o mercenário flanqueava pela esquerda, para longe do escudo, na direcção do lado desprotegido do cavaleiro. Sor Vardis tentou uma estocada às suas pernas, mas não tinha alcance suficiente. Bronn dançou mais para a esquerda. Sor Vardis girou no mesmo lugar.

— O homem é um medroso — declarou o Lorde Hunter. — Pára e luta, cobarde! — Outras vozes fizeram eco daquele sentimento.

Catelyn olhou para Sor Rodrik. O mestre-de-armas deu uma concisa sacudidela à cabeça.

— Ele quer fazer com que Sor Vardis o persiga. O peso da armadura e do escudo cansará até o mais forte dos homens.

Vira homens treinar esgrima quase todos os dias da sua vida, assistira, nos seus tempos, a meia centena de torneios, mas isto era algo de diferente e de mais mortífero: uma dança onde o menor passo em falso significava a morte. E, enquanto observava, a memória de outro duelo, noutra tempo, regressou ao espírito de Catelyn Stark, tão nítida como se tivesse sido no dia anterior.

Tinham-se encontrado na muralha inferior de Correrrio. Quando Brandon vira que Petyr usava apenas elmo, peitoral e cota de malha, despir a maior parte da sua armadura. Petyr suplicara-lhe um favor que pudesse usar, mas ela rejeitara-o. O senhor seu pai prometera-a a Brandon Stark, e por isso fora a ele que dera o seu sinal, um lenço azul-claro que bordara com a truta saltante de Correrrio. No momento em que o premia de encontro à sua mão, dissera-lhe: “Ele não passa de um rapaz insensato, mas amei-o como a um irmão. Causar-me-ia dor se o visse morrer.” E o seu prometido olhara-a com os frios olhos cinzentos de um Stark e prometera-lhe poupar a vida do rapaz que a amava.

Aquela luta terminara quase tão depressa como começara. Brandon era um homem feito, e empurrou o Mindinho ao longo de toda a muralha e pela escada da água abaixo, fazendo chover aço sobre ele a cada passo, até deixar o rapaz a cambalear e a sangrar de uma dúzia de ferimentos. “Rendei-vos!”, gritara, mais do que uma vez, mas Petyr limitara-se a abanar a cabeça e continuara a lutar, carrancudo. Quando já o rio lhes batia nos tornozelos, Brandon finalmente acabou com a luta, com um golpe brutal dado para trás que cortou a malha e o couro de Petyr e se enterrou na carne mole sob as suas costelas, tão profundamente que Catelyn teve a certeza de que a ferida era mortal. Ele olhara-a ao cair e murmurara “Cat” enquanto o sangue vermelho vivo brotava por entre os seus dedos recobertos de cota de malha. Catelyn julgara que tinha esquecido aquilo.

Fora a última vez que vira o seu rosto... até ao dia em que fora trazida à sua presença em Porto Real.

Decorrera uma quinzena até o Mindinho estar suficientemente forte para abandonar Correrrio, mas o senhor seu pai proibira-a de o visitar na torre onde estava acamado. Lysa ajudara o Mestre a tratar dele; nesses tempos era mais suave e tímida. Edmure também tentara visitá-lo, mas Petyr mandara-o embora. O irmão de Catelyn agira como escudeiro de Brandon no duelo, e o Mindinho não o perdoaria. Assim que ficou suficientemente forte para ser movido, o Lorde Hoster Tully mandou Petyr Baelish embora numa liteira fechada, para terminar de se curar nos Dedos, no promontório rochoso varrido pelo vento, onde nascera.

O ressoante estrondo de aço sacudiu Catelyn de volta ao presente. Sor Vardis atacava Bronn em força, caindo-lhe em cima com o escudo e a espada. O mercenário recuava, parando todos os golpes, saltando agilmente sobre pedras e raízes, sem nunca afastar os olhos do inimigo. Catelyn viu que ele era o mais rápido; a espada prateada do cavaleiro nunca chegava perto de lhe tocar, mas a sua feia lâmina cinzenta fizera um entalhe na placa de ombro de Sor Vardis.

A breve agitação do combate terminou tão depressa como começara

quando Bronn deu um passo para o lado e deslizou para trás da estátua da mulher chorosa. Sor Vardis golpeou o local onde ele estivera, fazendo saltar uma faísca do mármore claro da coxa de Alyssa.

— Eles não estão a lutar bem, mãe — queixou-se o Senhor do Ninho de Águia. — Quero que eles *lutem*.

— Vão lutar, querido filho — sossegou-o a mãe. — O mercenário não pode fugir o dia inteiro.

Bronn saiu de detrás da estátua duro e rápido, ainda a deslocar-se para a esquerda, apontando um golpe a duas mãos ao desprotegido lado direito do cavaleiro. Sor Vardis parou-o, mas de forma desajeitada, e a espada do mercenário relampejou para cima, na direcção da sua cabeça. Metal ressoou, e uma asa de falcão quebrou-se com estrondo. Sor Vardis deu meio passo para trás a fim de recuperar do golpe, e ergueu o escudo. Lascas de carvalho voaram quando a espada de Bronn fez um entalhe na muralha de madeira. O mercenário voltou a dar um passo para a esquerda, para longe do escudo, e apanhou Sor Vardis no estômago, abrindo um corte brilhante quando o aguçado gume da sua espada penetrou no peitoral do cavaleiro.

Sor Vardis apoiou-se no pé de trás para carregar em frente, fazendo descer a sua lâmina prateada num arco violento. Bronn afastou-o para o lado e dançou para longe. O cavaleiro esbarrou na mulher chorosa, fazendo-a oscilar sobre a base. Entontecido, deu um passo para trás, virando a cabeça para um lado e para o outro em busca do adversário. A ranhura da viseira do seu elmo estreitava-lhe o campo de visão.

— Atrás de vós, sor! — gritou Lorde Hunter, tarde de mais. Bronn fez cair a sua espada, com ambas as mãos, apanhando Sor Vardis no cotovelo do braço que empunhava a arma. As finas tiras de metal que protegiam a articulação quebraram-se com um *crunch*. O cavaleiro soltou um grunhido, virando-se, torcendo a espada para cima. Daquela vez, Bronn manteve-se firme. As espadas voaram uma contra a outra, e a sua canção de aço encheu o jardim e ressoou nas torres brancas do Ninho de Águia.

— Sor Vardis está ferido — disse Sor Rodrik, com a voz grave.

Catelyn não precisava que isso lhe fosse dito; tinha olhos, via o brilhante dedo de sangue que corria ao longo do braço do cavaleiro, a humidade dentro da articulação do cotovelo. Cada parada era um pouco mais lenta e um pouco mais baixa do que a anterior. Sor Vardis virou o flanco ao adversário, tentando usar o escudo para bloquear a espada do mercenário, mas Bronn deslizou em seu redor, rápido como um gato. Parecia estar a ficar mais forte. Os seus golpes deixavam agora marcas. Profundos golpes brilhantes cintilavam por todo o lado, na armadura do cavaleiro, na sua coxa direita, na sua viseira em forma de bico, cruzando-lhe o peitoral, um longo percorrendo-lhe o gorjal. O rondé da lua e do falcão sobre o braço

direito de Sor Vardis tinha sido quebrado ao meio, pendendo preso pela presilha. Conseguia ouvir-se a sua respiração laboriosa a rouquejar através das fendas de ar da viseira.

Mesmo sendo cegos pela arrogância, os cavaleiros e senhores do Vale eram capazes de ver o que estava a acontecer em frente aos seus olhos, mas Lysa não era.

— Basta, Sor Vardis! — gritou ela para baixo. — Acabai com ele já, o meu filhinho está a ficar cansado.

E tem de ser dito em honra de Sor Vardis que foi fiel às ordens da sua senhora, mesmo até ao fim. Num momento cambaleava para trás, meio acororado atrás do seu escudo cheio de cicatrizes, e no seguinte carregou. O súbito ataque de touro apanhou Bronn desequilibrado. Sor Vardis esmagou-se contra ele e atirou a aresta do escudo contra o rosto do mercenário. Bronn quase, *quase*, perdeu o apoio... cambaleou para trás, tropeçou numa pedra, e agarrou-se à mulher chorosa para manter o equilíbrio. Atirando fora o escudo, Sor Vardis guinou sobre ele, usando ambas as mãos para erguer a espada. O seu braço direito estava agora em sangue do cotovelo aos dedos, mas o seu último golpe desesperado teria esventrado Bronn do pescoço ao umbigo... se o mercenário se tivesse levantado para o receber.

Mas Bronn saltou para trás. A bela espada gravada em prata de Jon Arryn ressaltou no cotovelo de mármore da mulher chorosa e o terço da ponta quebrou-se. Bronn empurrou as costas da estátua com o ombro. O desgastado retrato de Alyssa vacilou e caiu com grande estrondo, e Sor Vardis Egen tombou por baixo dele.

Num instante, Bronn estava sobre o cavaleiro, pontapeando para o lado o que restava do seu rondel partido a fim de expor o ponto fraco entre o braço e o peitoral. Sor Vardis jazia de lado, preso sob o tronco quebrado da mulher chorosa. Catelyn ouviu o cavaleiro gemer quando o mercenário ergueu a sua arma com ambas as mãos e a empurrou, pondo no golpe todo o seu peso, por baixo do braço e por entre as costelas. Sor Vardis Egen estremeceu e ficou imóvel.

Sobre o Ninho de Águia pairou o silêncio. Bronn arrancou o seu meio-elmo e deixou-o cair na relva. Tinha o lábio amassado e sangrento onde fora atingido pelo escudo, e o cabelo negro como o carvão estava empapado de suor. Cuspiu um dente partido.

— Acabou, Mãe? — perguntou o Senhor do Ninho de Águia.

*Não, quis dizer-lhe Catelyn, está apenas a começar.*

— Sim — disse Lysa sombriamente, com a voz tão fria e morta como o capitão da sua guarda.

— Posso fazer o homenzinho voar agora?

Do outro lado do jardim, Tyrion Lannister pôs-se em pé.



— *Este homenzinho, não* — disse. — Este homenzinho irá para baixo no guincho dos nabos, muito obrigado.

— Presumis... — começou Lysa.

— Presumo que a Casa Arryn recorde as suas próprias palavras — disse o Duende. — *Tão Alto Como a Honra*.

— Prometeste que eu podia fazê-lo voar — gritou o Senhor do Ninho de Águia à mãe. Começou a tremer.

O rosto da Senhora Lysa estava corado de fúria.

— Os deuses acharam por bem proclamá-lo inocente, filho. Não temos outra escolha que não seja libertá-lo. — Ergueu a voz. — Guardas. Levai o senhor de Lannister e aqui o seu... a sua *criatura* para longe da minha vista. Escoltai-os até ao Portão Sangrento e libertai-os. Tratai de que tenham cavalos e abastecimentos suficientes para alcançar o Tridente, e assegurai-vos de que todos os seus bens e armas lhes sejam devolvidos. Irão precisar deles na estrada de altitude.

— A estrada de altitude — disse Tyrion Lannister. Lysa permitiu-se um ténue sorriso satisfeito. Catelyn compreendeu que era outro tipo de sentença de morte. Tyrion Lannister devia sabê-lo também. Mas o anão concedeu à Senhora Arryn uma vénia trocista. — Que seja conforme ordenais, minha senhora — disse. — Julgo que conhecemos o caminho.

— Vós sois os mais incapazes de todos os rapazes que eu já treinei — anunciou Sor Alliser Thorne depois de se reunirem todos no pátio. — As vossas mãos foram feitas para pegar em pás de recolher estrume, não em espadas, e se dependesse de mim, seríeis todos postos a criar suínos. Mas ontem à noite foi-me dito que Gueren traz cinco rapazes novos pela Estrada do Rei. Um ou dois podem até valer o preço do mijo. Para abrir lugar para eles, decidi passar oito de vós ao Senhor Comandante, para que faça de vós o que bem entenda. — Chamou pelos nomes um a um. — Sapo. Cabeça de Calhau. Auroque. Amante. Borbulha. Macaco. Sor Vadio. — Por fim, olhou para Jon. — E o Bastardo.

Pyp soltou um *uuup*, e espetou a espada no ar. Sor Alliser fitou-o com um olhar de réptil.

— Vão chamar-vos agora homens da Patrulha da Noite, mas se acreditarem nisso, são tolos maiores ainda do que aqui o Macaco de Saltimbanco. Ainda sois rapazes, verdes e a feder a Verão, e quando o Inverno vier, morrerão como moscas. — E com aquilo, Sor Alliser Thorne retirou-se.

Os outros rapazes reuniram-se em torno dos oito que tinham sido nomeados, rindo, praguejando e dando-lhes os parabéns. Halder deu uma pancada no traseiro do Sapo com o lado da espada e gritou:

— O Sapo, da Patrulha da Noite!

Gritando que um irmão negro precisava de um cavalo, Pyp saltou para os ombros de Grenn, e caíram ambos ao chão, rolando, aos socos e aos gritos. Dareon precipitou-se para o armeiro e regressou com um odre de tinto amargo. Enquanto passavam o vinho de mão em mão, sorrindo como idiotas, Jon reparou em Samwell Tarly, que estava sozinho debaixo de uma árvore morta sem folhas a um canto do pátio. Ofereceu-lhe o odre.

— Um trago de vinho?

Sam abanou a cabeça.

— Não obrigado, Jon.

— Estás bem?

— Muito bem, garanto — mentiu o rapaz gordo. — Estou feliz por todos vós. — A sua face redonda tremeu quando forçou um sorriso. — Um dia serás Primeiro Patrulheiro, tal como era o teu tio.

— Tal como é — corrigiu Jon. Não aceitava que Benjen Stark estivesse morto. Antes de poder dizer mais, Halder gritou:

— Dá cá, pensavas que ias beber tudo sozinho? — Pyp arrancou-lhe o odre da mão e afastou-se a dançar, rindo. Enquanto Grenn lhe agarrava o braço, Pyp deu um apertão no odre e um fino jacto vermelho esguichou para a cara de Jon. Halder uivou em protesto contra o desperdício de bom vinho. Jon cuspiu e debateu-se. Matthar e Jeren treparam o muro e começaram a crivá-los a todos de bolas de neve.

Quando conseguiui libertar-se, com neve no cabelo e nódoas de vinho na capa, Samwell Tarly tinha desaparecido.

Nessa noite, o Hobb Três-Dedos cozinhou para os rapazes uma refeição especial a fim de marcar a ocasião. Quando Jon chegou à sala comum, foi o próprio Senhor Intendente que o levou para o banco junto ao fogo. Os homens mais velhos deram-lhe palmadas no braço quando passou por eles. Os oito que em breve seriam irmãos banquetearam-se com uma peça de cordeiro assada numa crosta de alho e ervas, guarnecida com raminhos de menta e rodeada com puré de nabo nadando em manteiga.

— Da mesa do próprio Senhor Comandante — disse-lhes Bowen Marsh. Havia saladas de espinafre, grão-de-bico e nabiça e de sobremesa tigelas de amoras silvestres geladas e creme doce.

— Acham que nos vão manter juntos? — quis saber Pyp enquanto se empanturravam com todo o gosto.

O Sapo fez uma careta.

— Espero que não. Estou farto de olhar para essas tuas orelhas.

— Ah — disse Pyp. — Vejam o corvo a chamar preto ao melro. Tu serás de certeza um patrulheiro, Sapo. Vão querer-te tão longe do castelo quanto for possível. Se Mance Rayder atacar, levanta a viseira e mostra-lhe a cara, que ele há-de fugir aos gritos.

Todos riram menos Grenn.

— Espero que *eu* me torne patrulheiro.

— Tu e toda a gente — disse Matthar. Todos os homens que vestiam de negro percorriam a Muralha, e esperava-se de todos os homens que estivessem prontos a lidar com aço na sua defesa, mas os patrulheiros eram o verdadeiro coração lutador da Patrulha da Noite. Eram eles que se atreviam a patrulhar para lá da Muralha, percorrendo a floresta assombrada e as geladas altitudes da montanha a oeste da Torre Sombria, lutando contra selvagens, gigantes e monstruosos ursos das neves.

— Nem toda a gente — disse Halder. — Para mim são os construtores. De que serviriam os patrulheiros se a Muralha caísse?

A Ordem dos Construtores fornecia os pedreiros e carpinteiros para reparar fortalezas e torres, os mineiros para escavar túneis e esmagar pedra para estradas e caminhos, os lenhadores para limpar as novas árvores sempre que a floresta se aproximava demasiado da Muralha. Uma vez, di-

zia-se, tinham cortado imensos blocos de gelo de lagos congelados, bem no interior da floresta assombrada, arrastando-os para sul em trenós para que a Muralha pudesse ser erguida ainda mais. Mas esses dias tinham partido havia séculos; agora, tudo o que podiam fazer era percorrer a Muralha de Atalaialeste até à Torre Sombria, em busca de fendas ou sinais de degelo e a realizar as reparações que conseguissem.

— O Velho Urso não é tolo nenhum — observou Daeron. — Tu serás de certeza construtor, e Jon será certamente patrulheiro. É, de todos nós, o melhor espadachim e o melhor cavaleiro, e o tio foi o Primeiro antes de... — a voz sumiu-se, de forma desajeitada, quando ele se apercebeu do que quase dissera.

— Benjen Stark ainda é Primeiro Patrulheiro — disse-lhe Jon Snow, brincando com a sua tigela de amoras silvestres. Os outros podiam ter desistido de toda a esperança de que o tio regressasse são e salvo, mas ele não. Afastou as amoras, quase sem lhes tocar, e ergueu-se do banco.

— Não vais comer isso? — perguntou o Sapo.

— São tuas. — Jon quase não saboreara o grande festim de Hobb. — Não consigo dar nem mais uma dentada. — Tirou o manto do gancho perto da porta e abriu caminho para fora.

Pyp seguiu-o.

— Jon, que se passa?

— O Sam — admitiu. — Ele esta noite não esteve à mesa.

— Não parece dele falhar uma refeição — disse pensativamente Pyp. — Crês que terá adoecido?

— Está assustado. Estamos a abandoná-lo. — Recordou o dia em que deixou Winterfell, todas as despedidas agrídoces; Bran que jazia todo quebrado, Robb com neve no cabelo, Arya fazendo chover beijos sobre ele depois de lhe dar Agulha. — Depois de fazermos os nossos votos, teremos todos deveres a cumprir. Alguns de nós poderão ser enviados para longe, para Atalaialeste, ou para a Torre Sombria. Sam continuará em treino, com gente como o Rast e o Cuger e esses rapazes novos que vêm aí pela Estrada do Rei. Só os deuses sabem como serão, mas podes apostar que o Sor Alliser os vai mandar contra ele à primeira oportunidade que tenha.

Pyp fez uma careta.

— Fizeste o que podias.

— O que podíamos fazer não bastou — disse Jon.

Tinha em si um profundo desassossego quando regressou à Torre de Hardin para ir buscar o Fantasma. O lobo gigante caminhou a seu lado até aos estábulos. Alguns dos cavalos mais nervosos escoicearam as baias e achataram as orelhas quando eles entraram. Jon colocou a sela na sua égua, montou, e cavalgou para fora de Castelo Negro, dirigindo-se para sul na

noite iluminada pela Lua. O Fantasma correu à sua frente, voando sobre o solo, desaparecendo num piscar de olhos. Jon deixou-o ir. Um lobo precisava de caçar.

Não tinha nenhum destino em mente. Só queria cavalgar. Seguiu o riacho durante algum tempo, escutando o gotejar gelado da água sobre as pedras, e depois cortou pelos campos até à Estrada do Rei. Estendia-se à sua frente, estreita, pedregosa e marcada por ervas daninhas, uma estrada que não prometia nada de especial, mas o facto de a ver encheu Jon Snow de uma vasta saudade. Aquela estrada ia dar a Winterfell, e depois a Correrrio, Porto Real e ao Ninho de Águia, e a tantos outros lugares; o Rochedo Casterly, as Ilhas das Caras, as montanhas vermelhas de Dorne, as cem ilhas de Bravos, no mar, as ruínas fumegantes da velha Valéria. Todos os lugares que Jon nunca veria. Chegava-se ao mundo por aquela estrada... e ele estava ali.

Uma vez feitos os votos, a Muralha seria o seu lar até ficar velho como o Mestre Aemon.

— Ainda não os fiz — murmurou. Não era nenhum fora-da-lei, obrigado a vestir o negro ou pagar o preço pelos seus crimes. Tinha vindo para ali livremente, e podia partir livremente... até dizer as palavras. Só precisava de avançar, e podia deixar tudo para trás. Quando a Lua voltasse a estar cheia, estaria de novo em Winterfell com os irmãos.

Com os *meios-irmãos*, lembrou-lhe uma voz interior. *E com a Senhora Stark, que não te dará as boas-vindas.* Não havia lugar para ele em Winterfell, e também não havia lugar para ele em Porto Real. Nem sequer a sua própria mãe tivera lugar para ele. Pensar nela deixou-o triste. Quis saber quem ela fora, qual o seu aspecto, porque motivo o pai a abandonara. *Porque era uma prostituta ou uma adúltera, palerma. Qualquer coisa escura e desonrosa, caso contrário, por que motivo teria o Lorde Stark demasiada vergonha para falar nela?*

Jon Snow virou costas à Estrada do Rei para olhar para trás. Os fogos de Castelo Negro estavam escondidos por detrás de uma colina, mas via-se a Muralha, clara sob a Lua, vasta e fria, correndo de horizonte a horizonte.

Fez o cavalo dar meia volta e dirigiu-se para casa.

O Fantasma regressou no momento em que ultrapassava uma elevação e via o distante brilho de uma lamparina na Torre do Senhor Comandante. Enquanto o lobo gigante trotava ao lado do cavalo, viu que tinha o focinho vermelho de sangue. Depois, deu por si a pensar de novo em Samwell Tarly. Ao chegar aos estábulos, já sabia o que devia fazer.

Os aposentos do Mestre Aemon ficavam numa sólida torre de madeira sob o viveiro dos corvos. Idoso e frágil, o Mestre partilhava habitação com dois dos intendentos mais novos, que atendiam às suas necessidades e

o ajudavam a desempenhar os seus deveres. Os irmãos gracejavam dizendo que lhe tinham sido atribuídos os dois homens mais feios da Patrulha da Noite; como era cego, era poupado a ter de olhar para eles. Clydas era baixo, calvo e sem queixo, com pequenos olhos cor-de-rosa como uma toupeira. Chett tinha um quisto no pescoço do tamanho de um ovo de pombo, e uma cara vermelha com furúnculos e borbulhas. Talvez fosse por isso que parecia sempre tão zangado.

Foi Chett quem respondeu ao toque de Jon.

— Preciso de falar com o Mestre Aemon — disse-lhe Jon.

— O Mestre está na cama, tal como tu devias estar. Volta de manhã e ele talvez te receba. — E começou a fechar a porta.

Jon pôs a bota na soleira, mantendo-a aberta.

— Preciso de falar com ele agora. De manhã será tarde de mais.

Chett franziu o sobrolho.

— O Mestre não está habituado a ser acordado durante a noite. Sabes que idade ele tem?

— Idade suficiente para tratar os visitantes com mais educação do que vós — disse Jon. — Transmíti-lhe as minhas desculpas. Não perturbaria o seu descanso se não fosse importante.

— E se eu recusar?

Jon tinha a bota solidamente apoiada contra a porta.

— Posso ficar aqui a noite inteira se for preciso.

O irmão negro fez um som de repugnância e abriu a porta para o deixar entrar.

— Espera na biblioteca. Há lenha. Dá-lhe fogo. Não quero que o Mestre apanhe um resfriado por tua causa.

Jon já tinha os toros a estalejar alegremente quando Chett fez entrar o Mestre Aemon. O velho vinha vestido com o seu roupão de cama, mas em torno da garganta trazia o colar de correntes da sua Ordem. Um mestre não o tirava nem mesmo para dormir.

— A cadeira junto ao fogo seria agradável — disse ao sentir o calor na cara. Depois de estar confortavelmente instalado, Chett cobriu-lhe as pernas com uma pele e foi para junto da porta.

— Lamento ter-vos acordado, Mestre — disse Jon Snow.

— Não me acordaste — respondeu o Mestre Aemon. — Descobri que fui necessitando de menos sono à medida que fui envelhecendo, e já envelheci muito. É frequente passar metade da noite na companhia de fantasmas, recordando tempos idos há cinquenta anos como se tivessem sido ontem. O mistério de um visitante da meia-noite é uma diversão bem-vinda. Por isso diz-me, Jon Snow, porque vieste falar comigo a esta estranha hora?

— Para pedir que Samwell Tarly seja tirado dos treinos e admitido como irmão da Patrulha da Noite.

— Isso não diz respeito ao Mestre Aemon — protestou Chett.

— O nosso Senhor Comandante pôs o treino dos recrutas nas mãos de Sor Alliser Thorne — disse o Mestre com gentileza. — Só ele pode dizer quando um rapaz está pronto para fazer os seus votos, como seguramente saberás. Porquê então vir ter comigo?

— O Senhor Comandante escuta o que tendes a dizer — disse-lhe Jon. — E os feridos e doentes da Patrulha da Noite estão a vosso cargo.

— E está o teu amigo Samwell ferido ou doente?

— Ficaré — garantiu Jon — a menos que ajudeis.

E contou-lhe tudo, até a parte em que açulara o Fantasma à garganta de Rast. O Mestre Aemon escutou em silêncio, de olhos cegos fitos no fogo, mas o rosto de Chett foi-se ensombrando a cada palavra.

— Sem nós para o mantermos em segurança, Sam não terá nenhuma hipótese — terminou Jon. — Ele é perfeitamente *incapaz* com uma espada na mão. A minha irmã Arya poderia desfazê-lo, e ela nem sequer dez anos tem. Se o Sor Alliser o fizer lutar, é só questão de tempo até ser magoado ou morto.

Chett não aguentou mais.

— Já vi esse rapaz gordo na sala comum — disse. — Ele é um porco, e se o que dizes for verdade, é também um irremediável cobarde.

— Talvez o seja — disse o Mestre Aemon. — Diz-me, Chett, o que sugeririas que fizéssemos com um rapaz destes?

— Deixai-o onde está — disse Chett. — A Muralha não é lugar para os fracos. Que ele treine até estar preparado, e não importa quantos anos sejam necessários. O Sor Alliser fará dele um homem ou matá-lo-á, consoante a vontade dos deuses.

— Isso é *estúpido* — disse Jon. Inspirou profundamente para ordenar os pensamentos. — Lembro-me que em tempos perguntei ao Mestre Luwin porque usava uma corrente em volta da garganta.

O Mestre Aemon tocou ligeiramente o seu colar, fazendo passar os dedos ossudos e enrugados pelos pesados elos de metal.

— Continua.

— Ele disse-me que um colar de um mestre é feito de elos para o lembrar do seu juramento de servir — disse Jon, recordando. — Perguntei porque era cada elo feito de um metal diferente. Disse-lhe que uma corrente de prata combinaria muito melhor com as suas togas cinzentas. O Mestre Luwin riu-se. Disse-me que um mestre forja a sua corrente com o estudo. Cada um dos diferentes metais representa um tipo diferente de aprendizagem, o ouro é o estudo do dinheiro e das contas, a prata são as

artes curativas, o ferro as da guerra. E disse que havia também outros significados. O colar é suposto recordar a um mestre o reino que serve, não é assim? Os Senhores são o ouro e os cavaleiros o aço, mas dois aros não podem fazer uma corrente. Também é necessária a prata, o ferro e o chumbo, o estanho, o cobre, o bronze e tudo o resto, e esses são os agricultores, ferreiros, mercadores e esse tipo de pessoas. Uma corrente precisa de todos os tipos de metais, e uma terra precisa de todos os tipos de pessoas.

O Mestre Aemon sorriu.

— E então?

— A Patrulha da Noite também precisa de todos os tipos de pessoas. De outro modo, porque haveria patrulheiros, intendentess e construtores? O Lorde Randyll não seria capaz de transformar Sam num guerreiro, e Sor Alliser também não será. Não é possível martelar o estanho e transformá-lo em ferro, por mais força que se ponha no martelo, mas isso não significa que o estanho seja inútil. Porque não haverá Sam de ser um intendente?

Chett franziu um sobrolho irritado.

— *Eu* sou um intendente. Pensas que é trabalho fácil, próprio para covardes? A Ordem dos Intendentes mantém a patrulha viva. Caçamos e cultivamos, tratamos dos cavalos, ordenhamos as vacas, recolhemos lenha, cozinhamos as refeições. Quem pensas tu que faz as tuas roupas? Quem traz abastecimentos do Sul? Os intendentess.

O Mestre Aemon foi mais gentil.

— O teu amigo é um caçador?

— Ele detesta caçar — teve Jon que admitir.

— É capaz de arar um terreno? — perguntou o Mestre. — Sabe conduzir uma carroça ou navegar num navio? Seria capaz de matar uma vaca?

— Não.

Chett soltou uma gargalhada desagradável.

— Já vi o que acontece aos fidalgos moles quando são postos a trabalhar. Mandem-nos fazer manteiga, que as mãos enchem-se de borbulhas e começam a sangrar. Dêem-lhes um machado para partir lenha, que eles cortam o próprio pé.

— Eu sei de uma coisa que Sam poderia fazer melhor que ninguém.

— Sim? — disse o Mestre Aemon.

Jon lançou um olhar cauteloso a Chett, que estava junto à porta com os furúnculos vermelhos e zangado.

— Ele podia ajudar-vos — disse rapidamente. — Sabe fazer somas, e sabe ler e escrever. Sei que Chett não sabe ler, e Clydas tem olhos fracos. Sam leu todos os livros da biblioteca do pai. Também seria bom com os corvos. Os animais parecem gostar dele. O Fantasma adoptou-o logo. Há



muito que ele pode fazer além de lutar. A Patrulha da Noite precisa de todos os homens. Para quê matar um sem justificação? Em vez disso, usemo-lo.

O Mestre Aemon fechou os olhos, e por um breve momento, Jon temeu que tivesse adormecido. Por fim, disse:

— O Mestre Luwin ensinou-te bem, Jon Snow. Parece que a tua mente é tão hábil como a tua espada.

— Isso quer dizer que...?

— Quer dizer que vou pensar no que disseste — disse-lhe firmemente o Mestre. — E agora, creio que estou pronto para dormir. Chett, acompanha o nosso jovem irmão à porta.

## TYRION

Tinham-se abrigado sob uma pequena mata de faias pretas logo ao lado da estrada de altitude. Tyrion recolhia lenha enquanto os cavalos bebiam água de um ribeiro de montanha. Inclinou-se para apanhar um ramo quebrado e examinou-o criticamente.

— Isto serve? Não tenho prática em fazer fogueiras. O Morrec tratava disso por mim.

— Uma fogueira? — disse Bronn, cuspiendo. — Tens assim tanta sede de morte, anão? Ou terás perdido o juízo? Uma fogueira atrairá sobre nós homens dos clãs vindos de milhas em redor. Tenciono sobreviver a esta viagem, Lannister.

— E como esperas tu fazer isso? — perguntou Tyrion. Enfiou o ramo debaixo do braço e espreitou através da pouca densa vegetação rasteira, em busca de mais. Doíam-lhe as costas do esforço de se dobrar; cavalgavam desde o nascer do dia, altura em que um Sor Lyn Corbray com o rosto duro como pedra os fizera atravessar o Portão Sangrento e lhes ordenara que nunca regressassem.

— Não temos nenhuma hipótese de abrir caminho a lutar — disse Bronn — mas dois homens podem cobrir maior distância do que dez, e atrair menos atenções. Quanto menos dias passarmos nestas montanhas, mais provável é que alcancemos as terras fluviais. Digo para cavalgarmos duramente e depressa. Para viajarmos de noite e nos escondermos de dia, para evitarmos a estrada sempre que pudermos, para não fazermos barulho e não acendermos fogueiras.

Tyrion Lannister suspirou.

— Um magnífico plano, Bronn. Experimenta-o, se quiseres... e perdoa-me que não me detenha para te enterrar.

— Pensas sobreviver mais tempo do que eu, anão? — o mercenário sorriu. Tinha um hiato escuro no sorriso onde a borda do escudo de Sor Vardis Egen partira um dente ao meio.

Tyrion encolheu os ombros.

— Cavalgar duramente e depressa à noite é uma maneira segura de cair por uma montanha abaixo e partir o crânio. Prefiro fazer a minha travessia lenta e facilmente. Sei que gostas do sabor do cavalo, Bronn, mas desta vez, se as nossas montadas morrerem, teremos de tentar colocar selas em gatos-das-sombras... e em boa verdade, penso que os clãs nos encontrarão,

façamos o que fizermos. Os seus vigias estão por todo o lado. — Com um gesto largo da mão enluvada, indicou os altos penhascos esculpidos pelo vento que os rodeavam.

Bronn fez um esgar.

— Então somos homens mortos, Lannister.

— Se assim for, prefiro morrer confortável — respondeu Tyrion. — Precisamos de uma fogueira. As noites são frias cá em cima, e comida quente aquecer-nos-á a barriga e animar-nos-á o espírito. Supões que haverá caça? A Senhora Lysa forneceu-nos bondosamente um verdadeiro festim de carne de vaca salgada, queijo duro e pão seco, mas eu detestaria partir um dente tão longe do mestre mais próximo.

— Eu consigo encontrar carne. — Sob uma cascata de cabelo negro, os olhos de Bronn olharam Tyrion com suspeita. — Devia deixar-te aqui com a tua estúpida fogueira. Se te levasse o cavalo, teria duas vezes mais hipóteses de fazer a travessia. Que farias tu então, anão?

— Morreria, provavelmente. — Tyrion inclinou-se para apanhar outro pau.

— Achas que não o faria?

— Fá-lo-ias num instante, se isso te salvasse a vida. Foste bastante rápido a silenciar o teu amigo Chiggen quando ele foi atingido por aquela seta na barriga. — Bronn agarrara o cabelo do homem, puxara-lhe a cabeça para trás e enterrara a ponta do punhal sob a orelha, e depois dissera a Catelyn Stark que o outro mercenário morrera do ferimento.

— Ele não sobreviveria — disse Bronn — e os seus gemidos estavam a atraí-los para onde estávamos. Chiggen teria feito o mesmo por mim... e não era amigo nenhum, só um homem com quem viajava. Não te iludas, anão. Lutei por ti, mas não sou teu amigo.

— Era da tua espada que eu precisava — disse Tyrion — não da tua amizade. — Deixou cair a sua braçada de lenha.

Bronn sorriu.

— És tão corajoso como qualquer mercenário, tenho de reconhecer. Como sabias que eu ficaria do teu lado?

— Saber? — Tyrion acocorou-se desajeitadamente nas suas pernas enfezadas para fazer a fogueira. — Lancei os dados. Na estalagem, tu e Chiggen ajudaram a tomar-me cativo. Porquê? Os outros viram nisso o seu dever, pela honra dos senhores que serviam, mas vocês os dois não. Não tinham senhor, nem dever, e quanto à honra, era preciosamente pequena, portanto porquê incomodarem-se envolvendo-se no assunto? — Puxou da faca e raspou algumas tiras finas de casca de um dos paus que reunira, para servir de acendalha. — Bem, porque é que os mercenários fazem seja o que for? Pelo ouro. Pensavam que a Senhora Catelyn vos recompensaria

pela vossa ajuda, ou talvez até vos tomasse ao seu serviço. Pronto, isto deve servir, espero eu. Tens pederneira?

Bronn enfiou dois dedos na bolsa do seu cinto e atirou-lhe uma pedra. Tyrion apanhou-a no ar.

— Muito obrigado — disse. — Mas acontece que vocês não conheciam os Stark. O Lorde Eddard é um homem orgulhoso, honrado e honesto, e a senhora sua esposa é pior. Oh, não há dúvida de que teria encontrado uma ou duas moedas para vós quando tudo terminasse, e enfiá-las-ia nas vossas mãos com umas palavras bem-educadas e um olhar de desagrado, mas isso é o máximo que poderiam esperar. Os Stark procuram coragem, lealdade e honra nos homens que escolhem para servi-los, e em boa verdade, tu e o Chiggen são escumalha mal-nascida. — Tyrion bateu com a pederneira no punhal, tentando obter uma faísca. Nada.

Bronn resfolegou.

— Tens uma língua audaciosa, homenzinho. É provável que algum dia alguém ta corte e te obrigue a engoli-la.

— Toda a gente me diz isso. — Tyrion olhou para o mercenário de relance. — Ofendi-te? As minhas desculpas... mas tu és escumalha, Bronn, não te iludas. O dever, a honra, a amizade, que é isso para ti? Não, não te incomodes, ambos sabemos a resposta. Apesar disso, não és estúpido. Ao chegarmos ao Vale, a Senhora Stark deixou de ter necessidade de ti... mas eu tinha, e se há coisa que nunca faltou aos Lannister, é ouro. Quando chegou o momento de lançar os dados, contei que fosses suficientemente esperto para saber onde residiam os teus interesses. Felizmente para mim, eras. — Voltou a bater com a pedra no aço, mas sem obter frutos.

— Dá cá — disse Bronn, agachando-se —, eu trato disso. — Tirou a faca e a pederneira das mãos de Tyrion e conseguiu faíscas à primeira tentativa. Uma espiral de casca começou a inflamar-se.

— Muito bem — disse Tyrion. — Até podes ser escumalha, mas é inegável que és útil, e com uma espada na mão, és quase tão bom como o meu irmão Jaime. Que desejas, Bronn? Ouro? Terras? Mulheres? Mantém-me vivo, e tê-lo-ás.

Bronn soprou suavemente sobre o fogo, e as chamas saltaram mais alto.

— E se morreres?

— Ora, nesse caso terei um carpidor cuja dor é sincera — disse Tyrion, sorrindo. — O ouro acaba quando eu acabar.

O fogo queimava bem. Bronn ergueu-se, voltou a enfiar a pederneira na bolsa e atirou o punhal a Tyrion.

— É justo — disse. — A minha espada é então tua... mas não esperes

que eu ande por aí a dobrar um joelho e a tratar-te por *s'nhor* de cada vez que largues uma poita. Não lambo as botas a ninguém.

— Nem és amigo de ninguém — disse Tyrion. — Não tenho dúvidas de que me trairias tão depressa como traíste a Senhora Stark, se visses nisso lucro. Se chegar o dia em que te sintas tentado a vender-me, lembra-te do seguinte, Bronn: eu cubro o preço deles, seja qual for. *Gosto* de viver. E agora, achas que podias fazer alguma coisa quanto a arranjares-nos jantar?

— Trata dos cavalos — disse Bronn, desembainhando o longo punhal que usava na anca. Dirigiu-se para as árvores.

Uma hora mais tarde, os cavalos tinham sido escovados e alimentados, a fogueira estalejava alegremente e o quadril de uma cabra jovem era virado sobre as chamas, deixando cair gordura e silvando.

— Só o que nos falta agora é um bom vinho para empurrar o nosso cabrito para baixo — disse Tyrion.

— Isso, uma mulher, e mais uma dúzia de espadas — disse Bronn. Estava sentado de pernas cruzadas junto à fogueira, afiando o gume da espada com uma pedra de amolar. Havia algo de estranhamente tranquilizador no som de raspar que fazia ao percorrer o aço com a pedra. — Em breve será noite cerrada — fez notar o mercenário. — Eu fico com o primeiro quarto... sirva isso para o que servir. Provavelmente seria melhor deixá-los matar-nos no sono.

— Oh, suponho que estejam aqui muito antes de chegarmos a dormir. — O cheiro da carne que assava fazia com que a boca de Tyrion se enchesse de água.

Bronn observou-o por cima da fogueira.

— Tens um plano — disse em tom monocórdico, acompanhando as palavras com um raspar de aço em pedra.

— Chama-lhe uma esperança — disse Tyrion. — Outro lançamento de dados.

— Com as nossas vidas como aposta?

Tyrion encolheu os ombros.

— E que escolha temos? — Inclinou-se sobre a fogueira e cortou uma fina fatia de carne do cordeiro. — Ahhhh — suspirou, feliz, enquanto mastigava. Gordura correu-lhe pelo queixo abaixo. — Um pouco mais dura do que eu gostaria, e com falta de tempero, mas não me queixarei alto de mais. Se estivesse no Ninho de Águia, estaria a dançar junto a um precipício com a esperança de receber um feijão cozido.

— E apesar disso, deste ao carcereiro uma bolsa de ouro — disse Bronn.

— Um Lannister paga sempre as suas dívidas.

Até Mord quase não acreditara quando Tyrion lhe atirara a bolsa de

couro. Os olhos do carcereiro tinham-se esbugalhado quando puxara pelo cordel e admirara o brilho do ouro.

— Fiquei com a prata — dissera-lhe Tyrion com um sorriso torto — mas foi-te prometido o ouro e aí está ele. — Era mais do que um homem como Mord poderia esperar ganhar ao longo de uma vida de abuso sobre os prisioneiros. — E lembra-te do que eu disse: isso é só um aperitivo. Se alguma vez te cansares do serviço da Senhora Arryn, apresenta-te no Rochedo Casterly e pagar-te-ei o resto do que te devo. — Com dragões de ouro a derramar-se das duas mãos, Mord caíra de joelhos e prometera que seria isso mesmo que faria.

Bronn sacou do punhal e puxou a carne da fogueira. Começou a cortar grossos pedaços de carne chamuscada enquanto Tyrion limpava duas côdeas de pão duro para servir de tabuleiros.

— Se chegarmos ao rio, que farás? — perguntou o mercenário enquanto cortava.

— Oh, para começar, uma prostituta, uma cama de penas e um jarro de vinho. — Tyrion estendeu o seu tabuleiro, e Bronn encheu-o de carne. — E depois penso que irei para Rochedo Casterly ou Porto Real. Tenho algumas perguntas que precisam de respostas a respeito de um certo punhal.

O mercenário mastigou e engoliu.

— Então estavas a falar verdade? Não era a tua faca?

Tyrion fez um pequeno sorriso.

— Pareço-te um mentiroso?

Quando as suas barrigas ficaram cheias, já as estrelas tinham surgido e uma meia-lua erguia-se sobre as montanhas. Tyrion estendeu no chão o manto de pele de gato-das-sombras e estendeu-se, usando a sela como almofada.

— Os nossos amigos estão a levar o seu tempo.

— Se eu estivesse no lugar deles, temeria uma armadilha — disse Bronn. — Que motivo haveria para estarmos tão abertos, além de funcionarmos como engodo?

Tyrion soltou um risinho.

— Então devíamos cantar e pô-los a fugir, aterrorizados. — E começou a assobiar uma melodia.

— És louco, anão — disse Bronn enquanto limpava a gordura de de-baixo das unhas com o punhal.

— Onde está o teu amor pela música, Bronn?

— Se era música o que querias, devias ter ficado com o cantor como campeão.

Tyrion sorriu.

— Isso teria sido divertido. Estou mesmo a vê-lo, a parar as estocadas de Sor Vardis com a harpa. — Reatou os assobios. — Conheces esta canção? — perguntou.

— Ouve-se aqui e ali, em estalagens e bordéis.

— É de Myr. “As Estações do Meu Amor”. Doce e triste, se compreenderes as palavras. A primeira rapariga com que me deitei costumava cantá-la, e nunca fui capaz de a tirar da cabeça. — Tyrion olhou para o céu. Estava uma noite fria e límpida, e as estrelas brilhavam sobre as montanhas, tão brilhantes e sem misericórdia como a verdade. — Encontrei-a numa noite como esta — ouviu-se a dizer. — O Jaime e eu vínhamos de regresso de Lannisporto quando ouvimos um grito, e ela apareceu a correr para a estrada com dois homens a morder-lhe os calcanhares e a gritar ameaças. O meu irmão desembainhou a espada e foi atrás deles, enquanto eu desmontava para proteger a rapariga. Era quase um ano mais velha do que eu, com cabelo escuro, esguia, com um rosto que te partiria o coração. Certamente que partiu o meu. Mal-nascida, meia morta de fome, suja... mas mesmo assim adorável. Tinham-lhe arrancado metade das costas dos farrapos que vestia, e por isso enrolei-a no meu manto enquanto o Jaime perseguia os homens na floresta. Quando regressou, a trote, já lhe tinha arrancado um nome e uma história. Era filha de um pequeno caseiro, tornada órfã quando o pai morreu de febre, a caminho de... bem, na verdade de parte alguma.

“O Jaime estava todo eriçado para ir à caça dos homens. Não era frequente que foras-da-lei se atrevessem a atacar os viajantes tão perto do Rochedo Casterly, e ele tomou aquilo como um insulto. Mas a rapariga estava demasiado assustada para partir sozinha, e assim ofereci-me para a levar até à estalagem mais próxima e a alimentar enquanto o meu irmão cavalgava de volta ao Rochedo para ir buscar ajuda.

“Ela estava com mais fome do que eu julgaria possível. Acabámos com dois frangos inteiros e parte de um terceiro, e bebemos um jarro de vinho, à conversa. Eu só tinha treze anos, e temo que o vinho me tenha subido à cabeça. Quando dei por mim, partilhava a sua cama. Se ela era tímida, eu mais tímido era. Nunca saberei onde encontrei coragem. Quando lhe rompi a virgindade, ela chorou, mas depois beijou-me e cantou a sua cançãozinha, e quando a manhã chegou, eu estava apaixonado.

— Tu? — A voz de Bronn soava divertida.

— Absurdo, não é? — Tyrion recomeçou a assobiar a canção. — Casei com ela — admitiu por fim.

— Um Lannister de Rochedo Casterly casado com a filha de um caseiro — disse Bronn. — Como conseguiste isso?

— Oh, ficarias espantado com o que um rapaz pode fazer com algumas mentiras, cinquenta peças de prata e um septão bêbado. Não me atrevi

a trazer a minha noiva para casa, no Rochedo Casterly, por isso arranjei-lhe uma casa de campo e durante uma quinzena brincámos aos maridos e às mulheres. E então passou a bebedeira ao septão e confessou tudo ao senhor meu pai. — Tyrion surpreendeu-se com o modo como dizer aquilo o fazia sentir-se desolado, mesmo depois de tantos anos. Talvez estivesse apenas cansado. — Isso foi o fim do meu casamento. — Sentou-se e fixou os olhos da fogueira que se extinguiu, pestanejando.

— Mandou a rapariga embora?

— Fez melhor do que isso — disse Tyrion. — Primeiro, obrigou o meu irmão a contar-me a verdade. A rapariga era uma prostituta, percebes? Jaime organizou tudo, a estrada, os foras-da-lei, tudo. Achou que já era tempo que eu tivesse uma mulher. Pagou o dobro por uma donzela, sabendo que iria ser a minha primeira vez.

“Depois de Jaime ter feito a sua confissão, para que a lição ficasse bem aprendida, o Lorde Tywin trouxe a minha esposa e deu-a aos guardas. Pagaram-lhe bem. Uma peça de prata por cada homem; quantas prostitutas exigem um preço tão elevado? Sentou-me a um canto da caserna e obrigou-me a ver, e por fim, ela tinha tantas peças de prata que as moedas escorregavam entre os seus dedos e rolavam para o chão, ela... — O fumo estava a picar-lhe os olhos. Tyrion limpou a garganta e desviou o olhar do fogo, perdendo-o na escuridão. — O Lorde Tywin obrigou-me a ser o último — disse em voz baixa. — E deu-me uma moeda de ouro para lhe pagar, porque era um Lannister, e por isso valia mais.

Depois de algum tempo, voltou a ouvir o barulho, o raspar de aço na pedra de Bronn a afiar a espada.

— Com treze, trinta ou três anos, eu teria morto o homem que me fizesse isso.

Tyrion virou-se para o encarar.

— Podes ter essa hipótese um dia. Lembra-te do que te disse. Um Lannister paga sempre as suas dívidas. — Bocejou. — Acho que vou tentar dormir. Acorda-me se estivermos prestes a morrer.

Enrolou-se na pele de gato-das-sombras e fechou os olhos. O chão era pedregoso e frio, mas passado algum tempo, Tyrion Lannister adormeceu. Sonhou com a cela aberta. Daquela vez ele era o carcereiro, não o prisioneiro, *grande*, com uma correia na mão, e batia no pai, empurrando-o para trás, na direcção do abismo...

— *Tyrion*. — O aviso de Bronn era baixo e urgente.

Tyrion acordou num piscar de olhos. A fogueira tinha-se reduzido a brasas, e as sombras aproximavam-se a toda a volta. Bronn apoiara-se num joelho, com a espada numa mão e o punhal na outra. Tyrion ergueu uma mão: *fica quieto*, dizia a mão.



— Venham partilhar a nossa fogueira, a noite está fria — gritou para as sombras que se aproximavam. — Temo que não tenhamos vinho para vos oferecer, mas podem servir-se de um pouco da nossa cabra.

Todo o movimento parou. Tyrion viu a cintilação do luar em metal.

— A montanha é nossa — gritou uma voz das árvores, profunda, dura e nada amistosa. — A cabra é nossa.

— A cabra é vossa — concordou Tyrion. — Quem são?

— Quando se encontrarem com os vossos deuses — respondeu uma voz diferente —, digam que foi Gunthor, filho de Gurn, dos Corvos de Pedra, quem vos enviou até eles. — Um ramo quebrou-se quando ele avançou para a luz; um homem magro com um capacete provido de chifres, armado com uma longa faca.

— E Shagga, filho de Dolf. — Aquela era a primeira voz, profunda e mortífera. Um pedregulho deslocou-se para a esquerda, pôs-se de pé e transformou-se num homem. Parecia maciço, lento e forte, todo vestido de peles, com uma moça na mão direita e um machado na esquerda. Bateu as armas uma contra a outra ao aproximar-se.

Outras vozes gritaram outros nomes, Cronn, Torrek, Jaggot e mais que Tyrion esqueceu no instante em que os ouviu; pelo menos dez. Alguns traziam espadas e facas; outros brandiam forquilhas, gadanhas e lanças de madeira. Esperou até que tivessem terminado de gritar os seus nomes antes de lhes dar resposta.

— Sou Tyrion, filho de Tywin, do Clã Lannister, os Leões do Rochedo. De bom grado vos pagaremos pela cabra que comemos.

— Que tens tu para nos dar, Tyrion, filho de Tywin? — perguntou aquele que chamara a si próprio Gunthor, o qual parecia ser o chefe do bando.

— Há prata na minha bolsa — disse-lhes Tyrion. — Este lorigão que uso fica-me grande, mas deve servir bem a Conn, e o machado de batalha que transporto adequar-se-ia à poderosa mão de Shagga muito melhor do que o machado de cortar lenha que ele tem.

— O meio-homem quer pagar-nos com as nossas próprias moedas — disse Cronn.

— Cronn fala verdade — disse Gunthor. — A vossa prata é nossa. Os vossos cavalos são nossos. O teu lorigão, o teu machado de batalha e a faca que tens no cinto também são nossos. Não têm nada para nos dar excepto as vossas vidas. Como queres morrer, Tyrion, filho de Tywin?

— Na minha cama, com a barriga cheia de vinho e a picha dentro da boca de uma donzela, com oitenta anos de idade — respondeu.

O enorme, Shagga, foi o primeiro a rir e o que riu mais alto. Os outros pareceram menos divertidos.

— Cronn, trata dos cavalos — ordenou Gunthor. — Matem o outro e capturem o meio-homem. Ele poderá ordenhar as cabras e fazer rir as mães.

Bronn pôs-se em pé de um salto.

— Quem morre primeiro?

— Não! — disse Tyrion em tom penetrante. — Gunthor, filho de Gurn, escuta-me. A minha Casa é rica e poderosa. Se os Corvos de Pedra nos levarem em segurança através destas montanhas, o senhor meu pai encher-vos-á de ouro.

— O ouro de um senhor das Terras Baixas é tão inútil como as promessas de um meio-homem — disse Gunthor.

— Até posso ser meio homem — disse Tyrion — mas tenho a coragem de enfrentar os meus inimigos. O que fazem os Corvos de Pedra enquanto os cavaleiros do Vale passam por eles, além de esconder-se atrás das rochas e tremer de medo?

Shagga soltou um rugido de raiva e atirou a moça contra o machado. Jaggot picou o rosto de Tyrion com a ponta endurecida pelo fogo de uma longa lança de madeira. Fez os possíveis para não vacilar.

— Essas são as melhores armas que conseguem roubar? — disse. — Talvez sirvam para matar ovelhas... se as ovelhas não lutarem. Os ferreiros do meu pai pagam melhor aço do que esse.

— Minorcazinho — rugiu Shagga —, continuarás a troçar do meu machado depois de te cortar o membro viril e o dar de comer às cabras?

Mas Gunthor ergueu uma mão.

— Não. Quero ouvir as suas palavras. As mães passam fome, e o aço enche mais bocas do que o ouro. Que nos darias em troca das vossas vidas, Tyrion, filho de Tywin? Espadas? Lanças? Cotas de malha?

— Tudo isso e mais, Gunthor, filho de Gurn — respondeu Tyrion Lannister, sorrindo. — Dar-te-ei o Vale de Arryn.

Entrando pelas altas e estreitas janelas da cavernosa sala do trono da Fortaleza Vermelha, a luz do pôr-do-sol derramava-se pelo chão, depositando listas vermelhas escuras nas paredes onde as cabeças dos dragões tinham estado penduradas em tempos. Agora, a pedra encontrava-se coberta por tapeçarias que mostravam vívidas cenas de caça, cheias de azuis, verdes e castanhos, mas, mesmo assim, parecia a Ned Stark que a única cor existente no salão era o vermelho do sangue.

Estava sentado bem alto, no imenso e antigo cadeirão de Aegon, o Conquistador, uma monstruosidade trabalhada em ferro, toda ela espigões, arestas irregulares e metal grotescamente retorcido. Era, tal como Robert prevenira, uma cadeira infernalmente desconfortável, e nunca o tinha sido mais do que naquele momento em que a sua perna estilhaçada latejava mais penetrantemente a cada minuto. O metal em que se apoiava tinha-se vindo a tornar mais duro a cada hora que passava, e o aço coberto de colmillos que tinha atrás das costas tornava impossível recostar-se. Um rei nunca deve sentar-se à vontade, dissera Aegon, o Conquistador, quando ordenara aos armeiros que forjassem um grande trono a partir das espadas pousadas pelos seus inimigos. *Maldito seja Aegon pela sua arrogância*, pensou Ned, *carancudo, e maldito seja também Robert e as suas caçadas.*

— Tendes a certeza absoluta de que eram mais do que salteadores? — perguntou suavemente Varys da mesa do conselho por baixo do trono. O Grande Mestre Pycelle agitou-se a seu lado, pouco à-vontade, e o Mindinho pôs-se a brincar com uma pena. Eram os únicos conselheiros presentes. Fora avistado um veado branco na Mataderrei, e o Lorde Renly e Sor Barristan tinham-se juntado ao rei na caçada, bem como o Príncipe Joffrey, Sandor Clegane, Balon Swann e metade da corte. E assim, Ned tinha de ocupar o Trono de Ferro na sua ausência.

Pelo menos *podia* sentar-se. À excepção do conselho, os outros tinham de ficar respeitosamente em pé ou de joelhos. Os petiçãoários que se aglomeravam perto das grandes portas, os cavaleiros e grandes senhores e senhoras sob as tapeçarias, a arraia-miúda na galeria, os guardas revestidos de cota de malha e de mantos dourados ou cinzentos, todos estavam em pé.

Os aldeãos estavam ajoelhados: homens, mulheres e crianças, igualmente esfarrapados e ensanguentados, com os rostos distorcidos pelo

medo. Os três cavaleiros que os tinham trazido até ali para prestar testemunho estavam em pé atrás deles.

— *Salteadores*, Lorde Varys? — A voz de Sor Raymun Darry pingava desprezo. — Oh, eram salteadores, para lá de qualquer dúvida. Salteadores Lannister.

Ned conseguia sentir o incômodo no salão enquanto, dos grandes senhores aos criados, todos se esforçavam por escutar. Não podia fingir surpresa. O Ocidente transformara-se num barril de pólvora desde que Catelyn capturara Tyrion Lannister. Quer Correrrio quer o Rochedo Casterly tinham convocado os vassallos, e reuniam-se exércitos no passo sob o Dente Dourado. Fora apenas uma questão de tempo até que o sangue começasse a jorrar. A única questão que restava sem resposta era qual a melhor forma de o estancar.

Sor Karyl Vance, de olhos tristes, que teria sido bem-parecido se não fosse a marca de nascença que lhe roubava a cor do rosto, indicou com um gesto os aldeãos ajoelhados.

— Isto é tudo o que resta do castro de Sherrer, Lorde Eddard. Os outros estão mortos, tal como o povo de Vila Véneda e do Vau do Saltimbanco.

— Erguei-vos — ordenou Ned aos aldeãos. Nunca confiara no que os homens lhe diziam de joelhos. — Todos vós, para cima.

Um a um ou aos pares, o castro de Sherrer pôs-se em pé com dificuldade. Um ancião precisou de ser ajudado, e uma rapariguinha com um vestido ensanguentado ficou de joelhos, a olhar sem expressão para Sor Arys Oakheart, que se apumava junto à base do trono na armadura branca da Guarda Real, pronto a proteger e defender o rei... ou, ao que Ned supunha, a Mão do Rei.

— Joss — disse Sor Raymun Darry, dirigindo-se a um homem roliço que começava a perder o cabelo, vestido com um avental de cervejeiro. — Conta à Mão o que aconteceu em Sherrer.

Joss inclinou a cabeça.

— Se Vossa Graça deixar...

— Sua Graça está a caçar para lá do Água Negra — disse Ned, perguntando a si próprio como era possível que um homem vivesse a vida inteira a poucos dias de viagem da Fortaleza Vermelha e não fizesse ideia alguma do aspecto do seu rei. Ned trajava um gibão de linho branco com o lobo gigante dos Stark no peito; o seu manto de lã negra estava preso ao colarinho pela mão de prata do cargo. Negro, branco e cinzento, todos os tons da verdade. — Sou Lorde Eddard Stark, a Mão do Rei. Diz-me quem és, e o que sabes desses salteadores.

— Eu tenho... *tinha*... eu tinha uma cervejaria, s'nhor, em Sherrer,

junto à ponte de pedra. A melhor cerveja a sul do Gargalo, todos o diziam, com a vossa licença, s'nhor. Agora já não existe, como tudo o resto, s'nhor. Eles chegaram, beberam o que quiseram e derramaram o resto antes de deitar fogo ao meu telhado, e tinham-me também derramado o sangue se me tivessem apanhado, s'nhor.

— Eles queimaram tudo — disse um agricultor a seu lado. — Saíram a cavalo da escuridão, do sul, e pegaram fogo tanto aos campos como às casas, matando quem tentava pará-los. Mas não eram salteadores nenhuns, s'nhor. Não faziam tenção de nos roubar o gado, estes não, mataram-me a vaca leiteira no lugar em que a encontraram, e deixaram-na para os corvos e as moscas.

— Mataram-me o aprendiz — disse um homem atarracado com músculos de ferreiro e uma ligadura em torno da cabeça. Vestira as suas melhores roupas para vir até à corte, mas tinha as bragas remendadas e o manto manchado e empoeirado pela viagem. — Perseguram-no a cavalo, dum lado para o outro, pelos campos, espetando-lhe as lanças como se fosse um jogo, eles rindo e o rapaz tropeçando e gritando até que o grande o trespassou.

A rapariga ajoelhada ergueu a cabeça para Ned, muito acima dela, no trono.

— Também mataram a minha mãe, Vossa Graça. E eles... eles... — A sua voz extinguiu-se, como se se tivesse esquecido do que ia dizer. Começou a soluçar.

Sor Raymun Darry retomou a história.

— Em Vila Véneda, o povo procurou refúgio no castro, mas os muros eram de madeira. Os atacantes empilharam palha contra a madeira e queimaram-nos a todos vivos. Quando as pessoas de Véneda abriram os portões para fugir do fogo, abateram-nos com setas à medida que iam surgindo a correr, até mesmo mulheres com bebés de peito.

— Oh, que horror — murmurou Varys. — Quão cruéis podem ser os homens?

— Gostavam de ter feito o mesmo com a gente, mas o castro de Sherer é feito de pedra — disse Joss. — Alguns queriam fazer-nos sair com fumo, mas o grande disse que havia fruta mais madura mais acima no rio, e seguiram para o Vau do Saltimbanco.

Ned sentiu o aço frio entre os seus dedos quando se inclinou para a frente. Entre cada dedo havia uma lâmina, as pontas de espadas retorcidas que se projectavam em leque, como garras, dos braços do trono. Mesmo após três séculos, algumas ainda eram suficientemente aceradas para cortar. O Trono de Ferro estava cheio de armadilhas para os incautos. Segundo as canções, tinham sido precisas mil lâminas para o fazer, aquecidas até

brilhar, brancas, pelo sopro de fornalha de Balerion, o Terror Negro. A batadura levava cinquenta e nove dias. E o resultado fora aquela besta negra e corcovada feita de gumes de lâminas, farpas e tiras de metal aguçado; uma cadeira capaz de matar um homem, e que já o fizera, se fosse possível acreditar nas histórias.

Eddard Stark nunca conseguiria compreender o que fazia sentado nela, mas ali estava, e aquelas pessoas buscavam nele justiça.

— Que prova tendes de serem Lannister? — perguntou, tentando manter a fúria controlada. — Usavam mantos carmesim, ou ostentavam um estandarte do leão?

— Nem mesmo os Lannister são assim tão imbecis — exclamou Sor Marq Piper. Era um jovem galaró arrogante, novo de mais e com o sangue quente de mais para o gosto de Ned, apesar de ser grande amigo do irmão de Catelyn, Edmure Tully.

— Todos eles estavam a cavalo e usavam cotas de malha, s'nhor — respondeu calmamente Sor Karyl. — Estavam armados com lanças de pontas de aço e espadas longas, com machados de batalha para o massacre. — Fez um gesto para um dos esfarrapados sobreviventes. — Tu. Sim, tu, ninguém te vai fazer mal. Conta à Mão o que me contaste.

O velho homem inclinou a cabeça.

— A respeito dos cavalos — disse —, o que montavam eram cavalos de batalha. Muitos anos trabalhei eu nos estábulos do velho Sor Willum, e sei qual é a diferença. Nem um daqueles animais puxou algum dia uma charrua, que os deuses sejam testemunhas do que digo.

— Salteadores bem montados — observou o Mindinho. — Talvez tenham roubado os cavalos do último lugar que saquearam.

— Quantos homens tinha esse grupo? — perguntou Ned.

— Uma centena, pelo menos — respondeu Jon, no mesmo instante em que o ferreiro com a ligadura dizia “Cinquenta” e a avó atrás dele “Centos e centos, s'nhor, eram um exército, oh se eram.”

— Tens mais razão do que pensas, boa mulher — disse-lhe Lorde Eddard. — Dizeis que não ostentavam estandartes. Então e as armaduras? Algum de vós reparou em ornamentos ou distintivos, divisas em escudos ou elmos?

O cervejeiro, Joss, abanou a cabeça.

— Entristece-me dizê-lo, s'nhor, mas não, as armaduras que usavam eram simples, só... aquele que os liderava, a armadura era igual às dos outros, mas mesmo assim não era possível confundi-lo. Era o tamanho, s'nhor. Os que dizem que todos os gigantes estão mortos nunca viram aquele, juro. Era grande como um touro, era pois, e tinha uma voz como pedra a partir-se.

— *A Montanha!* — disse Sor Marq ruidosamente. — Poderá alguém duvidar? Isto foi trabalho de Gregor Clegane.

Ned ouviu os murmúrios que emanaram de sob as janelas e da extremidade mais distante do salão. Até na galeria se trocaram sussurros nervosos. Tanto os grandes senhores como a gente simples sabiam o que poderia significar provar-se que Sor Marq tinha razão. Sor Gregor Clegane era vas-salo de Lorde Tywin Lannister.

Estudou os rostos assustados dos aldeãos. Pouco admirava que estivessem tão medrosos; tinham pensado que estavam a ser arrastados até ali para chamar carniceiro a Lorde Tywin perante um rei que era seu filho por casamento. Perguntou a si próprio se os cavaleiros lhes tinham dado alguma escolha.

O Grande Mestre Pycelle ergueu-se solenemente da mesa do conselho, com a corrente do seu cargo a tilintar.

— Sor Marq, com o devido respeito, não podeis saber que este for-da-lei era Sor Gregor. Há muitos homens grandes no reino.

— Tão grandes como a Montanha Que Cavalga? — disse Sor Karyl. — Nunca encontrei nenhum.

— Nem nenhum dos presentes — acrescentou Sor Raymun em tom acalorado. — Até o irmão é um cachorrinho ao seu lado. Senhores, abri os olhos. Será que precisais de ver o seu selo nos cadáveres? Foi Gregor.

— Porque haveria Sor Gregor de se transformar em salteador? — perguntou Pycelle. — Pela graça do seu suserano, possui uma fortaleza robusta e terras próprias. O homem é um cavaleiro ungido.

— Um falso cavaleiro! — disse Sor Marq. — O cão raivoso de Lorde Tywin.

— Senhor Mão — declarou Pycelle numa voz rígida —, peço-vos que recordais a este *bom* cavaleiro que Lorde Tywin Lannister é o pai da nossa graciosa rainha.

— Obrigado, Grande Mestre Pycelle — disse Ned. — Temo que pudéssemos esquecer-nos desse facto se não no-lo tivésseis feito notar.

De cima do trono, podia ver homens que se esgueiravam pela porta, no fundo do salão. Lebres que regressavam às tocas, supôs... ou ratazanas que partiam para morder o queijo da rainha. Viu de relance a Septã Mordane na galeria, com a filha Sansa a seu lado. Ned sentiu uma ira súbita; aquele não era lugar para uma rapariga. Mas a septã não poderia saber que a audiência de hoje seria diferente do habitual tédio de escutar petições, resolver disputas entre castros rivais e arbitrar a colocação de pedras de demarcação de terras.

Na mesa do conselho, em baixo, Petyr Baelish perdeu o interesse na sua pena e inclinou-se para a frente.

— Sor Marq, Sor Karyl, Sor Raymun... será que posso colocar-vos uma questão? Esses castros estavam sob a vossa protecção. Onde estáveis enquanto decorriam estes massacres e incêndios?

Sor Karyl Vance respondeu:

— Eu estava a prestar serviço ao senhor meu pai no passo sob o Dente Dourado, tal como Sor Marq. Quando a notícia destes ultrajes chegou a Sor Edmure Tully, ordenou que levássemos uma pequena força a fim de encontrar os sobreviventes que conseguíssemos e trazê-los até ao rei.

Sor Raymun Darry interveio.

— Sor Edmure tinha-me chamado a Correrrio com todos os meus homens. Estava acampado perto das suas muralhas, do outro lado do rio, à espera das suas ordens, quando a notícia me chegou. Quando consegui regressar às minhas terras, já Clegane e a sua ralé tinham atravessado o Ramo Vermelho, de regresso aos montes dos Lannister.

O Mindinho afagou pensativamente a ponta da barba.

— E se regressarem, sor?

— Se regressarem, usaremos o seu sangue para regar os campos que queimaram — declarou acaloradamente Sor Marq Piper.

— Sor Edmure enviou homens para todas as aldeias e castros a um dia de viagem da fronteira — explicou Sor Karyl. — Para o próximo atacante, as coisas já não serão assim tão fáceis.

*E isso pode ser precisamente o que Lorde Tywin quer*, pensou Ned para si próprio, *para reduzir a força de Corerrio, levando o rapaz a espalhar as suas armas*. O irmão da sua esposa era jovem, e mais galante do que sábio. Tentaria guardar cada polegada do seu solo, defender todos os homens, mulheres e crianças que lhe chamavam senhor, e Tywin Lannister era suficientemente astuto para o saber.

— Se os vossos campos e castros estão a salvo — estava a dizer o Lorde Petyr —, que quereis então da coroa?

— Os senhores do Tridente mantêm a paz do rei — disse Sor Raymun Darry. — Os Lannister quebraram-na. Pedimos licença para lhes responder, aço contra aço. Pedimos justiça para o povo de Sherrer, Vila Véneda e Vau do Saltimbanco.

— Edmure concorda que devemos pagar a Gregor Clegane na sua sangrenta moeda — declarou Sor Marq — mas o velho Lorde Hoster ordenou-nos que viajássemos até aqui para pedir licença ao rei antes de atacar.

*Então, graças aos deuses pelo velho Lorde Hoster*. Tywin Lannister era tanto raposa como leão. Se tinha de facto enviado Sor Gregor para incendiar e pilhar — e Ned não duvidava que o tivesse feito —, tivera o cuidado de garantir que Clegane avançasse a coberto da noite, sem estandartes, sob o disfarce de um salteador comum. Se Correrrio respondesse ao ataque,



Cersei e o pai insistiriam em que tinham sido os Tully e não os Lannister a quebrar a paz do rei. Só os deuses sabiam em que acreditaria Robert.

O Grande Mestre Pycelle estava de novo em pé.

— Senhor Mão, se esta boa gente acredita que Sor Gregor esqueceu os seus votos sagrados para se dedicar ao saque e à violação, que vão queixar-se ao seu suserano. Estes crimes não dizem respeito à coroa. Que procurem a justiça de Lorde Tywin.

— Tudo é a justiça do rei — disse-lhe Ned. — No norte, no sul, no oeste e no leste, tudo o que fazemos, fazemos em nome de Robert.

— A justiça do rei — disse o Grande Mestre Pycelle. — É bem verdade, e por isso devíamos adiar este assunto até que o rei...

— O rei está a caçar para lá do rio e pode só regressar daqui a dias — disse Lorde Eddard. — Robert pediu-me que me sentasse aqui no seu lugar, para ouvir com os seus ouvidos e falar com a sua voz. Tenciono fazer isso mesmo... embora concorde que ele deva ser informado. — Viu um rosto familiar sob as tapeçarias. — Sor Robar.

Sor Robar Royce avançou e fez uma vénia.

— Senhor.

— O vosso pai está a caçar com o rei — disse Ned. — Podereis fazer-lhes chegar a notícia do que foi aqui dito e feito hoje?

— Imediatamente, senhor.

— Temos então a vossa licença para exercer vingança contra Sor Gregor? — perguntou Marq Piper à coroa.

— Vingança? — disse Ned. — Pensava que estávamos a falar de justiça. Queimar os campos de Clegane e matar a sua gente não restaurará a paz do rei, restaurará apenas o vosso orgulho ferido. — Afastou o olhar antes que o jovem cavaleiro pudesse dar voz ao seu ultrajado protesto e dirigiu-se aos aldeãos. — Povo de Sherrer, não vos posso devolver as casas e colheitas nem sou capaz de trazer os vossos mortos de volta à vida. Mas talvez vos possa conceder um pouco de justiça, em nome do nosso rei, Robert.

Todos os olhos no salão estavam postos nele, à espera. Lentamente, Ned lutou por se pôr em pé, erguendo-se do trono à força de braços, com a perna partida a gritar dentro do gesso. Fez o que pôde para ignorar a dor; não era o momento de deixar que vissem a sua fraqueza.

— Os Primeiros Homens acreditavam que o juiz que clamasse pela morte devia manejar a espada, e no Norte ainda mantemos esse costume. Não me agrada enviar outro para matar em meu nome... mas parece que não tenho escolha. — Indicou com um gesto a perna partida.

— *Lorde Eddard!* — O grito veio da ala leste do salão quando um bonito adolescente avançou ousadamente a passos largos. Sem a sua armadura, Sor Loras Tyrell ainda parecia ter menos do que os seus dezasseis anos.

Trajava de seda azul-clara, e o cinto era uma corrente de rosas douradas, o símbolo da sua Casa. — Suplico a honra de agir no vosso lugar. Atribuí-me esta tarefa, senhor, e juro que não vos deixarei ficar mal.

O Mindinho soltou um risinho.

— Sor Loras, se vos enviarmos sozinho, Sor Gregor mandar-nos-á de volta a vossa cabeça com uma pluma enfiada nessa linda boca. A Montanha não é do género de dobrar o pescoço perante a justiça de qualquer homem.

— Não temo Gregor Clegane — disse Sor Loras altivamente.

Ned deixou-se lentamente cair sobre o duro assento de ferro do deformado trono de Aegon. Os seus olhos procuraram entre os rostos junto à parede.

— Lorde Beric — chamou —, Thoros de Myr. Sor Gladden. Lorde Lothar. — Os homens nomeados avançaram um por um. — Cada um de vós deverá reunir vinte homens para levar as minhas ordens à fortaleza de Gregor. Vinte dos meus guardas irão convosco. Lorde Beric Dondarrion, vós tereis o comando, como é próprio da vossa posição.

O jovem senhor com cabelo ruivo alourado fez uma vénia.

— Às vossas ordens, Lorde Eddard.

Ned ergueu a voz, para que fosse levada até à extremidade mais distante da sala do trono.

— Em nome de Robert, o Primeiro do seu Nome, Rei dos Ândalos e dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protector do Território, pela voz de Eddard da Casa Stark, sua Mão, encarrego-vos de vos dirigirdes a toda a pressa às terras do Ocidente, de atravessardes o Ramo Vermelho do Tridente sob a bandeira do rei e de aí levardes a justiça do rei ao falso cavaleiro Gregor Clegane e a todos os que partilharam os seus crimes. Denuncio-o, acuso-o e despojo-o da sua posição e títulos, de todas as terras, rendimentos e domínios, e sentencio-o à morte. Que os deuses se apiedem da sua alma.

Quando o eco das suas palavras se extinguiu, o Cavaleiro das Flores pareceu perplexo.

— Lorde Eddard, e eu?

Ned olhou-o. Da sua posição elevada, Loras Tyrell parecia quase tão novo como Robb.

— Ninguém duvida do vosso valor, Sor Loras, mas o nosso assunto aqui é a justiça e o que vós buscais é a vingança. — Voltou a olhar para Lorde Beric. — Parti à primeira luz. Estas coisas são mais bem tratadas depressa. — Ergueu uma mão. — A coroa não ouvirá mais petições hoje.

Alyn e Portther treparam os íngremes degraus de ferro para o ajudar a descer. Enquanto desciam, conseguia sentir o carrancudo olhar de Loras

Tyrell, mas quando chegou ao chão da sala do trono, o rapaz já se afastara a passos largos.

Na base do Trono de Ferro, Varys recolhia papéis da mesa do conselho. O Mindinho e o grande Meistre Pycelle já se tinham retirado.

— Sois um homem mais corajoso do que eu, senhor — disse suavemente o eunuco.

— Porquê, Lorde Varys? — perguntou bruscamente Ned. Sentia a perna a latejar e não estava na disposição para jogos de palavras.

— Se fosse eu a estar ali em cima, teria enviado o Sor Loras. Ele queria *tanto* ir... e um homem que tem os Lannister como inimigos faria bem em fazer dos Tyrell seus amigos.

— Sor Loras é jovem — disse Ned. — Atrevo-me a dizer que ele ultrapassará o desapontamento.

— E Sor Ilyn? — O eunuco afagou uma bochecha rechonchuda e empoada. — Afinal de contas, ele é o Magistrado do Rei. Enviar outros homens para desempenhar o seu trabalho... alguns poderiam interpretá-lo como um grave insulto.

— Não houve qualquer intenção de lhe faltar ao respeito. — Na verdade, Ned não confiava no cavaleiro mudo, embora esse facto talvez se devesse apenas ao seu desagrado por carrascos. — Recordo-vos que os Payne são vassalos da Casa Lannister. Julguei ser melhor escolher homens que não devessem lealdade a Lorde Tywin.

— Muito prudente, sem dúvida — disse Varys. — Mesmo assim, vi, por um acaso, Sor Ilyn ao fundo do salão, a olhar-nos com aqueles seus olhos claros e devo dizer que não parecia contente, embora seja bem verdade que é difícil ter a certeza com o nosso silencioso cavaleiro. Espero que também ele ultrapasse o desapontamento. Ele *ama* tanto o seu trabalho...

— Ele não quis enviar Sor Loras — disse Sansa a Jeyne Poole naquela noite, enquanto partilhavam um jantar frio à luz das candeias. — Acho que foi por causa da perna.

Lorde Eddard tinha tomado o jantar no quarto, com Alyn, Harwin e Vayon Poole, a fim de melhor repousar a perna partida, e a Septã Mordane queixara-se de ter os pés doridos depois de ficar o dia inteiro em pé na galeria. Era suposto que Arya se lhes juntasse, mas o seu regresso da aula de dança estava atrasado.

— A perna? — disse Jeyne em tom incerto. Era uma rapariga bonita, de cabelo escuro e tinha a mesma idade de Sansa. — Sor Loras magoou a perna?

— Não é a perna *dele* — disse Sansa, mordiscando delicadamente uma perna de galinha. — É a perna do *pai*, tontinha. Dói-lhe tanto que o faz praguejar. Se não fosse isso, tenho a certeza de que teria enviado Sor Loras.

A decisão do pai ainda a confundia. Quando o Cavaleiro das Flores falara, tivera a certeza de que estava prestes a ver as histórias da Velha Ama tomar vida. Sor Gregor era o monstro e Sor Loras o herói leal que o iria matar. Ele até *parecia* um herói leal, tão magro e belo, com rosas douradas em volta do peito esguio e o rico cabelo castanho a cair-lhe sobre os olhos. E então o pai *rejeitara-o!* Aquilo perturbara-a imensamente. Dissera isso mesmo à Septã Mordane enquanto desciam as escadas da galeria, mas a septã respondera-lhe apenas que não lhe competia questionar as decisões do senhor seu pai.

Fora então que Lorde Baelish dissera:

— Oh, não sei, Septã. Algumas das decisões do senhor seu pai podiam bem ser um pouco questionadas. A jovem senhora é tão sábia como adorável. — Fez uma elaborada vénia a Sansa, tão profunda que ela ficou na dúvida sobre se estaria a ser cumprimentada ou escarnecida.

A Septã Mordane ficara *muito* perturbada ao dar-se conta de que o Lorde Baelish as ouvira.

— A rapariga estava apenas a falar, senhor — dissera. — Tagarelice sem importância. Ela não quis dizer nada com o comentário.

O Lorde Baelish afagara a sua pequena barba pontiaguda e dissera:

— Nada? Diz-me, filha, porque querias enviar o Sor Loras?

Sansa não vira alternativa a falar-lhe de heróis e monstros. O conselheiro do rei sorria.

— Bem, não seriam essas as razões que eu daria, mas... — Tocara-lhe o rosto, fazendo o polegar percorrer com suavidade a linha de um malar. — A vida não é uma canção, querida. Poderás aprender isso um dia, para tua mágoa.

Mas não apetecia a Sansa contar tudo aquilo a Jeyne; só de pensar na conversa, sentia-se desconfortável.

— O Magistrado do Rei é Sor Ilyn, não Sor Loras — disse Jeyne. — O Lorde Eddard devia tê-lo enviado.

Sansa estremeceu. De todas as vezes que olhava para Sor Ilyn Payne, estremeceu. O homem fazia-a sentir como se alguma coisa morta lhe rastejasse sobre a pele nua.

— O Sor Ilyn é quase como um *segundo* monstro. Estou feliz que o pai não o tenha escolhido.

— O Lorde Beric é tão herói como Sor Loras. É tão bravo e galante.

— Suponho que sim — disse Sansa em tom de dúvida. Beric Dondarrion era suficientemente bem-parecido, mas era terrivelmente *velho*, quase com vinte e dois anos; o Cavaleiro das Flores teria sido muito melhor. Claro, Jeyne estava enamorada de Lorde Beric desde o momento em que o vislumbrara na liça. Pensava que a amiga estava a ser tola; afinal de contas, Jeyne era apenas filha de um intendente, e por mais que suspirasse por ele, Lorde Beric nunca repararia em alguém tão abaixo dele, mesmo se não tivesse metade da sua idade.

Mas teria sido indelicado dizê-lo, e Sansa sorveu um pouco de leite e mudou de assunto.

— Tive um sonho em que era Joffrey a ganhar o veado branco — disse. Na verdade, fora mais um desejo, mas soava melhor chamar-lhe sonho. Todos sabiam que os sonhos eram proféticos. Era suposto que os veados brancos fossem muito raros e mágicos, e ela sabia, no coração, que o seu galante príncipe era mais digno do que o bêbado do pai.

— Um sonho? De verdade? E o Príncipe Joffrey, foi ter com o animal, tocou-o com a mão nua e não lhe fez nenhum mal?

— Não — disse Sansa. — Abateu-o com uma seta dourada e trouxe-o de volta para mim. — Nas canções, os cavaleiros nunca matavam os animais mágicos, limitavam-se a ir ter com eles, a tocar-lhes e a não lhes fazer nenhum mal, mas ela sabia que Joffrey gostava de caçar, e especialmente da parte da matança. Mas só animais. Sansa tinha a certeza de que o seu príncipe não tivera nenhum papel no assassinio de Jory e dos outros pobres homens; quem fizera isso fora o seu tio malvado, o Regicida. Sansa sabia que o pai ainda estava zangado com aquilo, mas não era justo culpar Joff.

Seria como culpá-la a ela de algo que Arya tivesse feito.

— Esta tarde vi a tua irmã — proferiu Jeyne, como se tivesse estado a ler os pensamentos de Sansa. — Estava a caminhar pelos estábulos de pernas para o ar. Porque haveria de fazer uma coisa dessas?

— Tenho a certeza de não saber por que motivo Arya faz seja o que for. — Sansa detestava estábulos, lugares malcheirosos cheios de estrume e de moscas. Mesmo quando ia montar, gostava que o rapaz selasse o cavalo e lho trouxesse até ao pátio. — Queres que te conte a audiência ou não?

— Quero — disse Jeyne.

— Estava lá um irmão negro — disse Sansa — em busca de homens para a Muralha, só que era mais ou menos velho e malcheiroso. — Não gostara nada daquilo. Sempre imaginara que a Patrulha da Noite era composta por homens como o Tio Benjen. Nas canções, eram chamados os cavaleiros negros da Muralha. Mas aquele homem era corcovado e hediondo, e pelo aspecto podia bem ter piolhos. Se a verdadeira Patrulha da Noite era assim, sentia pena do meio-irmão bastardo, Jon. — O pai perguntou se havia cavaleiros no salão que quisessem honrar as suas casas vestindo o negro, mas ninguém se apresentou, e ele disse a este homem, Yoren, que fizesse a sua escolha nas masmorras do rei e mandou-o embora. E mais tarde, houve dois irmãos que vieram perante ele, cavaleiros livres vindos da Marca de Dorne, que colocaram as suas espadas ao serviço do rei. O pai aceitou-lhes os votos...

Jeyne bocejou.

— Haverá bolos de limão?

Sansa não gostava de ser interrompida, mas tinha de admitir que bolos de limão soavam mais interessantes do que a maior parte do que se tinha passado na sala do trono.

— Vamos ver — disse.

A cozinha não forneceu bolos de limão, mas encontraram metade de uma tarte fria de morangos, e isso era quase igualmente bom. Comeram-na nos degraus da torre, entre risinhos, mexericos e segredos partilhados, e naquela noite, Sansa foi para a cama a sentir-se quase tão malvada como Arya.

Na manhã seguinte, acordou antes da primeira luz e deslizou, ensonada, até à janela, a fim de observar Lorde Beric que punha os homens em formação. Partiram quando a aurora raiava sobre a cidade, com três estandartes à cabeça da coluna; o veado coroadado do rei esvoaçava no poste maior, e o lobo gigante dos Stark e o estandarte do relâmpago bifurcado de Lorde Beric de postes mais curtos. Tudo aquilo era excitante, uma canção trazida à vida; o tinar das espadas, o tremeluzir dos archotes, estandartes a dançar

ao vento, cavalos a resfolegar e a relinchar, o brilho dourado da alvorada a obliquar através das barras da porta levadiça, quando foi puxada para cima. Os homens de Winterfell tinham especialmente bom aspecto, com as suas cotas de malha prateadas e longos mantos cinzentos.

Alyn transportava o estandarte dos Stark. Quando o viu puxar as rédeas ao lado de Lorde Beric para trocar algumas palavras com ele, Sansa sentiu um grande orgulho. Alyn era mais bonito do que Jory fora; um dia seria um cavaleiro.

A Torre da Mão parecia tão vazia depois de os homens terem partido, que Sansa até ficou contente por ver Arya quando desceu para quebrar o jejum.

— Onde está toda a gente? — quis saber a irmã enquanto arrancava a casca de uma laranja de sangue. — O Pai mandou-os em perseguição de Jaime Lannister?

Sansa suspirou.

— Partiram com Lorde Beric para decapitar Sor Gregor Clegane. — Virou-se para a Septã Mordane, que estava a comer papas de aveia com uma colher de madeira. — Septã, o Lorde Beric vai espetar a cabeça de Sor Gregor no portão dele, ou vai trazê-la para cá, para a dar ao rei? — Ela e Jeyne Poole tinham discutido sobre aquilo na noite anterior.

A septã ficou horrorizada.

— Uma senhora não discute essas coisas à mesa. Onde está a vossa educação, Sansa? Juro, nos últimos tempos tendes sido quase tão má como a vossa irmã.

— Que fez o Gregor? — perguntou Arya.

— Queimou um castro e assassinou uma porção de pessoas, com mulheres e crianças também.

Arya enrolou o rosto numa carranca.

— Jaime Lannister assassinou Jory, Heward e Wyl, e o Cão de Caça assassinou o Mycah. Alguém os devia ter decapitado a *eles*.

— Não é a mesma coisa — disse Sansa. — O Cão de Caça é por juramento o escudo de Joffrey. O teu filho de carniceiro atacou o príncipe.

— Mentirosa — disse Arya. A sua mão agarrou a laranja de sangue com tanta força que sumo vermelho ressumou entre os seus dedos.

— Força, chama-me os nomes que quiseres — disse Sansa em tom alegre. — Quando eu estiver casada com o Joffrey, não te atreverás. Terás de fazer-me vénias e chamar-me Vossa Graça. — Soltou um guincho quando Arya lhe arremessou a laranja. O fruto atingiu-a no meio da testa com um salpico molhado, e tombou-lhe no regaço.

— Tendes sumo na cara, Vossa Graça — disse Arya.

O sumo escorria-lhe pelo nariz e fazia-lhe arder os olhos. Sansa lim-

pou-o com um guardanapo. Quando viu o que o fruto no regaço tinha feito ao seu belo vestido de seda cor de marfim, soltou outro guincho.

— És horrível — gritou à irmã. — Deviam ter-te morto a *ti* em vez da Lady!

A Septã Mordane pôs-se subitamente em pé.

— O senhor vosso pai ouvirá falar disto! Ide imediatamente para os vossos aposentos. *Imediatamente!*

— Eu também? — Lágrimas jorraram dos olhos de Sansa. — Não é justo.

— Não haverá discussão. Ide!

Sansa foi-se embora a passos largos, de cabeça levantada. Ia ser uma rainha, e as rainhas não choram. Pelo menos onde as pessoas vissem. Quando chegou ao quarto, trancou a porta e despiu o vestido. A laranja de sangue deixara uma grande nódoa vermelha na seda.

— Odeio-a! — gritou. Amarfanhou o vestido numa bola e atirou-o para a lareira fria, para cima das cinzas do fogo da noite anterior. Quando viu que a mancha tinha escorrido para a saia de baixo, não conseguiu resistir e começou a soluçar. Arrancou furiosamente o resto da roupa, atirou-se para cima da cama e chorou até deixar-se dormir.

Era meio-dia quando a Septã Mordane lhe bateu à porta.

— Sansa. O senhor vosso pai receber-vos-á agora.

Sansa sentou-se.

— Lady — sussurrou. Por um momento, foi como se o lobo selvagem estivesse ali no quarto, olhando-a com os seus olhos dourados, tristes e sábios. Compreendeu que tinha sonhado. Lady estava com ela, e corriam juntas, e... e... tentar recordar era como tentar apanhar chuva com os dedos. O sonho desvaneceu-se, e Lady ficou de novo morta.

— Sansa. — A pancada voltou, sonora. — Estais a ouvir-me?

— Sim, Septã — gritou. — Posso, por favor, ter um momento para me vestir? — Tinha os olhos vermelhos de chorar, mas fez tudo o que pôde para se pôr bonita.

O Lorde Eddard estava inclinado sobre um enorme livro com capa de couro quando a Septã Mordane a introduziu no aposento privado, com a perna envolta em gesso rígida sob a mesa.

— Vem cá, Sansa — disse ele, num tom que não era desprovido de delicadeza, depois de a septã partir para ir buscar a irmã. — Senta-te a meu lado. — Fechou o livro.

A Septã Mordane regressou com Arya, que se debatia nas suas mãos. Sansa envergara um belo vestido verde-claro de damasco e um ar de remorso, mas a irmã ainda trajava as maltrapilhas roupas de couro e ráfia que vestia ao pequeno-almoço.



— Aqui está a outra — anunciou a septã.

— Agradeço-vos, Septã Mordane. Gostaria de falar com as minhas filhas a sós, com a vossa licença. — A septã fez uma vénia e saiu.

— Foi a Arya a começar — disse rapidamente Sansa, ansiosa por ter a primeira palavra. — Chamou-me mentirosa e atirou-me uma laranja, e estragou-me o vestido, o de seda cor de marfim, aquele que a Rainha Cersei me deu quando fui prometida ao Príncipe Joffrey. Ela detesta que eu vá casar com o príncipe. Ela procura estragar *tudo*, pai, não suporta que nada seja belo, ou amável, ou esplêndido.

— *Basta*, Sansa. — A voz de Lorde Eddard estava carregada de impaciência.

Arya ergueu os olhos.

— Lamento, pai. Eu estava errada e peço o perdão da minha querida irmã.

Sansa ficou tão surpreendida que por um momento perdeu a fala. Por fim, recuperou a voz.

— Então e o meu vestido?

— Talvez... eu possa lavá-lo — disse Arya em tom de dúvida.

— Lavá-lo não resolve nada — disse Sansa. — Nem que o esfregasses dia e noite. A seda está *arruinada*.

— Então eu... faço-te um novo — disse Arya.

Sansa atirou a cabeça para trás com desdém.

— Tu? Nem serias capaz de coser um vestido bom para limpar os chiqueiros.

O pai suspirou.

— Não vos chamei aqui para falar de vestidos. Vou enviar-vos a ambas de volta para Winterfell.

Pela segunda vez, Sansa ficou demasiado surpreendida para falar. Sentiu que os olhos se lhe humedeciam de novo.

— Não *podeis* — disse Arya.

— Por favor, pai — conseguiu Sansa dizer por fim. — Não, por favor.

Eddard Stark concedeu às filhas um sorriso cansado.

— Finalmente encontrámos alguma coisa em que estão de acordo.

— Eu não fiz nada de mal — argumentou Sansa. — Não quero regressar. — Adorava Porto Real; o aparato da corte, os grandes senhores e senhoras com os seus veludos, sedas e pedras preciosas, a grande cidade com toda a sua gente. O torneio constituíra o período mais mágico de toda a sua vida, e havia tantas coisas que ainda não vira, festas das colheitas, bailes de máscaras e espectáculos de pantomima. Não aguentava a ideia de perder tudo aquilo. — Mandai a Arya embora, foi ela a começar, pai, juro.

Eu serei boa, vereis, deixai-me ficar e prometo ser tão agradável, nobre e cortês como a rainha.

A boca do pai retorceu-se de um modo estranho.

— Sansa, não vos estou a mandar embora por causa das lutas, embora os deuses bem saibam como estou farto das vossas disputas. Quero-vos de volta a Winterfell para a vossa segurança. Três dos meus homens foram abatidos como cães a menos de uma légua de onde estamos, e que faz Robert? Vai à *caça*.

Arya mordiscava o lábio daquela sua maneira nojenta.

— Podemos levar o Syrio de volta connosco?

— Quem se importa com o teu estúpido *mestre de dança*? — disparou Sansa. — Pai, acabei de me lembrar, eu *não posso* ir-me embora, vou casar com o Príncipe Joffrey. — Tentou sorrir com bravura por ele. — Eu amo-o, pai, amo-o mesmo, mesmo, amo-o tanto como a Rainha Naerys amou o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, tanto como Jonquil amou o Sor Florian. Quero ser a sua rainha e ter os seus bebés.

— Querida — disse o pai gentilmente —, escuta-me. Quando tiveres idade, arranjar-te-ei casamento com algum grande senhor que seja digno de ti, alguém que seja corajoso, gentil e forte. Esta promessa ao Joffrey foi um erro terrível. Aquele rapaz não é nenhum Príncipe Aemon, acredita no que digo.

— É *sim!* — insistiu Sansa. — Não quero alguém corajoso e gentil, quero-o a *ele*. Seremos tão felizes, mesmo como nas canções, vereis. Dar-lhe-ei um filho com cabelo dourado, e ele um dia será o rei de todo o reino, o maior rei que já existiu, bravo como o lobo e orgulhoso como o leão.

Arya fez uma careta.

— Só se Joffrey não for o pai — disse. — Joffrey é um mentiroso e um cobarde, e de qualquer forma é um veado, não um leão.

Sansa sentiu lágrimas nos olhos.

— Não é *nada!* Não é nem um bocadinho como aquele velho rei bêbado — gritou para a irmã, perdida no seu desgosto.

O pai olhou-a com uma expressão estranha.

— Deuses — praguejou em voz baixa — e da boca das crianças... — Gritou pela Septã Mordane. Às raparigas disse: — Estou à procura de uma galé mercante que seja rápida para vos levar para casa. Nos dias que correm, o mar é mais seguro do que a Estrada do Rei. Partirão assim que eu encontre um navio adequado, com a Septã Mordane e uma guarnição de guardas... e sim, com Syrio Forel, se ele concordar em entrar ao meu serviço. Mas não digam nada sobre isto. É melhor que ninguém saiba dos nossos planos. Amanhã voltaremos a conversar.

Sansa chorou enquanto a Septã Mordane as levava pelas escadas. Iam

tirar-lhe tudo; os torneios, a corte e o seu príncipe, tudo, iam enviá-la de volta para os gelados muros cinzentos de Winterfell e trancá-la para sempre. A sua vida tinha terminado antes mesmo de começar.

— Parai com esse choro, menina — disse severamente a Septã Mordane. — Tenho a certeza de que o senhor vosso pai sabe o que é melhor para vós.

— Não vai ser assim tão mau, Sansa — disse Arya. — Vamos viajar numa galé. Será uma aventura, e depois estaremos outra vez com Bran e Robb, e a Velha Ama, o Hodor e os outros. — Tocou-lhe no braço.

— *Hodor!* — berrou Sansa. — Devias casar com o Hodor, és mesmo como ele, estúpida, peluda e feia! — Escapuliu-se da mão da irmã, entrou a correr no quarto e trancou a porta atrás de si.

— A dor é um presente dos deuses, Lorde Eddard — disse o grande Mestre Pycelle. — Significa que o osso está a cicatrizar, a carne a sarar. Deveis sentir-vos grato.

— Ficarei grato quando a perna deixar de latejar.

Pycelle depositou um frasco rolhado na mesa junto à cama.

— O leite da papoila, para quando a dor ficar muito pesada.

— Já durmo demasiado.

— O sono é o grande curandeiro.

— Tinha esperança que esse fôsseis vós.

Pycelle fez um sorriso triste.

— É bom ver-vos com um humor tão vigoroso, senhor. — Inclinou-se para mais perto e baixou a voz. — Chegou um corvo hoje de manhã, uma carta para a rainha do senhor seu pai. Pensei que devíeis saber.

— Asas escuras, palavras escuras — disse Ned em tom sombrio. — Que tem a mensagem?

— O Lorde Tywin está muito irado com os homens que enviastes contra Sor Gregor Clegane — confidenciou o Mestre. — Temi que o ficasse. Lembrar-vos-eis que disse isso mesmo no conselho.

— Deixai-o irar-se — disse Ned. De cada vez que a perna latejava, lembrava-se do sorriso de Jaime Lannister, e de Jory morto nos seus braços. — Que escreva todas as cartas que quiser à rainha. O Lorde Beric avança sob o estandarte do rei. Se o Lorde Tywin tentar interferir com a justiça do rei, terá de responder perante Robert. A única coisa de que Sua Graça mais gosta do que de caçar é de mover guerra aos senhores que o desafiam.

Pycelle afastou-se, com a corrente de mestre a chocalhar.

— Como quiserdes. Visitar-vos-ei de novo amanhã. — O velho homem recolheu apressadamente as suas coisas e retirou-se. Ned tinha poucas dúvidas de que se dirigia directamente aos aposentos reais, para segredar à rainha. *Pensei que devíeis saber*, realmente... como se Cersei não o tivesse instruído para entregar as ameaças do pai. Esperava que a resposta fizesse ranger aqueles dentes perfeitos que ela tinha. Ned não estava, nem de perto, tão confiante como fingira estar, mas não havia motivo para que Cersei precisasse de o saber.

Depois de Pycelle sair, Ned mandou vir uma taça de vinho com mel.

Aquilo também enevoava a mente, mas não tanto. Precisava de estar capaz de pensar. Mil vezes perguntara a si próprio o que teria feito Jon Arryn se tivesse vivido o suficiente para actuar com base no que soubera. Ou talvez tivesse actuado, e tivesse morrido por isso.

Era estranho como por vezes os olhos inocentes de uma criança eram capazes de ver coisas a que os adultos eram cegos. Um dia, quando Sansa crescesse, teria de lhe contar como fizera com que tudo se tornasse claro. *Não é nem um bocadinho como aquele velho rei bêbado*, declarara, zangada e sem consciência do que dizia, e a simples verdade daquelas palavras retor-cera-se dentro dele, fria como a morte. *Foi esta a espada que matou Jon Arryn*, pensara então Ned, *e matará também Robert, uma morte mais lenta mas não menos certa*. Pernas partidas podem sarar com o tempo, mas certas traições ulceram e envenenam a alma.

O Mindinho veio de visita uma hora depois de o Grande Mestre partir, vestido com um gibão cor de ameixa, com um tejo bordado no peito em negro e uma capa listrada de preto e branco.

— Não posso demorar-me, senhor — anunciou. — A Senhora Tanda espera-me para o almoço. Sem dúvida, assar-me-á uma vitela de engorda. Se a engorda se aproximar da filha dela, é provável que eu rebente e morra. E como vai a vossa perna?

— Inflamada e dolorosa, com uma comichão que me deixa louco.

O Mindinho ergueu uma sobranceira.

— De futuro, tentai evitar que os cavalos caiam em cima dela. Gostaria de vos instar a sarar rapidamente. O reino inquieta-se. Varys escutou murmúrios de mau agouro vindos do Ocidente. Cavaleiros livres e mercenários estão a afluir ao Rochedo Casterly, e não é pelo ténue prazer de conversar com Lorde Tywin.

— Há notícias do rei? — perguntou Ned. — Quanto tempo ainda tenciona Robert continuar a caçar?

— Dadas as suas preferências, creio que gostaria de permanecer na floresta até que tanto vós como a rainha morram de velhice — respondeu o Lorde Petyr com um leve sorriso. — Não sendo isso possível, creio que regressará assim que tiver morto alguma coisa. Ao que parece, encontraram o veado branco... ou antes, o que restou dele. Uns lobos encontraram-no primeiro, e deixaram a Sua Graça pouco mais do que um casco e uma haste. Robert ficou furioso até ouvir falar de um javali monstruoso que vive mais no interior da floresta. De então em diante, nada estaria bem a não ser que ele o capturasse. O Príncipe Joffrey regressou hoje de manhã, com os Royce, Sor Balon Swann e uns vinte outros membros do grupo. Os restantes continuam com o rei.

— E o Cão de Caça? — perguntou Ned, franzindo a testa. De todo o

grupo dos Lannister, era Sandor Clegane quem mais o preocupava, agora que Sor Jaime fugira da cidade para se ir juntar ao pai.

— Oh, regressou com Joffrey, e foi logo ter com a rainha. — O Mindinho sorriu. — Teria dado cem veados de prata para ser uma barata nas esteiras quando ele soube que Lorde Beric partiu para decapitar o irmão.

— Até um cego vê que o Cão de Caça detesta o irmão.

— Ah, mas Gregor é para *ele* detestar, não para vós matardes. Depois de Dondarrion desbastar o cume da nossa Montanha, as terras e rendimentos dos Clegane passarão para Sandor, mas não prenderia a respiração à espera de agradecimentos, daquele não. E agora, perdoai-me. A Senhora Tanda aguarda com as suas gordas vitelas.

A caminho da porta, Lorde Petyr pousou os olhos no maciço volume do Grande Mestre Malleon que estava sobre a mesa, e fez uma pausa para lhe abrir ociosamente a capa.

— *As Linhagens e Histórias das Grandes Casas dos Sete Reinos, Com Descrições de Muitos Grandes Senhores e Nobres Senhoras e de Seus Filhos* — leu. — Se alguma vez vi uma leitura entediante, aqui está ela. Uma poção para dormir, senhor?

Por um breve momento, Ned considerou a hipótese de lhe contar tudo, mas havia algo nas brincadeiras do Mindinho que o aborrecia. O homem era muito mais esperto do que devia, sempre com um sorriso de troça perto dos lábios.

— Jon Arryn estava a estudar este volume quando adoeceu — disse Ned em tom cauteloso, para ver como o outro responderia.

E o outro respondeu como respondia sempre: com um dito de espírito.

— Nesse caso — disse —, a morte deve ter chegado como um abençoado alívio. — O Lorde Petyr Baelish fez uma vénia e retirou-se.

Eddard Stark permitiu-se uma praga. Além dos seus próprios vassallos, não havia ninguém naquela cidade em quem confiasse. O Mindinho escondera Catelyn e ajudara Ned nas suas investigações, mas a pressa em salvar a própria pele quando Jaime saíra da chuva com os soldados ainda lhe irritava as feridas. Varys era pior. Com todas as suas declarações solenes de lealdade, o eunuco sabia demasiado e fazia muito pouco. O Grande Mestre Pycelle parecia-se mais com uma criatura de Cersei a cada dia que passava, e Sor Barristan era velho, e rígido. Diria a Ned para cumprir o seu dever.

O tempo era perigosamente curto. O rei devia regressar em breve da caçada, e a honra obrigava Ned a contar-lhe tudo o que soubera. Vayon Poole organizara as coisas de modo a que Sansa e Arya embarcassem na *Bruxa dos Ventos*, de Bravos, dali a três dias. Estariam de regresso a Winterfell antes

das colheitas. Ned já não podia usar a preocupação com a segurança delas como desculpa para o atraso.

Mas na noite anterior sonhara com os filhos de Rhaegar. O Lorde Tywin depositara os corpos sob o Trono de Ferro, envolvidos nos mantos carmesim da sua guarda. Fora uma atitude inteligente; o sangue não se notava tanto no pano vermelho. A pequena princesa estava descalça, ainda vestida com a camisa de dormir, e o rapaz... o rapaz...

Ned não podia deixar que aquilo voltasse a acontecer. O reino não suportaria um segundo rei louco, outra dança de sangue e vingança. Tinha de encontrar algum modo de salvar as crianças.

Robert podia ser misericordioso. Sor Barristan estava longe de ser o único homem que perdoara. O Grande Mestre Pycelle, Varys, a Aranha, Lorde Balon Greyjoy; cada um deles contara-se um dia entre os inimigos de Robert, e todos foram bem-vindos à amizade e autorizados a manter as honrarias e os cargos em troca de um juramento de fidelidade. Desde que um homem fosse bravo e honesto, Robert tratá-lo-ia com toda a honra e o respeito devidos a um inimigo valente.

Isto era outra coisa: veneno no escuro, uma faca arremessada à alma. Isto nunca ele poderia perdoar, tal como não era capaz de perdoar a Rhaegar. *Matá-los-á a todos*, compreendeu Ned.

E no entanto, sabia que não podia manter-se em silêncio. Tinha um dever para com Robert, para com o reino, para com a sombra de Jon Arryn... e para com Bran, que sem dúvida devia ter tropeçado em alguma parte desta verdade. Que outro motivo teriam para tentar assassiná-lo?

Durante a tarde mandou chamar Tomard, o guarda corpulento de suíças ruivas a quem os filhos chamavam Gordo Tom. Com Jory morto e Alyn distante, o Gordo Tom tinha o comando da guarda da sua casa. A ideia encheu Ned com uma vaga inquietação. Tomard era um homem sólido; afável, leal, incansável, capaz a seu modo limitado, mas tinha quase cinquenta anos e nem mesmo na juventude fora enérgico. Talvez Ned não se devesse ter precipitado a enviar para longe metade dos seus guardas, e com todos os melhores espadachins entre eles.

— Vou precisar da tua ajuda — disse Ned quando Tomard apareceu, com o ar levemente apreensivo que punha sempre que era chamado à presença do seu senhor. — Leva-me ao bosque sagrado.

— Será sensato, Lorde Eddard? Com a vossa perna, e tudo?

— Talvez não. Mas é necessário.

Tomard chamou Varly. Com os braços em volta dos ombros dos dois homens, Ned conseguiu descer os íngremes degraus da torre e atravessar a muralha a coxear.

— Quero a guarda duplicada — disse ao Gordo Tom. — Ninguém entra ou sai da Torre da Mão sem a minha autorização.

Tom pestanejou.

— S'nhor, com Alyn e os outros longe, já estamos sobrecarregados...

— Será só por pouco tempo. Aumenta os turnos.

— Como quiserdes, s'nhor — respondeu Tom. — Posso perguntar porquê...

— É melhor não — respondeu bruscamente Ned.

O bosque sagrado estava vazio, como sempre estava naquela cidadela dos deuses do sul. A perna de Ned gritava quando o depositaram na relva ao lado da árvore-coração.

— Obrigado. — Tirou um papel da manga, selado com o selo da sua Casa. — Tem a bondade de entregar isto imediatamente.

Tomard olhou para o nome que Ned escrevera no papel e lambeu ansiosamente os lábios.

— Senhor...

— Faz o que te peço, Tom — disse Ned.

Não saberia dizer quanto tempo esperou no sossego do bosque sagrado. Era um sítio pacífico. As espessas muralhas mantinham do lado de fora o clamor do castelo, e conseguia ouvir aves a cantar, o murmúrio dos grilos, o roçar das folhas sob um vento fraco. A árvore-coração era um carvalho, castanho e sem rosto, mas Ned Stark sentia na mesma a presença dos seus deuses. A perna não parecia doer-lhe tanto.

Ela veio ao pôr do Sol, quando as nuvens se avermelhavam sobre as muralhas e torres. Veio só, como ele lhe pedira. Por uma vez, estava vestida de forma simples, com botas de couro e verdes de caça. Quando puxou para trás o capuz da capa castanha, Ned viu a nódoa negra onde o rei lhe batera. A zangada cor de ameixa desvanecera-se até tomar um tom de amarelo, e o inchaço reduzira-se, mas não era possível confundir a marca com outra coisa qualquer.

— Porquê aqui? — perguntou Cersei Lannister, em pé, a seu lado.

— Para que os deuses possam ver.

Ela sentou-se a seu lado na erva. Cada um dos seus movimentos era gracioso. O seu cabelo louro encaracolado movia-se ao vento, e os olhos eram verdes como as folhas do Verão. Passara-se muito tempo desde que Ned Stark lhe vira a beleza, mas via-a agora.

— Conheço a verdade pela qual Jon Arryn morreu — disse-lhe.

— Ah sim? — A rainha observou-lhe o rosto, cuidadosa como um gato. — Foi por isso que me chamastes aqui, Lorde Stark? Para me propor adivinhas? Ou será vossa intenção raptar-me como a vossa esposa raptou o meu irmão?



— Se acreditásseis mesmo nisso, nunca teríeis vindo. — Ned tocou-lhe a face com gentileza. — Ele já tinha feito isto antes?

— Uma ou duas vezes. — Ela afastou-se da sua mão. — Nunca na cara. O Jaime tê-lo-ia morto, mesmo se isso lhe custasse a vida. — Cersei olhou-o em desafio. — O meu irmão vale cem vezes mais do que o vosso amigo.

— O vosso irmão? — disse Ned. — Ou o vosso amante?

— As duas coisas. — Ela não vacilou perante a verdade. — Desde crianças. E porque não? Os Targaryen casaram irmão com irmã ao longo de trezentos anos, para manter o sangue puro. E Jaime e eu somos mais que irmão e irmã. Somos uma pessoa em dois corpos. Partilhámos um ventre. O nosso velho mestre dizia que ele chegou ao mundo agarrado ao meu pé. Quando está em mim, sinto-me... completa. — O fantasma de um sorriso passou rapidamente sobre os seus lábios.

— O meu filho Bran...

Para seu crédito, Cersei não desviou o olhar.

— Ele viu-nos. Amais os vossos filhos, não é verdade?

Robert colocara-lhe a mesmíssima questão na manhã do corpo a corpo. Deu a Cersei a mesma resposta.

— De todo o coração.

— Não mais do que eu amo os meus.

Ned pensou: *Se chegasse a esse ponto, colocando a vida de uma criança que não conheço contra Robb, Sansa, Arya, Bran e Rickon, o que faria? Mais, que faria Catelyn, se fosse a vida de Jon contra os filhos do seu corpo?* Não sabia. E rezava para nunca saber.

— Todos os três são de Jaime — disse ele. Não era uma pergunta.

— Graças aos deuses.

A semente é forte, gritara Jon Arryn no seu leito de morte, e de facto era. Todos aqueles bastardos, todos com um cabelo negro como a noite. O Grande Mestre Malleon registou a última união entre veado e leão, há cerca de noventa anos, quando Tya Lannister casou com Gowen Baratheon, terceiro filho do detentor do título. A sua única descendência, um rapaz sem nome descrito no volume de Malleon como *um rapaz grande e vigoroso, nascido com a cabeça cheia de cabelo negro*, morrera na infância. Trinta anos antes, um Lannister tomara uma donzela Baratheon como esposa. Ela dera-lhe três filhas e um filho, todos com cabelo negro. Não importa o quanto Ned recuava nas quebradiças páginas amareladas, encontrava sempre o ouro a ceder perante o carvão.

— Uma dúzia de anos — disse Ned. — Como foi que não tivestes filhos do rei?

Ela ergueu a cabeça, em desafio.

— O vosso Robert deixou-me uma vez à espera de bebé — disse, com a voz espessa de desprezo. — O meu irmão encontrou uma mulher para me purificar. Ele nunca soube. Em boa verdade quase não suporto que me toque, e há anos que não o deixo entrar em mim. Conheço outras maneiras de lhe dar prazer, quando abandona as suas rameiras durante tempo suficiente para cambalear até ao meu quarto de dormir. Façamos o que fizermos, o rei está geralmente tão bêbado que na manhã seguinte já esqueceu tudo.

Como podiam ter sido todos tão cegos? A verdade estivera sempre ali na sua frente, escrita nos rostos das crianças. Ned sentiu-se enjoado.

— Lembro-me de Robert como era no dia em que ocupou o trono, cada centímetro dele um rei — disse em voz baixa. — Mil outras mulheres tê-lo-iam amado de todo o coração. Que vos fez para que o odiásseis tanto?

Os olhos dela ardiam, fogo verde na penumbra, como a leoa que era o seu símbolo.

— Na noite do nosso banquete de casamento, da primeira vez que partilhámos a cama, chamou-me pelo nome da vossa irmã. Estava em cima de mim, *dentro* de mim, fedendo a vinho, e sussurrou *Lyanna*.

Ned Stark pensou em rosas azuis-claras, e por um momento apeteceu-lhe chorar.

— Não sei de qual dos dois sinto mais pena.

A rainha pareceu divertida por aquilo.

— Guardai a vossa piedade para vós, Lorde Stark. Não quero nem um bocadinho dela.

— Sabeis o que devo fazer.

— O que *deveis*? — Cersei pousou a mão na sua perna boa, logo acima do joelho. — Um homem a sério faz o que quer, não o que deve. — Os dedos dela deslizaram levemente pela sua coxa, na mais suave das promessas. — O reino precisa de uma Mão forte. Joff não terá idade durante anos. Ninguém quer uma nova guerra, especialmente eu. — A mão dela tocou-lhe o rosto, o cabelo. — Se amigos se podem transformar em inimigos, inimigos podem tornar-se amigos. A vossa esposa está a mil léguas de distância, e o meu irmão fugiu. Sede bom para mim, Ned. Juro-vos, nunca vos arrependeréis.

— Fizestes a mesma oferta a Jon Arryn?

Ela esbofeteou-o.

— Vou usar isto como um distintivo de honra — disse secamente Ned.

— *Honra* — cuspiu ela. — Como vos atreveis a fazer comigo o jogo do senhor honrado? Por quem me tomais? Também vós tendes um bastardo, eu vi-o. Sempre gostava de saber quem era a mãe. Alguma camponesa

de Dorne que violastes enquanto o seu castro ardia? Uma prostituta? Ou teria sido a irmã desgostosa, a Senhora Ashara? Dizem-me que se atirou ao mar. Porquê? Pelo irmão que assassinastes, ou pelo filho que roubastes? Dizei-me, meu *honrado* Lorde Eddard, em que medida sois diferente de Robert, de mim ou de Jaime?

— Para começar — disse Ned —, não mato crianças. Faríeis bem em escutar-me, senhora. Direi isto apenas uma vez. Quando o rei regressar da sua caçada, tenciono colocar a verdade perante ele. Nesse momento já deveis estar longe. Vós e os vossos filhos, os três, e não no Rochedo Casterly. Se fosse a vós, embarcaria para as Cidades Livres, ou até para mais longe, para as Ilhas do Verão ou o Porto de Ibben. Até tão longe quanto os ventos sopram.

— Exílio — disse ela. — Uma taça amarga de onde beber.

— Uma taça mais doce do que a que o vosso pai serviu aos filhos de Rhaegar — disse Ned —, e mais bondosa do que mereceis. O vosso pai e os vossos irmãos fariam bem em ir convosco. O ouro de Lorde Tywin comprar-vos-á conforto e contratará soldados para vos manter em segurança. Ireis precisar deles. Garanto-vos, não importa para onde fujais, a ira de Robert seguir-vos-á, até ao fim do mundo se necessário.

A rainha ergueu-se.

— E a minha ira, Lorde Stark? — perguntou num tom suave. Os olhos dela esquadrinharam o rosto dele. — Devíeis ter ficado vós com o reino. Estava livre para quem o tomasse. Jaime contou-me como o encontrastes no Trono de Ferro no dia em que Porto Real caiu, e o obrigastes a cedê-lo. Esse foi o vosso momento. Tudo o que tínheis de fazer era subir aqueles degraus e sentar-vos. Um erro tão triste.

— Cometi mais erros do que podeis imaginar — disse Ned — mas esse não foi um deles.

— Oh, mas foi, senhor — insistiu Cersei. — Quando jogais o jogo dos tronos, ou ganhais ou morreis. Não existe meio termo.

Ergueu o capuz para esconder a sua cara inchada e deixou-o ali, na escuridão, sob o carvalho, no sossego do bosque sagrado, sob um céu quase negro. As estrelas começavam a surgir.